

UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO

**BLOG'S EDUCACIONAIS E O DESAFIO DO ENSINAR E
APRENDER NA INTERNET: Possibilidades de (re)construção do
fazer pedagógico**

DISSERTAÇÃO DE MESTRADO

THÉLIA THEÓPHILO BEZERRA

Fevereiro - 2008

Brasília – DF

UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO

**BLOG'S EDUCACIONAIS E O DESAFIO DO ENSINAR E
APRENDER NA INTERNET: Possibilidades de (re)construção do
fazer pedagógico**

Thélia Theóphilo Bezerra

**Dissertação de Mestrado apresentada ao
Programa de Pós-Graduação em Educação
da Universidade de Brasília, para obtenção
do grau de Mestre em Educação na área de
interesse Tecnologias em Educação.**

**Orientadora: Prof^ª Dr^ª Ângela Álvares
Correia Dias.**

BANCA EXAMINADORA

Profª Drª Ângela Álvares Correia Dias

Orientadora / FE / UnB

Profª Drª Maria da Glória Noronha Serpa

Membro da Banca/UNICEUB

Profº Drº Marco Aurélio Carvalho

Membro da Banca /CIC/UnB

Profª Drª Raquel de Almeida Moraes

Suplente/FE/UnB

DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho em homenagem (in memoriam) à minha mãe, Maria Júlia Henrique Bezerra, pois apesar de tudo permitiu-me nascer em um momento muito difícil de sua vida que fôra curta, sofrida e incompreendida.

Ao Sr. Djalma Theóphilo Bezerra, meu pai, pelo seu exemplo da persistência e disciplina para chegar onde queria e no tocante à dedicação aos estudos.

Aos meus “pimpolhos”: Júlia, Iago e Igor pelos dias e noites “irrecuperáveis” de convivência que os privei da minha companhia, na esperança de fazer dos que virão os melhores de nossas vidas.

Ao companheiro e amigo Jaiber, pelas tentativas de “segurar a barra” com as crianças, dando-lhes atenção em minhas longas ausências.

A todos os seres especiais que no uso de suas sensibilidades se mostraram mais que amigas, contribuindo com suas críticas construtivas, apoio e luzes, em especial às amigas Adriana Rodrigues Pessoa, Bernadete Menezes de Azevedo e Iraides Peixoto de Miranda que, de muito perto, acompanharam e me ampararam em muitos dos percalços surgidos na minha jornada.

Ao professor e vice-diretor do CEP-ETB, Raimundo Nonato Alves Pamplona, ao compreender e justificar minhas ausências necessárias, especialmente para o atendimento das

formalidades do mestrado.

Dedico também, de coração, à Prof^a Dr^a Ângela Álvares Correia Dias, minha orientadora, por ter me presenteado com essa oportunidade e pela enorme paciência, estímulos e contribuições ricas de múltiplos significados para a construção deste trabalho e, como não poderia deixar de ser, para a ampliação de minha maneira de ver e ler o mundo.

Em tempo algum pude ser um observador “acizentadamente” imparcial, o que, porém, jamais me afastou de uma posição rigorosamente ética. Quem observa o faz de um certo ponto de vista, o que não situa o observador em erro. O erro na verdade não é ter um certo ponto de vista, mas absolutizá-lo e desconhecer que, mesmo do acerto de seu ponto de vista é possível que a razão ética nem sempre esteja com ele.

(Freire, 1996, p.15-16)

RESUMO

A possibilidade de se transformar as relações sociais, em bases mais justas e menos opressoras, mais dialógicas, plurivocais e interativas, passa pelo desafio contínuo dos processos de ensino-aprendizagem calcados na (re)construção do fazer pedagógico.

Diante desse quadro, alguns educadores em muitas de suas iniciativas procuram inserir as novas tecnologias baseadas no uso do computador e Internet, na expectativa de enriquecerem suas aulas. Algumas de suas experiências produzem resultados satisfatórios, outras nem tanto.

Dentre essas experiências, no presente estudo, recortamos do universo de ambientes da Internet alguns Blogs desenvolvidos e classificados como educacionais e que vêm sendo utilizados, segundo seus criadores, para potencializar e estimular a aprendizagem dos mais diferentes conteúdos curriculares.

Nesse sentido, buscamos focalizar nossa atenção para os aspectos apontados nos Blogs, por esses educadores, como elementos-chave para a construção de novos saberes. Portanto, esses elementos, agrupados nessa pesquisa como hipertextualidade, interatividade e dialogismo, foram pesquisados na tentativa de nos aproximarmos de um entendimento um pouco mais claro de seus conceitos, e da sua aplicabilidade no contexto educacional.

Palavras-chave : Blog educacional, hipertextualidade, interatividade, dialogismo.

ABSTRACT

The possibility to transform social relationships in more fair bases and less oppressive, plus dialogic, plurivocal and interactive pass through a continuous challenging of learning-teaching processes based in (re)building of pedagogic doing.

Based in these facts, some educators in many of their efforts to search and insert the new technologies supported by computer and Internet, in the expectation to enrich their classes. Some of their experiences produced satisfactory results, others not so.

Among these experiences, in this study, we cut f some Blogs from universe of Internet, developed and classified as educational by their creators, to potentialize and stimulate the learning of most different curricular content.

In this direction, we searched to focus our attention on these Blogs aspects pointed by these educators, as key elements to build new learning. Therefore, these elements, grouped in this research such as hypertext, interactivity and dialogism, were researched in attempt to search a clearer understanding about their concepts and of their use in educational context.

Keywords: educational Blogs, hipertext, interactivity, dialogic.

SUMÁRIO

1.Introdução	11
1.1.Contextualizando a pesquisa	16
1.2. Justificativa e Motivações	24
1.3. Questões Centrais / Problema de pesquisa	31
1.4.Pergunta	32
1.5.Objetivo geral	32
1.7.Objetivos Específicos	32
2. Aspectos Teóricos e Conceituais	33
2.1.A Internet no contexto educacional:possibilidades de transformação ou permanência da pedagogia tradicional ?	33
2.2.A hipertextualidade e seus contextos	40
2.3.A interatividade na prática do professor e a construção de sentidos	46
2.4.O dialogismo em múltiplas paisagens	54
3. Aspectos Metodológicos	61
3.1 – Um olhar para além das técnicas e metodologias	61
3.2 – Escolhendo os percursos	64
3.2.1 – Pesquisa Exploratória / Explicativa – Primeiro momento	64
3.2.2 – Método de Análise e tratamento dos dados – Segundo momento	68
3.2.2.1 – Métodos Análise de Conteúdo e Análise de Discurso – aspectos históricos	69
3.2.2.1.1 – Panorama da Análise de Conteúdo	73
3.2.2.1.2 – Panorama da Análise de Discurso	73
3.2.3-Método de Análise Documental – Terceiro momento.....	75
4. Análise	77
4.1.Compreender não é explicar	77
4.2.Hipertextualidade no ciberespaço.....	78
4.3.Interatividade para além do <i>mouse</i>	87
4.4.Dialogismo: formas de viver do <i>Eu e do Outro</i>.....	97
5. Considerações finais.....	107
6. Referências Bibliográficas.....	112
7. Anexos	117

LISTA DE FIGURAS

FIGURA 1	Página do Blog Zaptolog.....	81
FIGURA 2	Página do Blog Vamos Blogar	84
FIGURA 3	Página do Blog Opinião.....	89
FIGURA 3.1	Blog Opinião – carregando o vídeo do Youtube.....	90
FIGURA 3.2	Recorte do Blog Opinião.....	91
FIGURA 3.3	Recorte de tema proposto Corrupção, do Blog Opinião... ..	91
FIGURA 3.4	Recorte do Blog Opinião, contendo comentários de alunos.....	92
FIGURA 4	Blog Vidas Secas da professora Marli Fiorentin.....	93
FIGURA 4.1	Blog Vidas Secas – datas de atualização fogem do padrão diário”.....	94
FIGURA 4.2	Recorte do Blog Vidas Secas – desafio de reescritura de texto.....	95
FIGURA 4.3	Comentário 1.....	96
FIGURA 4.4	Comentário 2.....	96
FIGURA 5	Página inicial do Blog Oficina de educação.....	98
FIGURA 5.1	Presença de diversos links para temas relacionados com a educação.....	99
FIGURA 6	Tela de abertura do Blog da escola municipal CAIC Mariano Costa.....	99
FIGURA 6.1	Tela referente à continuação do Blog CAIC Mariano Costa.....	100
FIGURA 6.2	Blog CAIC Mariano Costa. Acesso a vídeo no YouTube.....	100
FIGURA 7	Blog contendo links para tópicos relacionados à educação.....	102
FIGURA 7.1	Segmento do Blog Oficina de Educação,e informes co-relacionados.....	103
FIGURA 7.2	Outro segmento analisado do Blog Oficina de Educação.....	103
FIGURA 8	Blog ABC dos Miúdos, de Portugal.....	105
FIGURA 9	Blog Lendo Histórias, promove participação autoral dos visitantes.....	105
FIGURA 10	Primeiro recorte do Patinho Feio.....	117
FIGURA 11	Segundo recorte do Patinho Feio.....	117
FIGURA 12	Terceiro recorte do Patinho Feio.....	118
FIGURA 13	Quarto recorte do Patinho Feio.....	118
FIGURA 14	Comentário 3	119
FIGURA 15	Comentário 4.....	119
FIGURA 16	Comentário 5.....	119
FIGURA 17	Comentário 6.....	120
FIGURA 18	Comentário 7.....	120
FIGURA 19	Comentário 8.....	120
FIGURA 20	Comentário 9.....	120

1. INTRODUÇÃO

O uso das novas tecnologias baseadas em computador, de um modo geral, permite executar várias ações antes inconcebíveis, tais como: processar informações a velocidades cada vez mais espantosas; obter resultados de cálculos numéricos enormes em poucos milissegundos; tomar decisões rápidas; acessar qualquer informação que queira em um dado instante; receber e enviar os mais diversos documentos em poucos minutos; armazenar todo o conhecimento humano; executar tantas outras tarefas remotamente a partir de sua casa ou trabalho, inclusive divertir-se, trabalhar, ensinar e aprender.

Alguns discursos transmitem a idéia de que essas novas tecnologias apresentam como um dos seus propósitos a democratização e socialização das informações a partir da ampliação do acesso a elas para um universo sem fronteiras de usuários, permitindo-lhes construir novos saberes e com estes uma sociedade melhor, mais plena e feliz. Incluem-se, ainda, nesses discursos a tão propalada inclusão digital como sinônimo de democratização do acesso às novas tecnologias baseadas em computador para uma grande parcela da sociedade que não possuem computadores em casa. Nesse sentido, no Brasil o Governo federal e os estaduais procuram disponibilizar esse acesso por meio de vários programas, desde o financiamento a juros baixos para aquisição de computadores, até a criação de telecentros, a exemplo do Estado de São Paulo, onde vários grupos sociais, em especial os de baixa renda, encontram diversos cursos, aprendem e criam seus e-mails, acessam a Internet e ainda criam grupos virtuais de discussão, páginas pessoais e Blogs.

No entanto, ao afirmarem que a partir dessas facilidades de acesso a sociedade está melhor, surge a dúvida: se desse modo fosse estaríamos vivenciando como resultado da aplicação das novas tecnologias uma sociedade menos opressora, mais justa, mais igualitária em termos de acesso às informações no sentido de serem utilizadas para, de fato, transformarem a sociedade.

A despeito disso, a cada nova tecnologia surgem novos discursos defendendo sua aplicação para aumentar a qualidade de vida da sociedade por meio de melhorias em vários aspectos, e dentre estes situam-se as relações de trabalho bem como a educação. É verdade que o número de usuários que acessam informações oriundas do computador vem aumentando consideravelmente, mas não é o acesso que lhes garante uma construção crítica e significativa desses conteúdos, sejam para exercer uma profissão, sejam para se educarem.

Vale lembrar que as novas tecnologias baseadas em computador contribuem para a reestruturação do sistema produtivo em que algumas atividades humanas são eliminadas

enquanto outras são criadas. Isso exige dos sujeitos uma escolha: manter-se em constante atualização, inclusive da sua qualificação profissional, para atuarem como sujeitos passivos ou críticos-ativos de um mundo globalizado. Essa escolha, para ser consciente, prescinde de uma educação no contexto escolar e acadêmico que faça uso das diversas possibilidades de (re)construção das práticas pedagógicas, permitindo aos sujeitos aprender a pensar com criticidade. Insere-se dentre essas possibilidades o potencial do computador.

Nesse sentido, transitam pelos corredores dos mais simples aos mais sofisticados ambientes escolares e acadêmicos centenas de defesas acerca da relevância das inserções de tecnologias baseadas na Internet para potencializar a (re)construção do fazer pedagógico. Essa importância, segundo tais discussões, apresenta-se como possível solução de melhoria para o processo de ensino-aprendizagem, proporcionando aos alunos e professores uma constante construção de novos saberes na qual substitua a pedagogia rígida e tradicional por uma pedagogia que desenvolva competências como a de aprender a buscar informações, compreendê-las e as utilizá-las em diferentes situações ou contextos. No entanto, ainda há uma tendência a predominar nestes debates soluções prontas e acabadas para as dificuldades dos processos de ensino-aprendizagem.

Acreditamos no uso das novas tecnologias, baseadas na Internet, para a prática docente significativa quando elas e seus meios de comunicação e informação são voltados para possibilidades de criação de sentidos, tanto para o sujeito que ensina quanto para o que aprende. Para esse processo de criação consideram-se as relações dialógicas sociais e culturais de um com o outro, como também as relações invisíveis, porém perceptíveis, do outro consigo mesmo numa espécie de aparente comunicação monológica, como entende Bakhtin¹, necessária ao processo de ensino-aprendizagem.

Essas relações, portanto, são compreendidas no conceito de alteridade, o qual indica uma espécie de diálogo do eu com seu outro. É, desta maneira, na busca do diálogo com o outro que se abrem canais de comunicação a partir dos conceitos de interatividade e da hipertextualidade possíveis em conexão de redes. Nesse sentido, procurou-se ampliar, sem pretensão conclusiva, o entendimento desses conceitos incluindo-se o de dialogismo, a partir da ótica focada no ambiente cibernético de Blogs criados com propósito educativo.

Buscou-se verificar, portanto, a ocorrência ou não da descontinuidade nos paradigmas tecnicistas aplicados à educação e se as ações pedagógicas nesse ambiente proporcionam modos interativos substanciais de sentido para quem ensina e em especial para quem aprende.

¹ - Mikhail Bakhtin, sociólogo russo, um dos teóricos que fundamenta esse estudo, descreve em seu livro *Estética da Criação Verbal* (2003) a existência de um conceito reduzido de diálogo “como uma das formas composicionais do discurso (o discurso dialógico e o discurso monológico). (...) cada réplica é monológica em si (um diálogo mínimo), e cada monólogo é a réplica de um grande diálogo”, e no mesmo parágrafo acrescenta “São possíveis variados graus monológicos.”[Bakhtin:2003:323].

Ou será, simplesmente, a continuidade de um processo de ensino-aprendizagem mecanicista, de ação-reação, e reducionista baseado em padrões cartesianos privilegiando uma construção dos saberes de forma controlada, rígida e organizada de modo seqüencial e linear?

Hoje, esses ideais mecanicistas começaram a ruir, na impossibilidade de lidar com a complexidade e diversidade do mundo contemporâneo. Com esse desmoronamento, surge uma nova visão estética e crítica influenciada pelas novas tecnologias, novas produções culturais, novas mídias. E nessa perspectiva, todos são levados a pensar, a agir em redes, na qual os sujeitos criam suas redes particulares permeadas de sentidos a partir de suas inter-relações com o outro e com as diversas linguagens culturais que atravessam o seu cotidiano.

Nesse movimento, os sujeitos levam para essas inter-relações sua bagagem histórica, que se mesclará aos elementos da bagagem do outro. A partir dessas considerações, nossa proposta de trabalho buscou compreender o Blog – ambiente para inserção de conteúdos, recortando-o do espaço virtual, para constituí-lo como objeto de estudo em contexto educacional. Nos dias atuais, é dos ambientes comunicacionais que mais tem sido utilizado por um número crescente de usuários dado a sua facilidade de criação e atualização.

O Blog é uma mídia em que permite-se gerar conteúdos ilimitados e diversificados a uma velocidade espantosa e divulgá-los quase que instantaneamente no espaço cibernético. Insere-se no contexto do ambiente virtual, e conforme Marcuschi (2004) é um dos gêneros textuais digitais emergentes na contemporaneidade, inaugurando um novo espaço de comunicação mediado por computador ou “comunicação eletrônica”.

Esse estudo possibilita ao leitor compreender os Blogs como redes sociais que podem potencializar transformações na linguagem por meio de relações e conexões de múltiplas ‘vozes’ sociais que se reproduzem de diferentes maneiras. Essa multiplicidade de vozes e maneiras de conceber conteúdos encontram no rizoma sua melhor expressão, termo que tomou-se emprestado da Botânica para designar algumas plantas cujos brotos se transformam em raiz, caule, ramo ou talo independente de sua localização na estrutura delas.

No sentido epistemológico sustentado por Deleuze e Guattari (2006), associa-se ao rizoma a não prevalência de uma voz sobre as demais vozes, ou uma maneira particular e única de se formular conteúdos em relação às outras maneiras, ou seja, sem hierarquias e sem verticalidades. Essa apreensão do significado de rizoma facilitará, nessa pesquisa, o alargamento conceitual da hipertextualidade, interatividade e do dialogismo, ou polifonia, os quais buscou-se observar nos Blogs educativos visitados.

Dessa maneira, nossa proposta de pesquisa se assentou no convite à análise desse espaço virtual, emergido das novas tecnologias e de ações pedagógicas que vêm ocorrendo

nesse mesmo espaço. Para tanto pretendeu-se observar, sob a luz de múltiplos aspectos qualitativos, como se formam e se desenvolvem os espaços dos Blogs educacionais no decorrer de certo tempo, tendo como referência de análise as seguintes categorias conceituais: a hipertextualidade, interatividade e dialogismo trabalhados por alguns autores consonantes, ou não, aos olhares do pensador russo Mikhail Bakhtin.

No capítulo da hipertextualidade, discorre-se sobre o que foi percebido como elementos enriquecedores do ambiente virtual, em que se mesclam variados discursos ou textos como: imagéticos em movimento ou não, sonoros, videográficos entre outros. Intencionou-se, perceber que a hipertextualidade não se atem apenas a reunir esses diferentes textos em um suporte virtual.

A interatividade é um outro termo bastante utilizado pelas mais diversas áreas da atividade humana. Fala-se muito em tv interativa, outros equipamentos eletro-eletrônicos considerados interativos, programa interativo, pessoas interativas, interatividade homem-máquina, entre outros. . Mas, afinal, o que se entende por interatividade na Internet? Até que ponto pode-se afirmar que um programa educacional de computador ou um Blog usado para ensinar algo permitem a interatividade? E se há interatividade garante-se a quem ensina e a quem aprende nessas salas virtuais a produção de sentido? Em relação ao dialogismo, pretendeu-se, na pesquisa, demonstrar que a construção e (re)construção dos saberes são vivenciadas de vários modos, permeadas pelas relações dialógicas sócio-culturais dos sujeitos nesses espaços. Ou melhor, o conhecimento de algo, ou sobre algo, ocorre a partir do entrelaçamento das várias observações e falas dos sujeitos no decorrer do tempo, e que essas geralmente se produzem muito mais pelo conflito do que pela afluência de suas idéias sobre o que fora observado. Assim o conceito de dialogismo não é visto como um elemento de apenas harmonia, consenso, ou de encontro de idéias, pelo contrário.

Além do mais, o diálogo em nosso estudo compreende, também, àquele em que os sujeitos buscam estabelecer com o seu outro eu, em certos momentos vistos por Bakhtin como monológicos, ou com o outro, o qual poderá ser um sujeito ou um objeto tornado sujeito por quem o observa. Desse modo, faz sentido esclarecer que no diálogo há a expressão do discurso ou enunciado de um sujeito e que poderá ser apreendido ou não pelo outro conforme esse outro relacione com o seu discurso interior.

Com esse embasamento teórico, foi dada continuidade à pesquisa para a qual adotamos os seguintes instrumentos fundamentados por uma perspectiva indutiva e multimetodológica: pesquisa exploratória /explicativa; análise de discurso e método de análise documental.

No capítulo referente à análise de dados, abordamos para cada categoria – hipertextualidade, interatividade e dialogismo, o que apreendemos desses elementos nas

observações realizadas em alguns Blogs educacionais transformados em nosso objeto de pesquisa. Diante das expectativas iniciais geradas engendrou-se um certo desconforto ao percebermos que dos muitos aspectos positivos, apontados por alguns professores em relação ao uso dos Blogs em contexto educacional, encontram-se, ainda, um pouco distante de serem reais. Contudo, percebeu-se também a enorme potencialidade que esse ambiente virtual dispõe no sentido de possibilitar aos professores com visão e formação na informática educativa, a construção coletiva e crítica dos saberes. Sabendo, eles, que tudo isso é um processo contínuo do ensino-aprendizagem e que se desse modo for engendrado poderão promover a transformação da sociedade.

O estudo sugere repensar novas perspectivas do fazer pedagógico na Internet, e em especial nos Blogs educativos, considerando a aprendizagem como um processo de negociação e participação coletiva em que se ofereça possibilidades de co-criação de significados e produção de sentidos.

Propõe-se, portanto, que essas possibilidades de relações dialógicas, pautadas na multiplicidade dos discursos sociais em rede, possam estar presentes nos Blogs, buscando diminuir as barreiras entre a linguagem escrita e a oral.

1.1. CONTEXTUALIZANDO A PESQUISA

Vivemos em uma nova era.

Uma nova era com a consolidação da internet como um grande repositório de dados e agente transformador de processos e meios de comunicação.

Uma nova era dentro da própria internet, que, por ser global e encurtadora de distâncias, viabilizou a contribuição, opinião e inteligência em massa.

Uma nova era em que o mercado e as pessoas passaram a gostar de interagir, opinar, participar e ajudar.

Uma nova era de constante formação de opinião, reforçada pelo lançamento de websites que potencializam ainda mais a voz das pessoas.

A era dos Blogs.

[Cipriani:²2006]

É surpreendente o número de Blogs circulando na Internet, confirmando a sua grande popularização, se comparado ao número de páginas pessoais desenvolvidas nos últimos três anos. Segundo matéria de capa mais recente da revista *Época* (Julho-2006) sob o título : “Blogs : Como eles estão mudando a vida de todos nós”, a quantidade de Blogs criados em todos os idiomas ultrapassou sessenta vezes a quantidade que havia a três anos, bem como é maior que os quarenta milhões de páginas pessoais produzidas. E com certeza nesse exato momento estaremos desatualizados em relação a esse número.

Basta citar, para se ter uma idéia da dimensão da Blogosfera, o levantamento feito por um dos maiores catalogadores de Blog no mundo, o sítio Technorati, informando que são desenvolvidos setenta e cinco mil Blogs por dia, representando um novo Blog a cada segundo. A Technorati foi citada pela revista *Época* como “a fonte mais confiável e atualizada de informações sobre o que se faz na Blogosfera” [julho/2006:pág.99]. Fábio Cipriani em seu livro *Blog Corporativo* (2006), no qual discorre sobre estratégias mercadológicas para uso dos Blogs, também afirma:

A ferramenta de busca por Blogs mais conhecida, e uma das pioneiras no assunto, é a Technorati (www.technorati.com). (...). Por meio dessa página, os Blogueiros têm a possibilidade de se registrar e colocar assuntos (tags) associados com o Blog de sua autoria, deixando os resultados da busca ainda mais precisos.

É possível fazer uma pesquisa por palavras-chave, por assunto ou palavras-chave dentro de um assunto (tags), ver quais são os Blogs que estão fazendo referência ao seu Blog (...)

² - Fábio Cipriani, Master of Science in Wireless Systems pelo Politécnico di Torino em Turim – Itália, escreveu o livro *Blog corporativo*, em que aborda a importância estratégica que o uso de Blogs representa para as corporações.

A Technorati fornece também um ranking dos melhores Blogs (ranking dos Blogs mais referenciados por meio de links) e traz a lista dos Blogs preferidos por pessoas de influência na Blogosfera)[Cipriani:2006:124].

Conforme levantamento de outra fonte conhecida, a Pew Internet & American Life Project – instituição americana voltada ao estudo do impacto da Internet, diariamente cerca de cinquenta e sete milhões de estadunidenses acessam algum tipo de Blog.

E nesse contexto o Brasil não ficou atrás. Lançou-se recentemente o BlogBlogs – www.BlogBlogs.com.br, catalogador de Blogs brasileiros, que em apenas três meses contabiliza mais de oitenta e cinco mil Blogs catalogados. Segundo a revista Época, esse quantitativo de Blogs disputam o interesse de pelo menos vinte e cinco por cento (25%) dos vinte milhões de internautas brasileiros que diariamente acessam esse espaço virtual. É um número significativo que não pode ser desconsiderado para efeito de estudos e análises.

Para se compreender a razão de tais fatos exige-se descer o olhar sobre as particularidades da Blogosfera. O Blog nasceu vitorioso pois transformou-se rapidamente em um fenômeno de produção hipertextual à frente das páginas pessoais pela facilidade de criação e publicação imediata de conteúdos diversos no espaço cibernético. Outra particularidade atrativa do Blog é a de permitir inclusão, alteração ou exclusão de conteúdos online em qualquer parte do mundo e por qualquer internauta.

Mas, não é apenas por isso que se tornou um fenômeno. O sucesso da Internet tem como pivô a historicidade do sujeito enquanto um ser social, e desse modo esse mesmo sujeito está sempre em busca do outro para se comunicarem, se relacionarem seja na forma oral, mímica, imagética, sonora ou escrita. Observando-se o Blog como ambiente de possibilidades hipertextuais, permitindo reunir a maioria daqueles instrumentos de comunicação de forma agradável, rápida, interativa, e dotado de potencial para diálogos, ainda que assíncronos, faz desse espaço um chamariz do interesse dos internautas.

Isso porquê as pessoas desejam conversar, dialogar umas com as outras, escutar suas opiniões, suas críticas. Aqui está o ponto fundamental que difere o Blog de uma página pessoal: no Blog permite-se a participação de terceiros, estabelecendo-se uma espécie de diálogo entre o iniciador do Blog e a comunidade que visita seu espaço. A partir daí a construção do Blog passa a ser coletiva, aberta e online. Isso não ocorre na construção de páginas pessoais, cuja utilização da ferramenta de criação exige conhecimentos mais específicos e tomam um tempo maior do internauta.

O marco histórico do primeiro Blog, segundo a revista Época [julho/2006:102], conhecido como links.net, data de janeiro de 1994, e fora criado por um estudante norte-

americano chamado Justin Hall. Porém, Hugh Hewitt, professor universitário da Chapman University e autor do livro *Blog: Entenda a revolução que vai mudar seu mundo*, afirmou que: “O primeiro Blog surgiu em 1999.”[2007:9], mas não teceu maiores detalhes em relação à origem. Porém é de relevância o enfoque dado em seu livro sobre a Blogosfera, em que cita o seguinte trecho esclarecedor:

A novidade da blogosfera é que não há barreiras à entrada em um mundo que oferece uma platéia quase ilimitada. Ponto fundamental: *oferecer*, não garantir. Qualquer um pode inserir um post, e se merecer ser lido, será lido. Há um enorme número de pessoas buscando sabedoria e entretenimento. Seja seu produto análise econômica, promoção da Nascar, fofocas sexuais ou provocações políticas, a blogosfera dará a você a oportunidade de vender seu produto textual. [Hewitt:2007:137].

O termo “weBlog” que deu origem ao Blog foi cunhado em 1997 pelo internauta John Barger. Em 1999, outro navegante, o programador Peter Merhollz, dividiu o termo em dois – “we Blog” significando “nós Blogamos”, daí popularizando-se o termo Blog.

Em agosto do mesmo ano surge a primeira ferramenta popular para criação de Blogs, o Blogger.com impulsionando, a partir daí, a disseminação de Blogs que se tornaram conhecidos em todo o mundo tais como alguns listados pela mesma revista: o Boing Boing tratando de novidades na Internet, o Dooce da designer Heather Armstrong, o Gizmodo de Nick Denton, o Blogads para artigos publicitários em Blogs, o Gawker voltado para fofocas, o Blog do iraquiano Salam Pax tratando do ataque americano à Bagdá, o Interney do programador brasileiro Edney Souza sobre tecnologia e variedades, o Blog do jornalista Ricardo Noblat sobre política, o Blog esportivo do jornalista Juca Kfourri.

Por outro lado, Blogs voltados para a educação e cultura em geral também estão engrossando a lista das iniciativas usando esta ferramenta. Nesse sentido, as experiências com Blogs educacionais, no Brasil, vêm sendo realizadas por instituições de ensino e pesquisa e por professores visando os seguintes objetivos: discutir sobre as inserções das novas tecnologias no ambiente educacional; criar espaço para desenvolver atividades disciplinares com seus alunos; capacitar professores a trabalharem com as possibilidades da Internet, entre outros.

Para exemplificar melhor, dentre os vários Blogs pesquisados e que se encontram nas referências bibliográficas desta pesquisa, podemos citar: o Blog da professora Suzana Gutierrez, <http://planeta.terra.com.br/educacao/Gutierrez/Blogs/zapt> ; do CAIC Professor Mariano Costa na cidade de Joinville – SC, <http://caicmariano.Blogdrive.com> , valendo informar que foi novamente citada em matéria da revista Nova Escola [edição 195 – set/2006] e o **Trocando Letras**: (<http://br.geocities.com/marlifiore/Caxias/Blogs.htm>) - desenvolvido por

Marli Lenir Dagnese Fiorentin – Rio Grande do Sul.

Nesses Blogs encontraremos relatos diversos, inclusive de professores, apresentando-os como um espaço virtual em que os sujeitos têm a liberdade de expressar o seu pensar, os seus desejos, sua crítica, seus aplausos, e na mesma medida colocam-se na berlinda ao permitir que terceiros intervenham no ambiente expressando também seus pensamentos, seus desejos, suas críticas e aplausos.

Assim, para muitos professores, os ambientes dos Blogs são valiosos e significativos como podemos observar na fala da professora, pesquisadora e organizadora do Blog **Zaptlogs**, Suzana Gutierrez da UFRGS em cuja dissertação de mestrado defende o Blog como espaço intertextual, polifônico, colaborativo:

A meu ver, os weBlogs terão cada vez maior importância, especialmente na comunicação e na educação. (...).

De expressão unicamente individual tornou-se uma forma de publicação em co-autoria. O contínuo fluxo de informação entre Blogueiros deu origem a verdadeiros webring⁶. Estas comunidades de weBlogs interligados confirmam a polifonia e a intertextualidade já constatadas em ambientes virtuais.

Por todas estas razões, os weBlogs vêm se consolidando como ambientes de construção cooperativa do conhecimento. Neles, o processo de construção ocorre de forma livre e aberta, promovendo o uso social da informação e do conhecimento, colocando estes como direito de todos.

Penso que os weBlogs, usados em projetos educacionais, podem desencadear entre os participantes o exercício da expressão criadora escrita, artística, hipertextual. Pela sua estrutura, permitem o exercício do diálogo, da autoria e co-autoria, inclusive na alteração da própria estrutura. Eles possibilitam, também, o retorno à própria produção, a reflexão crítica, a re-interpretação de conceitos e práticas [Gutierrez: 2003:7].

Percebe-se, nessa colocação, que no Blog cada um dos sujeitos manifesta-se por meio de referências ao outro, buscando, assim, estabelecer a construção e (re)construção de diálogos com uma platéia virtual. Cada um nesse espaço inspira o outro e por ele é inspirado; comenta e influencia o outro e por ele é também comentado e influenciado, constituindo-se uma conspiração consentida a favor ou a desfavor do outro. Pois, a medida que um sujeito expõe no Blog suas idéias abre-se espaço para que o outro apreenda seu discurso inclusive produzindo um contra-discurso, idéias contrárias às suas, mas nem por isso destituídas de sentido. Esse pensamento, que faz lembrar o dialogismo e a interatividade, quebrando fronteiras geográficas, norteou o artigo publicado na revista Nova Escola, em que se afirma:

Crianças e jovens em rede trocam informações e experiências ou simplesmente participam de conversas animadas graças ao projeto **O Lugar Onde Moro**, uma iniciativa do Caic Mariano Costa, de Joinville (SC), voltado para 3ª e 4ª séries. Assim, em Cataguases, na Zona da Mata mineira, Lorena Narciso de Oliveira, 9 anos, da 4ª série da EE Guido Marlière, descreve o bairro onde vive e o compara com o de amiguinhos virtuais, não só de Joinville mas também de Fortaleza, Marabá (PA), Charneca de Caparica e Vila do Conde (ambas em Portugal). São alunos de escolas onde os computadores não constituem novidade e que já desenvolvem projetos interativos, trabalhando diretamente com publicação e edição de textos e imagens (fotos, desenhos e animações). [edição 195 – set/2006]

Nesse contexto, não se faz distinção de classe social, sexo ou partidarismos. Constitui-se em espaço democrático permitindo ao sujeito, minimamente letrado, sair do anonimato fazendo-se conhecer pelo espaço virtual. Para a professora Gládis, citada no mesmo artigo:

A garotada se sente estimulada a pesquisar, ler e escrever melhor com o bate-papo e uma farta produção de textos publicados em Blogs - ferramenta do mundo virtual que permite aos usuários colocar conteúdo na rede e interagir com outros internautas, enriquecendo os relatos com links, fotos, ilustrações e sons. [Nova Escola:- set/2006].

Porém, a professora adverte: “Mas só há ganho em aprendizado se os professores desempenharem seu papel de mediadores, isto é, se acompanham e sugerem atividades, ajudam a solucionar dúvidas e estimulam a busca de novos conhecimentos.”

Outro exemplo de Blog voltado para a educação é a da professora Marli Fiorentin. Contudo, o seu Blog, **Trocando Letras**, apresenta uma proposta diferente de espaço para trocas de experiências entre educadores. Fiorentin informa que:

O Blog Trocando Letras, comunitário, nasceu para educadores refletirem a própria prática pedagógica do uso das tecnologias, compartilhando experiências de sala de aula, especialmente com os próprios Blogs. Desenvolvido por mim e outras educadoras de Santa Catarina, está aberto a outros educadores que tenham interesse. [último acesso em 15/4/2007].

No seu espaço virtual encontramos textos que remetem a outros textos por meio de links inseridos e destacados em forma de palavras-chaves, assim como convites abertos à participação de mais educadores que utilizam-se das novas tecnologias, ou que desejam iniciar-se no uso e aplicação de seus próprios Blogs, para enriquecer suas práticas ou simplesmente para inserirem seus comentários e trocar experiências.

Portanto, uma gama enorme de pessoas apoderam-se dos Blogs como um instrumento de força, é sua mídia de poder se contrapondo em vários momentos à mídia tradicional e poderosa. Contribui para essa visão parte dos textos de Salam Pax, reunidos no livro *O Blog de Bagdá*, em que se mescla em seu Blog senso de humor com investidas políticas, econômicas e sociais em um país envolto na guerra, dialogando com as contra-informações divulgadas pela mídia formal, em especial a norte-americana.

E graças ao seu acervo de informações externas e internas, centradas de certo modo na sua vivência entre o Iraque e a Europa, procurou colocar, na sua visão, os pontos nos “is”, mas também usou de certa maestria em reconhecer que sua pessoa sofreu transformações ao expor, para o mundo, em seu Blog suas idéias e em especial acolhendo também os comentários postados por diversos Blogueiros espalhados pelo mundo.

Assim, para ilustrar o contexto da presente pesquisa, vale à pena ler os seguintes trechos de suas falas postadas no seu Blog, transcritas no livro em questão, no sentido de fazer que se perceba nas entrelinhas a importância que ele atribuía ao Blog como possibilidade de apreender visões de mundo por várias perspectivas e nele inserir vozes, em especial às de seus pares, que se querem ouvidas e sentidas:

(...) contarei para vocês algumas coisas que me fizeram sorrir.

1. Ler os e-mails que recebi de *Legendary Monkey*, Kashei e Diana. Obrigado. Foi ótimo receber carinho.
2. Ter alguns de meus posts eleitos “Slogan do dia” no *Samizdata.net*, e receber a “dúbia honra de um link permanente”. Preparem-se para muita terminologia relacionada a Blogs no futuro. Temam meu Blog-cabulário.
3. (...) Joe me acrescentou aos links em seu Blog. Sou um dos novos links, assim como o Letter from Gotham (isso faz eu me sentir meio especial).
4. Meu irmão mais novo decidiu iniciar seu próprio Blog em grupo, junto com amigos ao redor do mundo. Finalmente o corrompi. Agora posso fingir que não estou lendo o weBlog dele, assim como ele finge que não lê o meu. **UM BLOG PARA CADA IRAQUIANO!** – [Pax:2003:36].

E mais à frente, em uma clara demonstração de alteridade, ele dialoga com um dos visitantes do seu Blog:

Você diz: “É mais fácil conversar com pessoas que partilham as mesmas origens e concepções, mas é mais recompensador compreender o resto do mundo, e ser compreendido em troca”.
Acredite, eu sei disso. Tive recompensas imensas. Minha vida não foi apenas enriquecida por

tudo a que fui exposto, mas também muito transformada. Nos comentários, você escreveu “eu quero saber mais sobre as novelas de televisão egípcias também. É egoísmo de minha parte, mas quero ser convidado para a festa”. Não acho que seja egoísmo. Esta também é a razão pela qual leio weBlogs, até mesmo aqueles que são muito pessoais. É uma espiada em um mundo que eu posso nunca ter visto antes e em geral, como você diz, é muito recompensador. [Pax:2003: 83].

Como se percebe, os Blogs estão presentes para onde quer que se direcione o olhar pela Internet, rompendo fronteiras antes inimagináveis inclusive àquelas pessoais, são empresas jornalísticas, ou jornalistas independentes, provedores de acesso à internet, profissionais liberais, donas de casa, estudantes em geral, entre tantos outros exemplos. É nesse sentido que John Batelle, jornalista e professor da Universidade da Califórnia – Berkeley (Estados Unidos), colaborador do Blog Boing Boing – o mais popular do mundo, e um dos fundadores da revista Wired, ao conceder entrevista ao semanário *Época* declarou:

Blogs são um tipo de mídia, e a mídia tradicional é tão ameaçada quanto fascinada pelos Blogs(...). Os Blogs são o primeiro passo para que todas as pessoas alfabetizadas tenham sua própria plataforma no mundo. Um espaço onde elas possam declarar quem são, o que querem e o que pensam. (...) .Empresas tradicionais de mídia controlam todo o conteúdo que possuem e ninguém controla os Blogs, exceto seu autor e a comunidade que interage com ele(...). Blogs são uma forma diferente de mídia, não mediada, mais direta. Tem mais a ver com desempenho do que com um pacote fechado de produtos.[Batelle. Revista *Época*-31/07/2006-pág.103].

Esse mar de Blogs que se entrecruzam e inter-relacionam mesclando diálogos é conhecido como Blogosfera, e os sujeitos que interagem nesse ambiente são denominados de Blogueiros. Somos, portanto, levados a criar, aceitar e a usar neologismos que vão sendo tecidos pela grande rede, onde todos podem exercer variados papéis como autores e leitores de mundos que se entrecruzam continuamente.

Portanto, para muitos observadores desse novo espaço digital, a Blogosfera está confirmando as maiores promessas da Internet: a interatividade e a liberdade de expressão. Concebem a interatividade nesse espaço pela possibilidade do Blogueiro permitir inserções textuais de terceiros aos seus próprios textos, compreendendo essas inclusões como imagens, textos, fotos, vídeos, sons e até links para outros Blogs ou sites.

E, quanto à liberdade de expressão reside na possibilidade de construção livre de textos para leitura e escrita, dada àquele que tem acesso à Internet e conhecimentos básicos da ferramenta Blog. O software Blogger, como citado anteriormente, foi a primeira ferramenta lógica para se desenvolver Blogs como um ambiente online de divulgação de conteúdos

diversos criados por apenas uma pessoa ou por uma comunidade.

Esse programa é uma ferramenta popular de construção simples para produção e difusão de textos online. A facilidade desse ambiente em permitir sua alteração textual, inserção de imagens e sons, não apenas por um mas por vários sujeitos, caracteriza o Blog como um espaço hipertextual assim classificado pela maioria dos Blogueiros, aqueles que compõem essa nova comunidade virtual

Não exige, portanto, para sua implementação, conhecimentos aprofundados de linguagem de construção hipertextual, tecnicamente conhecida como marcador de texto ou HTML – (HyperText Making Language). Esse ambiente hipertextual assemelha-se a outros já conhecidos o que contribuiu para sua grande aceitação entre os internautas-Blogueiros.

Encontram-se nessas comunidades públicos de diversas faixas etárias cujas finalidades, a priori, é a de expor suas opiniões sobre inúmeros assuntos tais como: aventura, esporte, arte, poesia e música. Como manifestação livre de diferentes idéias propicia circular diferentes temas: vida íntima, política, matérias jornalísticas, propaganda eleitoral, satirização, denúncias entre outros.

Uma boa parte dos Blogs apresentam links para outros Blogs que tratam de assuntos semelhantes, e numa atitude aberta e de pensamento em rede inserem também links para Blogs de assuntos diversos. Por exemplo, no Blog **Trocando Letras** (<http://trocandolettras.zip.net/>), em meio a hipertextos tratando de experiências e projetos educacionais encontra-se um link para o **Blog da Vovó** (<http://Blogdavovo.Blogspot.com/2007/04/>) em que alunas da terceira idade publicam poesias, dicas de moda, etiqueta e beleza, receitas, saúde, além de outros assuntos.

Em meio a tantas possibilidades, a intenção primeira do uso desse suporte tecnológico é a de atender a uma necessidade humana de se fazer “ouvir” pelo mundo afora expondo contentamentos ou revoltas (no entender de Bakhtin, “vozes sociais”) e permitindo a terceiros participarem, compartilharem e refutarem de suas colocações por meio de comentários sobre o que expôs. Desse modo, conforme as palavras de Fabiana Cristina Comesu em seu artigo “Blogs e as práticas de escrita sobre si na Internet” (2004:113):

O Blog é concebido como um espaço em que o escrevente pode expressar o que quiser na atividade da (sua) escrita, com a escolha de imagens e de sons que compõem o todo do texto veiculado pela Internet. A ferramenta empregada possibilita ao escrevente a rápida atualização e a manutenção dos escritos em rede, além da interatividade com o leitor das páginas pessoais.

Nesse sentido, não é de se admirar, portanto, o crescente interesse por parte de educadores em incorporar estes ambientes nas suas práticas e ações pedagógicas, buscando

estabelecer novas propostas que possibilitem transformar o status quo da educação. Pois, em um mundo que exige essa transformação, as palavras de mudanças muitas vezes citadas por Paulo Freire possuem esse mesmo sentido, essa mesma vontade de fazer uso da História para se romper determinismos, a idéia da inexorabilidade. Esse grande mestre diz : “É o saber da História como possibilidade e não como determinação. O mundo não é. O mundo está sendo.”[1996:pág.85]. Ele nos convida para a reflexão bem como para a ação, pois:

(...) meu papel no mundo não é só o de quem constata o que ocorre mas também o de quem intervém como sujeito de ocorrências. Não sou apenas objeto da *História* mas seu sujeito igualmente. No mundo da História, da cultura, da política, *constato* não para me *adaptar* mas para *mudar*. (...). Constatando, nos tornamos capazes de *intervir* na realidade, tarefa incomparavelmente mais complexa e geradora de novos saberes do que simplesmente a de nos adaptar a ela.[1996:85-86].

Desse modo, os professores citados em nossa pesquisa procuraram operacionalizar o espaço dos Blogs de modo a que estimulassem, com suas mediações, seus alunos a aprenderem os conteúdos em um processo de reconstrução, sendo críticos observadores e reformuladores das questões propostas para estudo.

E segundo suas intenções, buscaram agregar qualidade e quantidade de informações construídas, nesse ambiente virtual, em parceria com seus alunos comparados aos meios tradicionais destituídos de aparato tecnológico. Pois, na perspectiva desses educadores, os Blogs proporcionam um espaço para o trabalho interativo, colaborativo e dialógico. Embora, admitam que não é apenas o uso de aparatos tecnológicos, seja na forma de equipamentos ou de programas de computador, que garantirá ao aluno aprender melhor do que aprenderia pelos métodos tradicionais ou que vá transformá-lo em um sujeito mais crítico e consciente de seu papel e importância para a e na sociedade.

1.2. JUSTIFICATIVA e MOTIVAÇÕES

A curiosidade e questionamentos sempre fizeram parte de minha vida no sentido de não me contentar com as “aparências” de tudo que via, lia ou escutava, e, do mesmo modo, com as respostas que eram dadas às minhas perguntas. Assim como qualquer criança, eu me envolvia em tantas perguntas a ponto de querer saber o porquê dos porquês daquilo que me respondiam.

E mesmo assim continuava insatisfeita, em alguns momentos, com algumas das respostas. Percebia que poderia haver outras que fossem possíveis mas não sabia como chegar a

elas. Desse modo, com o passar do tempo, algumas dúvidas foram esclarecidas e outras foram se acumulando a novas interrogações que surgiam.

A motivação para este trabalho de pesquisa representa uma dessas interrogações. Baseando-me na revisão da literatura, nos relatos de alguns colegas professores que, segundo eles, obtiveram sucesso na aplicação da ferramenta Blog para potencializar a aprendizagem de seus alunos, e na leitura de uma das edições da revista Escola abordando de forma entusiasta a mesma ferramenta, decidi verificar como esse potencial está sendo colocado na prática. Com esse propósito, os estudos e observações sobre os Blogs em contexto educacional poderiam nos subsidiar de informações que facilita-se a percepção de suas potencialidades para a promoção de uma aprendizagem coletiva, cooperativa e interativa a exemplo de outras ferramentas ou ambientes virtuais considerados, por pesquisadores desses espaços, como ideais para a construção e transformação de conhecimentos a uma velocidade maior que nos moldes tradicionais. Conforme as palavras de Behrens³, enfatizando a aprendizagem colaborativa sob o novo paradigma digital,

Para romper com o conservadorismo, o professor deve levar em consideração que, além da *linguagem oral* e da *linguagem escrita* que acompanham historicamente o processo pedagógico de ensinar e aprender, é necessário considerar também a *linguagem digital*.

(...)

Os alunos passam a ser descobridores, transformadores e produtores do conhecimento. [Behrens:2002:75].

Essa autora enfatiza a ação pedagógica no sentido de formar e valorizar uma visão histórica da produção do conhecimento em que o sujeito assume papel “crítico e inovador”(2002:86) fazendo-o conscientizar-se, porém, da efemeridade e relatividade dos saberes. Behrens, retomando a classificação do ciberespaço como possibilidade para a troca colaborativa e dialógica entre os sujeitos, declara:

A Internet permite a formação de grupos de discussão por meio de chats e *fóruns*, que possibilitam o acesso de alunos e professores como usuários do sistema para compartilharem informações sobre determinado assunto de interesse comum (...). Esse processo se amplia com a possibilidade de dialogar com outros usuários do sistema. A Internet possibilita derrubar muros e fronteiras do conhecimento (...)

O uso da Internet com critério pode tornar-se um instrumento significativo para o processo

³ - Marilda Aparecida Behrens escreveu o segundo capítulo do livro *Novas tecnologias e mediação pedagógica*, cujo título é *Projetos de Aprendizagem Colaborativa num Paradigma Emergente*.

educativo em seu conjunto. Ela possibilita o uso de textos, sons, imagens e vídeo que subsidiam a produção do conhecimento. Além disso, a Internet propicia a criação de ambientes ricos, motivadores, interativos, colaborativos e cooperativos. [Behrens:2002:99].

Observa-se que ao substituir a palavra Internet acima pela palavra Blog, parece-nos que estamos falando da mesma coisa, como se Blog fosse sinônimo de Internet. Faz perceber que as possibilidades de uso desses espaços são as mesmas para se criar ambientes motivadores, interativos ou colaborativos. Afinal, não seria tão diferente, o Blog pode ser visto como uma espécie de ferramenta do gênero digital conhecido por Internet. Foi considerando, desse modo, essas e outras impressões que enveredei por caminhos experimentais da Blogosfera acompanhando, interferindo com meus comentários e observando alguns Blogs em contexto educacional bem como alguns de cunho jornalístico, esportivo e até pessoais como os exemplificados em nossas referências.

E assim, no transcorrer dessa experiência, destituída, a princípio, de fundamentos teóricos mas com intenção de apenas observar o que aconteceria, apercebi-me também entusiasmada com a nova ferramenta. Levada por esse entusiasmo, ensaiei com meus alunos algumas incursões por esse ambiente, usando um terço do tempo da aula para explorarmos livremente a Blogosfera, trocar nossas dificuldades e incluir tarefas de nossa disciplina. Atuavam, aparentemente, de forma participativa, talvez levados pela novidade tanto quanto eu mesma, dando opiniões sobre o que os colegas escreviam além de ajudar aqueles que tinham dificuldades para trabalhar com a ferramenta.. No entanto, em uma das turmas um dos meus alunos questionou se realmente haveria utilidade prática para a experimentação deste ambiente virtual, pois ele achava que não seria interessante usar uma parte da aula para tais incursões e que estaríamos perdendo tempo.

Naquele momento "senti na pele" o quanto um conhecimento mais científico estava me fazendo falta, inclusive por me vir à memória a discussão com os demais professores do Centro de Educação Profissional Escola Técnica de Brasília (CEP-ETC), na qual atuo como coordenadora da área de informática, sobre a validade de tais ferramentas. Em relação ao aluno não me fiz de arrogada e respondi-lhe que talvez tivesse razão, mas não ficaríamos sabendo se não experimentássemos, pois só assim poderíamos chegar a alguma conclusão. Pareceu-me que o convenci, porque foi um dos primeiros que mais expressou suas experiências com programação naquele espaço. Mas não fiquei satisfeita, ou melhor, não me convenci.

Diante do ocorrido, retomei os questionamentos de outrora que me levaram a experimentar o uso do Blog acrescentando-lhes as dúvidas do meu aluno. Como verificar se ele tinha ou não razão e de que modo eu poderia encontrar respostas que pudessem satisfazer

aquelas indagações e as dos demais professores?

Ao longo da nossa pesquisa, fomos trilhando vários caminhos que nos aproximassem de algumas respostas para as questões dentre as quais podemos citar: quais os critérios que devem ser considerados ao utilizar-se das tecnologias emergentes, na educação? E, em se tratando do software para Blogs o que esse pode oferecer além dos recursos técnicos? Como se manifestam os conceitos de hipertextualidade, interatividade e dialogismo na construção da linguagem nos Blogs educacionais? E, ainda, se - sob a perspectiva bakhtiniana, em especial - os Blogs educacionais estão contribuindo para a criação dialógica de sentidos, como defendem alguns professores citados nesta pesquisa.

A par disso, ficou clara a inviabilidade de se responder todos os questionamentos que foram surgindo no curto espaço de tempo definido pelas normas dissertativas da academia, para a qual recomenda-se a escolha de algumas perguntas julgadas mais relevantes.

Os questionamentos selecionados necessitavam de olhares sob outras perspectivas uma vez que parecia haver influências da escola tradicional camufladas na valorização das novas tecnologias. Essa impressão se deu quando percebeu-se uma hegemonia nas opiniões constantes nas poucas literaturas disponíveis e consolidadas a nível acadêmico que pudessem ser averiguadas. Pois, as experiências conhecidas sobre Blogs no âmbito educacional apontavam para um consenso de que esse ambiente é hipertextual, interativo e dialógico, como pode-se observar nas falas da professora Suzana Gutierrez, citadas logo acima na contextualização dessa pesquisa.

Esses posicionamentos levam a crer na importância de se analisar os Blogs sob uma perspectiva crítica, como diria Saviani, mas não conclusiva e sim como “primeira aproximação”[2005] de modo a validar ou não o que parece ser consensual. Ou melhor, entre os caminhos que se apresentaram para esse estudo, necessitou-se traçar um paralelo entre a forma tradicional de produzir conhecimentos – pedagogia tradicional, e a pedagogia histórico-crítica implícitas nas idéias de Moran[2002] e que foram estudadas por Saviani[2005], na tentativa de se compreender as aproximações e os distanciamentos entre estas pedagogias.

Nesse sentido, intencionou-se buscar uma visão crítica da Blogosfera a partir de uma análise qualitativa, evitando assim cair no julgamento sempre a favor desse espaço por conta de um encantamento inicial que parece ter contagiado todos os seus visitantes, principalmente nós professores. Concorre para esse entendimento a palavra de Moran [2002] em que na Internet

Tudo é fluído, válido, tudo tem importância e, em pouco tempo, perde o valor anterior. É uma atitude que se manifesta no ininterrupto consumo de imagens e sons, no navegar na Internet, no

deixar-se “ficar” diante da televisão, numa salada de dados, informações, narrativas, gêneros, enfoques. As pessoas não permanecem totalmente passivas; elas interagem de alguma forma, mas muitas não estão preparadas para lidar com tanta variedade de dados, de estímulos, e aceitam e adotam a última moda na mídia ou na roupa. É um presente muito efêmero, que não tem história, porque é esquecido, ao ser substituído por novas-iguais mensagens. [Moran:2002:22, com grifos nossos].

Nessa mesma vertente de idéias contribuem os pensamentos de Saviani, outro pensador da educação, na perspectiva de superar-se as formas de pedagogias anteriores, a exemplo da tradicional, a partir de uma teoria crítica da educação apresentada por ele com o nome de pedagogia histórico-crítica. De outro modo, ao se pensar no entusiasmo dos professores suscitado pelo uso dos Blogs em suas práticas docentes, a pedagogia histórico-crítica propicia considerar o seguinte: há diferenças entre o saber unidirecional passado pelo professor, ainda que cheio de seu entusiasmo, e aquele saber multidirecional refletido, construído de forma ativa e crítica pelo aluno e entre os alunos e destes com o seu professor, a partir de conteúdos contextualizados em suas relações sociais.

No entanto, é importante frisar que esse processo não depende necessariamente dos meios tecnológicos, pois “Com ou sem tecnologias avançadas podemos vivenciar processos participativos de compartilhamento de ensinar e aprender” [Moran:2002:28]. Ou ainda, se perguntarmos: a potencialidade do processo de ensino-aprendizagem poderia ser desenvolvida nas salas de aula do mesmo modo, obtendo os mesmos resultados, que em laboratório usando-se os Blogs, por exemplo?

Segundo Moran, parece que sim, pois “Avançaremos mais se soubermos adaptar os programas previstos às necessidades dos alunos, criando conexões com o cotidiano, com o inesperado, se transformarmos a sala de aula em uma comunidade de investigação.”[Moran:2002:28-29]. Todavia, no mesmo texto de Moran ele enfatiza a importância do professor adotar uma postura de “pesquisador em serviço”[2002:30]. O professor, conforme sua ótica, deveria se pautar em suas práticas por “princípios metodológicos” que lhe permitisse

Integrar tecnologias, metodologias, atividades. Integrar texto escrito, comunicação oral, escrita, hipertextual, multimídia. Aproximar as mídias, as atividades, possibilitando que transitem facilmente de um meio para o outro, de um formato para o outro. Experimentar as mesmas atividades em diversas mídias.[Moran:2002:31].

Mais adiante Moran discorre sobre propostas metodológicas usando o computador e a

Internet, em que sugere o uso de chats, e-mails, fóruns, como poderosas ferramentas para facilitar o processo de ensino-aprendizagem promovendo encontros virtuais entre professor e alunos e entre estes. Poder-se-ia deduzir que o autor incluiria os Blogs como exemplos de espaço propício ao aprendizado caso tivesse escrito o texto abaixo a partir de 2003 quando essa ferramenta surgiu. Pois vejamos o que ele diz:

A Internet é uma mídia que facilita a motivação dos alunos, pela novidade e pelas possibilidades inesgotáveis de pesquisa que oferece. (...)

O aluno desenvolve a aprendizagem cooperativa, a pesquisa em grupo, a troca de resultados. A interação bem sucedida aumenta a aprendizagem. Em alguns casos há uma competição excessiva, monopólio de determinados alunos sobre o grupo. Mas, no conjunto, a cooperação prevalece.

A Internet pode ajudar a desenvolver a intuição, a flexibilidade mental, a adaptação a ritmos diferentes. (...) as informações vão sendo descobertas por acerto e erro, por conexões “escondidas”. As conexões não são lineares, vão “linkando-se” por hipertextos, textos interconectados, mas ocultos, com inúmeras possibilidades diferentes de navegação.(...)

Na Internet também desenvolvemos formas novas de comunicação, principalmente escrita. Escrevemos de forma mais aberta, hipertextual, conectada, multilingüística, aproximando texto e imagem. (...) A possibilidade de divulgar páginas pessoais e grupais na Internet gera uma grande motivação, visibilidade, responsabilidade para professores e alunos.[Moran:2002:53].

Na tentativa de se ampliar as idéias acima no sentido de inserir os Blogs nesse contexto, tomamos emprestado as palavras de Mikhail Bakhtin, as quais permite considerar o Blog um exemplar do "universo de signos"[2004:32]. Entendendo melhor essa relação, Bakhtin declara que "(...) Tudo que é ideológico possui um significado e remete a algo situado fora de si mesmo. Em outros termos, tudo que é ideológico é um signo. Sem signos não existe ideologia."[2004:31]. Nesse caso, sem aprofundarmos na definição baktiniana para esse contexto, compreende-se ideologia como um elemento ligado ao signo e este a ela, pois toda ideologia possui seus signos que transcendem a si, acrescentando mais adiante a visão de

(...) todo produto natural, tecnológico ou de consumo pode tornar-se um signo e adquirir, assim, um sentido que ultrapasse suas próprias particularidades.[pág.32, com inserções nossas]

Afinal, compreender um signo consiste em aproximar o signo apreendido (Blog) de outros signos já conhecidos (Internet); em outros termos, a compreensão é uma resposta a um signo por meio de signos. E essa cadeia de criatividade e de compreensão ideológica, deslocando-se de signo em signo para um novo signo, é única e contínua: de um elo de natureza semiótica (e, portanto, também de natureza material) passamos sem interrupção para um outro elo de

natureza estritamente idêntica. [Bakhtin:34, com inserções nossas].

A partir dessas observações, considerando-se a conexão dessas idéias pareceu-se confirmar a importância de o professor se colocar na posição de um cientista ou pesquisador contínuo da educação e não apenas como um professor. Nessa posição estará apenas interessado em fazer com que o aluno aprenda de alguma maneira um certo conteúdo, enquanto o pesquisador-professor estará interessado em desenvolver a ciência e para tanto precisará da colaboração e posição crítica do aluno. Nesse sentido, é o que se compreende das palavras de Saviani, e nas quais procurou-se um ponto de apoio para o estudo em questão. Assim, ele declara que

(...) o cientista tem uma perspectiva diferente da do professor em relação ao conteúdo. Enquanto o cientista está interessado em fazer avançar a sua área de conhecimento, em fazer progredir a ciência, o professor está mais interessado em fazer progredir o aluno. O professor vê o conhecimento como um meio para o crescimento do aluno, ao passo que para o cientista o conhecimento é um fim; trata-se de descobrir novos conhecimentos na sua área de atuação.[Saviani:2005:74].

Trazendo para o debate as colocações dos autores acima, justifica-se a necessidade de se observar a partir dos Blogs educativos valorizados por alguns professores as possibilidades da Internet para a educação. Pois, partindo-se da análise de Saviani o ser cientista seria aquele professor que busca modos ou métodos que potencializem o fazer pedagógico, porém sem descuidar-se de uma atuação histórico-crítica.

Ao adotarmos, dentre vários olhares dos autores citados neste estudo, uma perspectiva bakhtiniana, na qual se considera as expressões midiáticas como processos comunicacionais culturais, acreditamos poder contribuir para ampliar as reflexões sobre os processos de utilização da tecnologia dos ambientes virtuais nos espaços educativos. Ao reconhecermos, entre outros elementos, o contraste e o conflito de idéias enquanto processo e resultado de relações socioculturais, estamos abrindo espaços para que diversas interpretações e sentidos sejam valorizados e não reprimidos. E dessa maneira frear a pressão de uma educação alicerçada na pedagogia tradicional em que as respostas são reproduzidas, "enlatadas", no decorrer da história, de forma a seguir um modelo estabelecido como única verdade.

Com essas motivações, a nosso ver, impulsionou-se o desejo, a vontade de se aproximar de práticas pedagógicas que sejam consideradas fundamentais para se construir ambientes de aprendizagem em rede, sejam eles pela via eletrônica ou não. Desta forma, ao incorporar as Tecnologias Educacionais com o objetivo de potencializar e enriquecer o ensino, e

aprendizagem, observaremos, nos Blogs educacionais, em que medida esses proporcionam ou não novas formas de construir e produzir o conhecimento, que não se limite à visão instrumentalista e tecnicista da pedagogia tradicional, baseada na transmissão-recepção, ou seja, com ênfase nos processos memorísticos, conteudistas e mecanicista da aprendizagem.

1.3. QUESTÕES CENTRAIS - PROBLEMA DE PESQUISA

A partir da análise da literatura recente e observações iniciais realizadas sobre Blogs, acrescidos de diálogos com colegas professores da ETB, percebemos que o uso dessa ferramenta pode potencializar a construção interativa de ensino-aprendizagem significativa. A partir dessa premissa e sem pretensão de considerar esgotadas as possibilidades de novas aproximações ao objeto dessa pesquisa, o estudo buscou analisar nos Blogs educativos:

- 1 - A hipertextualidade quanto ao enriquecimento do ambiente virtual por meio de diferentes recursos: textos imagéticos, sonoros, videográficos entre outras linguagens e contextualizações.
- 2 - A interatividade como um processo dialógico, de intervenção permeada de conflitos e consensos, e propícia para a co-criação, rompendo com o esquema tradicional do processo comunicacional baseado na unidirecionalidade do autor - emissor da mensagem.
- 3 - A presença da interatividade em seus aspectos sociais e culturais, considerando a heterogeneidade da linguagem.
- 4 - O dialogismo gerador de sentidos, a partir de diversas leituras e das relações histórico-culturais dos sujeitos, nesses espaços.

A temática em questão propicia a análise do como e de que modo percebe-se a inserção da interatividade, hipertextualidade e dialogismo nos ambientes digitais de Blogs educativos. Ao incorporarmos esta perspectiva, estamos concebendo os Blogs a partir do conceito de rede social - na qual privilegia-se o múltiplo, o diverso, as relações e as dinâmicas das conexões ramificadas bem como proporciona brechas para participação-intervenção abrindo, assim,

espaços para discutir o significado dos textos e contextos, em contraposição aos modelos tradicionais, fechados em seu paradigma receptor passivo e consumidor de idéias.

1.4. Pergunta

Os Blogs educativos permitem potencializar o processo de ensino-aprendizagem?

1.5. Objetivo Geral:

Verificar se a utilização de Blogs educacionais tem contribuído para um processo de ensino-aprendizagem baseado nos conceitos de hipertexto, interatividade e dialogismo a partir de um arcabouço teórico de vários autores entre eles **Mikhail Bakhtin**.

1. 6. Objetivos Específicos:

- Identificar a ocorrência ou não de interatividade e hipertextualidade nas quais inserem-se as vivências, as intervenções e a participação dialógica dos interlocutores.
- Apontar e analisar os limites e as possibilidades do Blog no enriquecimento do ensino-aprendizagem como uma nova maneira de (re)construir e expressar conhecimentos.
- Contribuir para ampliar a reflexão do uso das novas tecnologias baseadas em programas adaptados à Internet, consideradas como propostas de melhorias nos processos de ensino-aprendizagem.

ASPECTOS TEÓRICOS E CONCEITUAIS

2.1. A INTERNET NO CONTEXTO EDUCACIONAL: possibilidades de transformação ou permanência da pedagogia tradicional?

A leitura de “A Galáxia da Internet” de Manuel Castells (2003) aponta reflexões sobre as múltiplas influências e potencialidades da aplicação da Internet nos mais variados campos do saber e atividades humanas. Uma dessas reflexões faz constatar a emergência de uma nova sociedade, de novas culturas formadas e interconectadas por fios invisíveis desse espaço virtual. Abrindo um pequeno parêntese, e para efeito deste estudo, o espaço virtual ou Internet também é referenciado por vários outros nomes tomados no cotidiano como sinônimos a saber: grande rede, ambiente virtual, ambiente cibernético ou apenas ciberespaço.

Outra reflexão proposta é a de que, nesse ambiente cibernético, as inter-relações sociais podem ser intensificadas a partir de suas produções culturais em conjunto na arte, na música, na política, na educação. Porém, alerta Rena M. Pallof e Keith Pratt [2002], essas inter-relações no ciberespaço produzirão sentidos para seus sujeitos aprenderem se houver, nesse ambiente cibernético, elementos que propiciem

As interações entre os próprios estudantes, as interações entre os professores e os estudantes e a colaboração na aprendizagem que resulta de tais interações. Em outras palavras, a formação de uma comunidade de alunos, por meio da qual o conhecimento seja transmitido e os significados sejam criados conjuntamente, prepara o terreno para bons resultados na aprendizagem.[2002:27].

Ainda, sobre a Internet, ao fazer alusão a expressão cultural da arte Castell afirma que:

(...) A internet oferece a possibilidade de criação coletiva, interativa, conjunta, por meio de práticas de grupo que permitem a pessoas distantes no espaço pintar, esculpir, desenhar, compor e produzir juntas, em interação e muitas vezes em contradição. O mais das vezes, esses artistas não se conhecem, exceto por sua arte – e isso é tudo o que importa.(...)[Castell:2003:184].

A Internet se infiltrou em todas as áreas de expressão cultural impondo a todas elas sua característica típica como instrumento de comunicação social. Essa procura dos sujeitos em se comunicarem e de se expressarem pelos diferentes “gêneros emergentes no meio virtual” [2004:23: *e-mail*, *chats*, *aula-chat*, *vídeo-conferência interativa*, *mailing list*, endereço

eletrônico, *weBlog* ou *Blogs*, listados não de forma exaustiva por Luiz Antônio Marcuschi [2004:23-30], é ressaltada por Castells em que:

O tipo de comunicação que prospera na Internet está relacionado à livre expressão em todas as suas formas, mais ou menos desejável segundo o gosto de cada pessoa. É a transmissão de fonte aberta, a livre divulgação, a transmissão descentralizada, a interação fortuita, a comunicação propositada e a criação compartilhada que encontram sua expressão na Internet.[Castells2003:185].

Toda essa expressão comunicacional livre pela Internet, conforme Marcuschi, vem consolidar "(...) Em certo sentido, (...), na atual *sociedade da informação*, (...) uma espécie de protótipo de novas formas de comportamento comunicativo", contudo, na mesma página ele ressalta: "Se bem aproveitadas, ela pode tornar-se um meio eficaz de lidar com as práticas pluralistas sem sufocá-las, mas ainda não sabemos como isso se desenvolverá." [Marcuschi:2004:13].

Contribui para ampliar essa discussão os estudos de Palloff e Pratt, em que frisaram a subutilização de um software que permite desenvolver um curso a distância, porém só a parte de e-mail é que vinha sendo utilizada. Suas indagações, entre outras, eram: "(...). O que é, então, necessário para que se faça uma boa transição da sala de aula para o ciberespaço? Quais são as diferenças com que nos deparamos nesse novo ambiente? Com quais questões precisamos preocupar-nos? [Palloff, Pratt:2002:29]

Mais adiante os autores, preocupados com essa transição e com "a busca do conhecimento e do significado, esclarecem que

Na sala de aula tradicional, se o aluno experimenta um certo devaneio, o professor ou seus colegas podem nem perceber(...). Todavia, na sala de aula virtual [ou qualquer ambiente virtual colaborativo], se um aluno deixa-se levar pela imaginação, sua ausência é sentida e pode ter um impacto profundo no grupo.[2002:29, com inserção e grifos nossos]

(...)

Assim como nem todos os professores têm sucesso em sala de aula, nem todos o terão on-line.[pág.30]

(...)

Hoje em dia, as crianças conseguem acessar com muita rapidez várias formas de mídia. Envolvidos com tudo, do videogame à internet, nossos jovens passam a esperar maneiras mais ativas de buscar o conhecimento e o entretenimento. No entanto, os adultos incluindo os educadores, são em sua maioria novatos nesse mundo tecnológico. Como resultado, está surgindo algo como uma lacuna tecnológica entre gerações. (...).[2002:38].

No mesmo parágrafo Palloff e Pratt citam observações de David(1990); Kolderie(1990); Strommen e Lincoln(1992) para os quais "as mudanças tecnológicas que varrem nossa cultura deixaram a educação, em grande parte, na mesma situação. Abriu-se uma fenda entre, de um lado, o modo como a educação é transmitida e vista e, de outro, o modo como começamos a obter o conhecimento em nossa sociedade.[2002:38].

O fato dessas preocupações se relacionarem com o modo de se transmitir, e o modo que se obtém ou constrói-se o conhecimento abre espaços para as contribuições de vários textos de Lombardi e Saviani[2005], focando o Marxismo e Educação: debates contemporâneos, em que as palavras de apresentação de um desses dois autores indaga: "Será que o marxismo ainda tem alguma coisa a falar sobre educação neste início do século XXI?[Lombardi:2005:vii]. E mais na frente esse autor acrescenta:

Essa é uma pergunta que muita gente colocará ao ler este livro. Para uns a pergunta decorre da consideração de que o marxismo é uma concepção ultrapassada e, portanto, não mais responde aos problemas e às necessidades de uma época em acelerada transformação e, ademais, globalizada. Para outro, como se criou um consenso de que Marx e Engels não elaboraram uma teoria educacional ou pedagógica, (...), não houve e não há contribuição expressiva do marxismo à educação. Também encontramos, em contrapartida, a defesa do legado de Marx e Engels como uma perspectiva revolucionária da sociedade, que se mantém válida, (...) e, enfim, que auxilia na compreensão da própria educação, que, propondo a dicotomia entre trabalho manual e trabalho intelectual, entre pensar e fazer, entre teoria e prática, faz a defesa intransigente de uma formação integral, politécnica, centrada nos conteúdos e que está "para além do capital", como afirmou recentemente István Meszáros (2005), na conferência de abertura do Fórum Mundial de Educação realizada em Porto Alegre nos meados de 2004. [Lombardi:2005:vii-viii].

Colaborando com as palavras do autor acima, Pierre Lévy(2005) faz perceber, no tocante a alguns ambientes educacionais na rede, que a aquisição do saber ainda ocorre sob a perspectiva tradicional. Explicando melhor, o processo de ensino-aprendizagem perpassa pelas informações organizadas de forma linear e seqüencial, na qual o acesso aos níveis de conhecimentos são estabelecidos de forma acumulativa e em certa ordem crescente, ou seja, parte-se do nível básico – do mais simples – passando pelo intermediário para atingir a complexidade. Para essa possibilidade de construção de ambientes de aprendizagem na rede o autor alerta que

Devemos construir novos modelos do espaço dos conhecimentos. No lugar de uma

representação em escalas lineares e paralelas, em pirâmides estruturadas em “níveis”, organizadas pela noção de pré-requisitos e convergindo para saberes ‘superiores’, a partir de agora devemos preferir a imagem de espaços de conhecimentos emergentes, abertos, contínuos, em fluxo, não lineares, se reorganizando de acordo com os objetivos ou os contextos, nos quais cada um ocupa uma posição singular e evolutiva. [Lévy:2005:158].

E, também, na perspectiva de se materializar um espaço que servisse à construção contínua de conhecimentos, Michel Authier e Pierre Lévy instituíram “As árvores de conhecimentos”⁴, também denominadas de árvores de competências. Essas “árvores de conhecimentos” formam-se de múltiplas ramificações ou “processos sociais” entre eles: “aprendizagens cooperativas, inteligência coletiva no centro de comunidades virtuais” [Lévy:2005:177]. Segundo o autor, imaginou-se “um dispositivo informatizado em rede que tende a acompanhar, a integrar e a colocar em sinergia, de forma positiva, todos esses processos.”[Lévy:2005:177]. Disso decorre a possibilidade de se reconhecer as competências de um membro de uma dessas comunidades virtuais, inclusive às da experiência cotidiana, não formal. Lévy esclarece

(...). Crescendo a partir das autodescrições dos indivíduos, uma árvore de conhecimentos torna visível a multiplicidade organizada das competências disponíveis em uma comunidade. Trata-se de um mapa dinâmico, consultável na tela, que possui de fato o aspecto de uma árvore, e cada comunidade faz crescer uma árvore de forma diferente.[Lévy:2005:177].

Por outro lado, Pierre Lévy alerta para a questão, muitas vezes, passada despercebida: o tempo de leitura gasto diante de livros, revistas ou jornais obtendo informações é o mesmo, ou até mais, daquele gasto pelos atuais leitores do ciberespaço. Nas duas leituras interconexões de vozes e expectativas também ocorrem, pois

(...) a pessoa que lê não está se relacionando com uma folha de celulose, ela está em contato com um discurso, uma voz, um universo de significados que ela contribui para construir, para habitar com sua leitura. O fato de o texto ser apresentado na tela não muda em nada. Trata-se igualmente de leitura, ainda que, como vimos, com os hiperdocumentos e a interconexão geral as modalidades de leitura tendam a transformar-se. Embora os suportes de informação não determinem automaticamente este ou aquele conteúdo de conhecimento, contribuem contudo para estruturar fortemente a “ecologia cognitiva” das sociedades. Pensamos junto com e dentro

4 - Conforme Lévy [Cibercultura:2005:177] “as árvores de conhecimentos, (...), são uma marca registrada da Trivium S.A. Elas crescem graças ao programa Gingo™, desenvolvido por essa mesma empresa.”. Pode-se obter mais informações no site da empresa : <http://www.trivium.fr>

de grupos e instituições que tendem a reproduzir sua idiossincrasia (...). Nossas faculdades para conhecer trabalham com línguas, sistemas de signos e processos intelectuais fornecidos por uma cultura. [Lévy:2005:162-163].

Assim a questão não se resume em definir qual dos dois meios, leitura impressa (considerada tradicional) ou leitura digital, é mais adequado à construção do saber e sim estabelecer modos mais criativos e expressivos, estimulando o imaginário e a criatividade de formas variadas.

A questão que se coloca, portanto, é: Como se daria essa criação e expressão? Bakhtin contribui para o entendimento de que a (re)escritura de saberes inicia-se nas manifestações dialógicas e polifônicas de um ou mais textos, informações ou enunciados. Nas suas observações permite-se deduzir que estas manifestações podem estar materializadas nos meios tradicionais como o livro impresso, na forma de programas ou ambientes computacionais, ou presentes nas trocas dialógicas entre falantes. Nesse sentido, para Bakhtin “a enunciação é o produto da interação de dois indivíduos socialmente organizados e, mesmo que não haja um interlocutor real, este pode ser substituído pelo representante médio do grupo social ao qual pertence o locutor.” [Bakhtin:2004:112].

De outro modo, a construção dos saberes não está dissociada do modo como se processa a comunicação verbal em que “A palavra é o território comum do locutor e do interlocutor” [Bakhtin:2004:113]. Portanto, a palavra não apresenta-se de forma isolada no discurso, pois ela representa a expressão de uma atividade mental. Nesse sentido Bakhtin descreve que

A palavra dirige-se a um interlocutor: ela é função da pessoa desse interlocutor: variará se se tratar de um pessoa do mesmo grupo social ou não, se esta for inferior ou superior na hierarquia social, (...). Não pode haver locutor abstrato; não teríamos linguagem comum com tal interlocutor, nem no sentido próprio nem no figurado.[Bakhtin:2004:112].

Retomando, nesse ponto, as palavras de Lévy sobre “o fato de o texto ser apresentado na tela não muda em nada. Trata-se igualmente de leitura(...)” e relacionando-as às de Bakhtin percebe-se uma conformidade de pensamentos desses autores corroboradas na citação bakhtiniana, ver abaixo, quanto a não importância do qual suporte encontra-se posto um discurso, deixando aos leitores contemporâneos a possibilidade de suas aplicações no ciberespaço. Assim,

(...) A interação verbal constitui assim a realidade fundamental da língua.

O diálogo, no sentido estrito do termo, não constitui, é claro, senão uma das formas, é verdade que das mais importantes, da interação verbal. Mas pode-se compreender a palavra “diálogo” num sentido amplo, isto é, não apenas como a comunicação em voz alta, de pessoas colocadas face a face, mas toda comunicação verbal, de qualquer tipo que seja.

O livro, isto é, o ato da fala impresso, constitui igualmente um elemento da comunicação verbal. Ele é objeto de discussões ativas sob a forma de diálogo e, além disso, é feito para ser apreendido de maneira ativa, para ser estudado a fundo, comentado e criticado no quadro do discurso interior, sem contar as reações impressas, institucionalizadas, que se encontram nas diferentes esferas da comunicação verbal (...). Assim, o discurso escrito é de certa maneira parte integrante de uma discussão ideológica em grande escala: ele responde a alguma coisa, refuta, confirma, antecipa as respostas e objeções potenciais, procura apoio, etc.[Bakhtin:2004:123].

Nessa discussão, a proposta de Pierre Lévy sobre as “Árvores de conhecimentos” é posta como uma das alternativas de novas leituras, à medida que se percebe a secundarização da “escrita estática” em prol da priorização da “escrita em movimento”, mais dinâmica, em que a cada releitura o intérprete conduz a ação a partir de suas relações hipertextuais. Portanto, como ele mesmo coloca, apesar de a escrita no seu suporte clássico não ter perdido sua importância, ao deparar-se com um texto eletrônico diz

Em vez de um texto localizado, fixado em um suporte de celulose, no lugar de um pequeno território com um autor proprietário, um início, um fim, margens formando fronteiras, confrontei-me com um documento dinâmico, aberto, ubiqüitário, que me reenviava a um corpus praticamente infinito. O mesmo texto tinha outra natureza. Falamos de “página” em ambos os casos, mas a primeira página é um *pagus*, um campo demarcado, apropriado, semeado com signos enraizados, o outro é uma unidade de fluxo, submetidas às restrições das taxas de transmissão nas redes.[Lévy:2005:159].

Segundo Lévy, a potencialização dos saberes contemporâneos tornou-se dependente do ciberespaço de tal forma que é inconcebível ser de outro modo. A estruturação do saber ficou mais palpável do que àquela baseada na abstração teórica. Hoje qualquer conhecimento pode ser vivificado e personalizado pelas “simulações interativas”, acessa-se imagens em bancos de dados remotos, tudo a um clique do mouse.

Abre-se desse modo infinitas possibilidades experimentais quebrando o paradigma da ciência clássica, baseado na crença de que só há ciência e conhecimento quando o objeto ou sujeito de uma pesquisa é submetido à experiência cujo resultado repete-se de modo contínuo, regular. Coube, assim, ao ciberespaço definir uma “nova norma do conhecimento”. Partindo

desse pressuposto o autor enfatiza

É impressionante constatar que algumas experiências realizadas nos grandes aceleradores de partículas mobilizam tantos recursos, são tão complexas e difíceis de interpretar que praticamente só ocorrem uma vez. Cada experiência é quase singular. Isso parece ir contra o ideal de reprodutibilidade da ciência clássica. No entanto, essas experiências ainda são universais, mas de outra forma que não a possibilidade de reprodução.[Lévy:2005:164].

Cabe, então, perceber as múltiplas potencialidades contidas nas ferramentas digitais das novas tecnologias. É provável, portanto, que a nova onda de aprendizagem não tem volta uma vez que “o saber, destotalizado, flutua”. Essa flutuação, segundo Lévy, gera no intelecto individual ou coletivo uma desorientação nos sentidos, porém ele indaga: “Será preciso agarrar-se aos processos e esquemas que asseguravam a ordem antiga dos saberes?”[2005:166-167]. Lévy, em seguida, afirma que não e propõe mergulhar “na nova cultura”, e ainda complementa que:

A interconexão em tempo real de todos com todos é certamente a causa da desordem. Mas é também a condição de existência de soluções práticas para os problemas de orientação e aprendizagem no universo do saber em fluxo. De fato, essa interconexão favorece os processos de inteligência coletiva nas comunidades virtuais, e graças a isso o indivíduo se encontra menos desfavorecido frente ao caos informacional.(...) o ideal mobilizador da informática não é mais a inteligência artificial (tornar uma máquina tão inteligente quanto, talvez mais inteligente que um homem), mas sim a inteligência coletiva, a saber, a valorização, a utilização otimizada e a criação de sinergia entre as competências, as imaginações e as energias intelectuais, qualquer que seja sua diversidade qualitativa e onde quer que esta se situe.[Lévy:2005:167].

A inteligência coletiva se sobreporá à inteligência individual. O autor ao contextualizar essa nova visão ao ambiente de aprendizagem deixa transparecer a possibilidade de emergir uma construção de saberes de forma cooperativa e interativa. Necessita-se, portanto, abandonar a visão tradicional de educação no uso das novas tecnologias baseada na idéia de mero “suporte de ensino, ou sobre computadores, como substitutos incansáveis dos professores (ensino assistido por computador). Nessa visão – a mais clássica possível – a informática oferece máquinas de ensinar.(...)” [Lévy:2005:171].

A perspectiva que norteia e interessa a este estudo é perceber na comunicação digital e interativa uma ampliação substancial da relação humana com os diversos saberes, pois:

(...) As novas possibilidades de criação coletiva distribuída, aprendizagem cooperativa e

colaboração em rede oferecidas pelo ciberespaço colocam novamente em questão o funcionamento das instituições e os modos habituais de divisão do trabalho, tanto nas empresas quanto nas escolas. [Lévy:2005:172].

Nessa perspectiva, o conhecimento não é mais estanque, deixou de sê-lo por conta de uma “aceleração generalizada da temporalidade social”. Por causa disso é que os indivíduos e os grupos não se deparam mais com saberes estáveis, com classificação de conhecimentos herdadas e confortadas pela tradição “(...) a questão agora é aprender a navegar”, diz, ainda Lévy(2005).

Com esse novo suporte de informação e de comunicação emergem gêneros de conhecimento inusitados, critérios de avaliação inéditos para orientar o saber, novos atores na produção e tratamento dos conhecimentos. Qualquer política de educação terá que levar isso em conta.[Lévy:2005:167].

Reformular, portanto, os olhares e práticas sobre os processos de comunicação virtuais é um dos pontos que alguns autores aqui citados propõem. Ou melhor, é preciso alterar o foco de modo a envolver ou despertar novos olhares sobre a sua própria construção e com elas (re)construir a sociedade.

2.2.A HIPERTEXTUALIDADE E SEUS CONTEXTOS

O hipertexto informatizado, (...), permite todas as dobras imagináveis: dez mil signos ou somente cinquenta redobrados atrás de uma palavra ou ícone,(...). Ao ritmo regular da página se sucede o movimento perpétuo de dobramento e desdobramento de um texto caleidoscópico.[Lévy:2006:41].

Permeando as inovações tecnológicas no mundo virtual encontra-se a linguagem. Ela se firma ocupando um espaço de destaque. Portanto, seu espaço está sempre em evidência, e não poderia ser de outro modo, pois, acompanhando a evolução sócio-histórica da humanidade, tem se revestido de novas roupagens com a intenção de desempenhar seu maior papel: a comunicação.

Foi nessa perspectiva, de gerar uma nova forma de se comunicar no mundo virtual, que Theodore Nelson, em 1960, iniciou a criação de um novo modelo de espaço para a construção

de conhecimentos que fugisse da linearidade. Iniciou-se o primeiro projeto de hipertexto, baseado na Internet, conhecido como Projeto Xanadu. Segundo o que consta na Wikipédia⁵ (acessado em 26 de setembro de 2007)

O **Projeto Xanadu** foi o primeiro projeto para o desenvolvimento daquilo que posteriormente veio a ser conhecido como hipertexto.

(...) Durante seu primeiro ano como estudante em Harvard, Nelson começou a implementar o sistema que continha o delineio básico do que se tornaria o Projeto Xanadu: um processador de textos capaz de lidar com versões múltiplas, e mostrar as diferenças entre essas versões.

(...) No topo dessa idéia básica, Nelson quis facilitar a escrita não-seqüencial, na qual o leitor poderia escolher seu próprio caminho através de um documento eletrônico. Ele edificou essa sua idéia em um documento para o ACM (Association for Computing Machinery) em 1965, denominando a nova idéia de "listas entrelaçadas como zíper" (zippered lists). Essas listas permitiriam compor documentos de modo que fossem formados de pedaços de outros documentos, um conceito chamado transclusão..(http://pt.wikipedia.org/wiki/Projeto_Xanadu)

Nos estudos de Pierre Lévy (2006), sobre as Tecnologias da Inteligência editado pela primeira vez em 1990⁶, encontramos alusão a Theodore Nelson, ou simplesmente Ted Nelson, citando os anos sessenta como marco do hipertexto nos seguintes termos:

Foi contudo nesta época que Theodore Nelson inventou o termo hipertexto para exprimir a idéia de escrita/leitura não linear em um sistema de informática. Desde então, Nelson persegue o sonho de uma imensa rede acessível em tempo real contendo todos os tesouros literários e científicos do mundo, uma espécie de Biblioteca de Alexandria de nossos dias.[2006:29 com grifos nossos].

Contribui, também, para a discussão as considerações de Fiorin (2005) sobre enunciado e enunciação para em seguida compreender-se o hipertexto. Segundo o que emana de suas idéias, o ato de se comunicar pressupõe haver de um lado o emissor de um enunciado, compreendendo esse como a mensagem a ser lida ou escrita, e do outro, o receptor desse mesmo enunciado. Já, o discurso que se quer enunciar a alguém passa, portanto, por um processo de enunciação na qual está presente o ato da fala com suas entonações, cores, brilhos, imagens que podem ser melhoradas usando-se de programas de computador. Trazendo à tona

⁵ - O sítio da Wikipédia é considerado como uma das maiores enciclopédias colaborativas do espaço virtual.

⁶ - Em nossa pesquisa utilizamos a 14ª reimpressão (no Brasil) do livro As Tecnologias da Inteligência de Pierre Lévy, do ano de 2006. Sua primeira publicação data de 1990 na França.

termos como enunciados e enunciação, Fiorin ressalta o seguinte:

(...) é falso considerar o enunciado como substância⁷, pois tanto o enunciado como a enunciação constituem um entrelaçado de relações. Por outro lado, na medida em que a enunciação pode enunciar-se, deixando no enunciado suas marcas, torna-se impossível considerá-la como um ato vazio de conteúdo. Subjacente ao dito há o dizer que também se manifesta.

O enunciador pode, em função de suas estratégias para fazer crer, construir discursos em que haja um desacordo entre essas duas instâncias. A discordância entre enunciado e enunciação não é um desacordo entre um conteúdo manifesto e uma intenção comunicativa inefável, pois as únicas intenções do sujeito que se podem apreender são as inscritas no discurso. [Fiorin:2005:39].

O hipertexto no contexto virtual caracteriza-se, conforme vários autores, pela possibilidade de potencializar esse processo de enunciação, justamente por reunir vários textos ligados por fios invisíveis formando indefinidamente uma rede de informações relacionadas. De outro modo, para Lévy, por exemplo, o hipertexto busca evidenciar os processos comunicacionais entre os grupos de uma comunidade em volta de um ou mais temas de seu interesse, além de representar para o sujeito uma das formas de acesso às informações na rede por meio de links. Nas considerações deste autor se lê a seguinte descrição:

O hipertexto é dinâmico, está perpetuamente em movimento. Com um ou dois cliques, obedecendo por assim dizer ao dedo e ao olho, ele mostra ao leitor uma de suas faces, depois outra, um certo detalhe ampliado, uma estrutura complexa esquematizada. Ele se redobra e desdobra à vontade, muda de forma, se multiplica, se corta e se cola outra vez de outra forma. Não é apenas uma rede de microtextos, mas sim um grande metatexto de geometria variável, com gavetas, com dobras.[Lévy:2006:41].

Em relação ao aspecto da funcionalidade, Cavalcante⁸ descreve, em seu artigo, o seguinte: “o hipertexto é um tipo de programa para a organização de conhecimentos ou dados, visando aquisição de informações e a comunicação.” (2004:166). Por outro lado e mais à frente, Cavalcante apresenta limitações ao dinamismo do hipertexto proposto por Lévy afirmando que

7 - Fiorin, em seu texto, discorda da colocação de Manar Hamad [1983], para o qual o enunciado é “substância repleta de conteúdo” e a enunciação é descrita “como ato destituído de conteúdo.”[Fiorin:2005:39]

⁸ - Marianne Carvalho Bezerra Cavalcante colaborou com o artigo Mapeamento e produção de sentido: os links no hipertexto para o livro Hipertexto e Gêneros Digitais, organizado por Luiz Antônio Marcuschi e Antônio Carlos Xavier.

O hipertexto presta-se a uma espécie de simulação do que acontece na relação do leitor com o texto na produção de sentido. Mas uma simulação proposta pelo autor, que não reflete de fato o percurso seguido pelo leitor. Tal como salienta Burbules (1998), podemos dizer que estas conexões funcionam como ‘instâncias de controle associativo’, pois marcam o lugar do autor e as leituras por ele permitidas. Neste sentido, parece existir um limite sobre o que é disponibilizado para leitura, mas não como se dará tal leitura.(Cavalcante:2004:169. com grifos nossos).

Segundo Raquel Wandelli (2003:34), o hipertexto caracteriza-se mais como “uma forma de escrita” em que se estabelece articulação com diferentes fontes textuais, sejam: imagens fixas ou animadas, sons, vídeos, gráficos, links verbais ou animados, barras de rolagens, que remetem a outros textos.

Essas fontes textuais, conforme sugere Wandelli, são formas de linguagens incorporadas ao texto que o transforma em hipertexto; colocando-o à margem do formalismo e a rigidez estrutural dos textos tradicionais, vistos como representações lingüísticas seqüenciais e lineares. Tais considerações são relevantes para propiciar a inserção da interatividade no hipertexto, ou seja, o sujeito ao ler diversos textos estabelece articulações e significações entre um e outro texto e a partir destes produz outros textos, outras leituras. Cria-se, assim, processos comunicacionais, ou melhor, hipertextualidades.

Nesse sentido, Pedro Demo aponta a urgência em se combater o mau uso do espaço virtual ao mesmo tempo que indica suas possibilidades para o mundo da aprendizagem. Sugerindo um outro olhar sobre o instrucionismo, uma vez que “é fenômeno comum em qualquer meio educativo” por conta das “relações autoritárias no contexto social”[pág.76]. E nessa linha de raciocínio o autor acrescenta:

(...) o instrucionismo é “linearizar” a aprendizagem no plano da mera lógica seqüencial, tornando-a reprodutiva e mantendo o aprendiz na condição de objeto.(...) o instrucionismo evita o saber pensar, ou seja, uma das bases mais flagrantes da autonomia, induzindo à subalternidade.(...) o instrucionismo recai na fórmula pronta, tão pronta que ao aluno basta copiar e reproduzir, (...). O instrucionismo, sobretudo, nega a condição de sujeito por parte do aluno, (...). Convém lembrar que, comparecendo em toda relação social clivagens de poder, sempre resta algum resquício de imbecilização, porque não podemos nos esquivar de influências também autoritárias. Mas, com devido espírito crítico e principalmente autocrítico, pode-se conviver com elas de maneira mais inteligente e ética.[Demo:2003:78-79, com grifos nossos].

Além das colocações acima, portanto, e a despeito da variedade de elementos de escrita

e leitura que constituem o ambiente virtual, Pedro Demo considera incompleta a concepção de interatividade no hipertexto “porque nem sempre é efetivamente complexa, não-linear em termos de aprendizagem”[2003:81].

Ainda, nessa questão Pedro Demo considera o hipertexto “tipicamente linear, recorrente, sequencial, algorítmico”(pág.81), ou melhor, como sequenciamento linear de textos, contrapondo-se à classificação de ambiente de acesso não-linear, sempre em rede. Para esse autor o hipertexto, embora seja ambiente de possibilidades educativas,

(...) Não é fenômeno hermenêutico, dotado de habilidade interpretativa reconstrutiva, nem queremos isto dele. Pelo menos por enquanto, esperamos dele que seja estritamente reprodutivo – (...). Não perde com isto sua importância, mas detém apenas esta importância. As cadeias de seqüências lineares de textos permitem navegar por eles, armazenar uma série de links, inventar quantos se quiser, embora não ultrapassem o que o computador é hoje: máquina de processamento e armazenamento de informação.[Demo:2003:81]

De outra maneira, Marcuschi (2004) diz ser impossível construir, organizar ou estruturar um ambiente hipertextual educativo na web totalmente aberto e ao mesmo tempo antever todas as possíveis escolhas dos sujeitos-leitores.

A preocupação dos efeitos negativos da fragmentação dos textos, conforme Marcuschi (2004), encontra eco no processo de leitura virtual por conta da superficialidade de muitos conteúdos postos no ambiente eletrônico. No mesmo sentido, Canline [1998:307], segundo Correia Dias e Antony (2003), defende que há nesses espaços uma maior flexibilização, subversão da ordem instituída, aceitação de diversos padrões culturais, sociais e históricos, porém desistoricizam “as tradições culturais (...) em benefício de relações intensas e esporádicas, com objetivos isolados, com seus signos e imagens”.

Correia Dias e Antony (2003:54) acrescentam em seus estudos a seguinte observação: “o que se destaca no ambiente eletrônico é a grande amplitude do potencial de liberdade de movimento do usuário/leitor, que lhe possibilita percorrer vários caminhos dentro de um mesmo suporte material”.

O receptor de um texto; o espectador de um acontecimento; ou o ouvinte de um discurso estabelecem um processo comunicacional com o texto, com a notícia, com o discurso, independente de qual seja a intenção do emissor. A relação do leitor com o ambiente hipertextual, no qual estabelece múltiplas interpretações, lhe possibilita refazer um texto a cada releitura. Nesse sentido, resgata-se o conceito da teoria da recepção, a qual – conforme Wandelli -, mostra “que o sentido de uma obra não pode ser estabelecido fora da interação com o leitor.” Portanto, “(...) não interessa tanto o que um autor quer dizer, mas o que se produz

com o que ele diz.”[Wandelli:2003:30].

Assim, nesse contexto, a hipertextualidade reúne elementos da escrita e da leitura possíveis de serem inter-relacionados de forma significativa a partir da atuação do sujeito. Os elementos da escrita são as partes constituintes de um texto representadas pelos grafemas, imagens estáticas ou em movimento, reunidos em meio impresso ou na web. E os elementos de leitura envolvem o nível vocabular, a capacidade interpretativa, o conhecimento prévio e as vivências do sujeito, adquiridas nos diversos grupos sociais de que fez parte.

Acrescenta-se, para essa discussão, as considerações de Coscarelli, em que “todo texto é produzido para ser recebido (não necessariamente compreendido) por alguém; é produzido com alguma intenção comunicativa que o leitor tem o trabalho de tentar recuperar.”[Coscarelli:2002:67].

Portanto, por onde estendermos a pesquisa encontraremos as mais variadas concepções de textos e por conseguinte hipertextos que passam por re-significação no ambiente virtual, pois:

(...) O que muda são as formas de manifestação, ou seja, novos gêneros textuais são criados em função de uma nova interface, novas formas de expressão são utilizadas, antigas são retomadas, mas o texto continua sendo instância enunciativa, contrato entre autor e leitor. Precisamos, agora, saber o que esses novos gêneros, como o hipertexto, exigem, tanto do autor como do leitor, que estratégias precisam ser desenvolvidas e que regras devem ser consideradas para que os interlocutores alcancem seus objetivos na produção e na recepção desses textos. [Coscarelli:2002:68-69].

Trazendo esse enfoque da autora para o presente objeto de pesquisa, percebe-se haver uma sintonia de suas reflexões às de Bakhtin por conta de suas alusões ao diálogo que o sujeito trava consigo mesmo e com os demais, para a construção de sentidos que não será, necessariamente, igual à do idealizador de um ambiente hipertextual, por exemplo. A autora afirma que:

(...) Muito provavelmente, lê-se construindo e relacionando tópicos e subtópicos. Isso parece revelar o caráter hipertextual do nosso pensamento. Um mesmo estímulo é capaz de ativar diferentes sentidos no leitor e outros sentidos em cada novo leitor.(...). Quantas vezes uma parte do texto nos leva a outras reflexões e *insights* que não foram mencionados no texto? Quantas vezes um elemento marcado como mais saliente num texto é a informação que menos nos interessa e a que, conseqüentemente, menos consideramos? Talvez o mais comum seja o leitor usar o texto para fazer suas próprias viagens, e não as intencionadas pelo autor – sinalizadas no texto.(...) [Coscarelli:2002:76].

No artigo “Ler e Escrever na Cultura Digital” da professora Dr^a Andrea Cecília Ramal⁹ encontramos um outro olhar para a definição de hipertextualidade, oriunda de seus estudos para o doutorado, contribuindo para a ampliação conceitual de um termo que se encontra muito em voga nos estudos acadêmicos atuais. Sob o seu campo de visão temos que

O hipertexto, nova forma de escrita e de comunicação da sociedade informático-mediática, é também uma espécie de metáfora que vale para as outras dimensões da realidade. Interessa-me estudá-lo nessa perspectiva, e aí está uma de suas conexões com o campo educacional. A internalização da estrutura do hipertexto como mediação para a produção de conhecimento implica novas formas de ler, escrever, pensar e aprender. [Ramal, acesso em julho/2007: www.revistaconecta.com/destaque/edicao2.html]

Mais à frente Ramal complementa sua definição de hipertexto:

Como o próprio nome diz, é algo que está numa posição superior à do texto, que vai além do texto. Dentro do hipertexto existem vários links, que permitem tecer o caminho para outras janelas, conectando algumas expressões com novos textos, fazendo com que estes se distanciem da linearidade da página e se pareçam mais com uma rede.[Ramal, acesso em julho/2007: www.revistaconecta.com/destaque/edicao2.html]

São essas e outras considerações referentes ao hipertexto que permite verificar o potencial de liberdade de ação individual dos sujeitos, proporcionado pela multiplicidade de links disponíveis, considerados na presente pesquisa como textos discursivos.

2.3. A INTERATIVIDADE NA PRÁTICA DO PROFESSOR E A CONSTRUÇÃO DE SENTIDOS

O sentido sempre responde a certas perguntas. Aquilo que a nada responde se afigura sem sentido para nós (...). [BAKHTIN:2003:381]

O pensamento bakhtiniano procurou trazer à luz o processo de construção de sentidos na medida que envolve na discussão a interação contínua do eu e o outro. Na sua concepção o sentido não se limita no tempo, pelo contrário ele se atualiza a partir de contínuas interações

⁹ - Andrea Cecília Ramal defendeu o doutorado em 2001 com a tese Educação na Cibercultura : Hipertextualidade, Leitura, Escrita e Aprendizagem, pela PUC- RJ.

entre os sujeitos:

O sentido é potencialmente infinito, mas pode atualizar-se somente em contato com outro sentido (do outro), ainda que seja com uma pergunta do discurso interior do sujeito da compreensão. Ele deve sempre contatar com outro sentido para revelar os novos elementos da sua perenidade (como a palavra revela os seus significados somente no contexto). [Bakhtin:2003:382].

Marco Silva em seu texto – “Criar e professorar um curso online: relato de uma experiência” discute sua experiência em um ambiente de educação online da qual foi criador e professor no intuito de superar o obstáculo da aprendizagem presencial conhecido como pedagogia da transmissão. Uma das importantes contribuições do trabalho de Marco Silva é a de propor à reflexão aos educadores sobre a educação presencial e online na medida em que em ambas as modalidades continuam prevalecendo a pedagogia da transmissão. Com essa intenção o autor convida-nos ao diálogo com a sua experiência, e com todos os professores atuantes nos diferentes fazeres pedagógicos, incitando-nos à ousadia de inovar. Assim, Marco Silva reflete:

(...). Penso no professor que não acredita em educação online e convido-o ao diálogo com esta experiência que considero bem sucedida. Penso no professor que já tem experiência em educação a distância, desejando partilhar e aprender com ele. Penso naquele professor cuja motivação para ministrar um curso pela Internet vem da percepção de que não temos como não enfrentar o desafio inexorável de professorar online, unindo-me a ele na motivação de ousar arriscar. [Silva:2003:52]

No que se refere aos fundamentos da aprendizagem online pode-se observar que a cibercultura é um espaço que potencializa as ocorrências hipertextuais e interativas porém, encontra-se sub-utilizada por prevalecer a idéia convencional da transmissão de informações no sentido de um para todos. Mantém, desse modo, uma linha de separação imaginária entre o emissor e o receptor, uma vez que na cibercultura permite-se liberar o aluno para a co-criação do ambiente de aprendizagem.

De acordo com o autor, a maioria dos educadores não compreendeu que a filosofia implícita da Internet não é a veiculação de informações no esquema linear e seqüencial. Assim, o que tem ocorrido é uma transferência da maneira tradicional de estruturar ou organizar dados, ou informações, ao formato eletrônico, ou seja, usa-se velhos conceitos num novo contexto. Marco Silva explicita a necessidade de romper com o modelo tradicional quando ele próprio tenta alterar a sua atitude e investe na perspectiva da criação interativa de ambientes de aprendizagem proporcionada pela cibercultura. Nas suas palavras:

(...), procurei superar em mim os resquícios do guardião e transmissor do saber. Procurei superar um certo malestar diante do ambiente virtual de aprendizagem que libera a participação dos aprendizes como co-autores da comunicação e da aprendizagem. Procurei romper com a atitude do mestre que ensina, que instrui, em favor do mestre que provoca a inteligência coletiva dos estudantes à construção da aprendizagem. Precisei assumir de uma vez por todas que a experiência de intervenção na mensagem difere da recepção de informações prontas. Mais do que isso, precisei me dar conta da importância da interatividade como dimensão comunicacional favorável à aprendizagem genuína. [Silva:2003:55]

No texto produzido por Marco Silva e Ana Regina Vilares, os autores visam investigar os processos comunicacionais. Utilizou-se de certos elementos da “pesquisa-participante”, na qual se permite um olhar próximo, mais íntimo sobre o objeto da pesquisa, acionando em especial o “dispositivo dialógico, a relativização dos pontos de vista, a discussão e o engajamento dos participantes nas diversas estruturas.”. Com essa proposta aplicou-se os seguintes “indicadores de interatividade”:

- disponibilizar múltiplas experimentações, múltiplas expressões;
- disponibilizar uma montagem de conexões em rede que permite múltiplas ocorrências;
- provocar situações de inquietação criadora;
- arquitetar percursos hipertextuais;
- mobilizar a experiência do conhecimento.

A interatividade, neste sentido, é um processo de co-criação. Assim, concorre para essa perspectiva a opinião dos pesquisadores Correia Dias¹⁰ e Chaves Filho (2003):

A participação ativa, nesse contexto, implica partilhar, trocar opiniões, associar, estabelecer relações, rejeitar e conflitar idéias a partir de fragmentos (dados, fatos e situações). Para tanto, parte-se de uma gama heterogênea de fontes de informação e linguagens que falam aos diferentes sentidos e percepções (visual, auditivo, sinestésico, intuitivo, cognitivo).

(...)

Na medida em que no espaço hipertextual coexistem múltiplos pontos de vista, espalhados numa rede de conexões, e que dentre estes pontos conectáveis não há um deles que exerça uma posição central ou principal, a leitura que se constrói é um intertexto, (...), de dados de várias naturezas, fontes e linguagens (imagens, sons, textos escritos, interesses e percepções do sujeito/construtor que os seleciona. Nesse sentido, a seleção de informação que participa da construção da significação e do discurso não segue uma ordem contínua e predefinida por

¹⁰ - Dr^a professora Ângela Álvares Correia Dias é uma das maiores pesquisadoras brasileiras do Hipertexto para cuja linha de pesquisa busca inspiração maior no lingüista russo Mikhail Bakhtin.

raciocínio anterior, mas segue a linha de raciocínio particular e específica do interesse que a guia. [Correia Dias, Chaves Filho:2003:44].

A prática da informática educativa por uma parcela de professores pouco capacitados no uso pedagógico das ferramentas computacionais, se contrapõe às expectativas alardeadas. Muitos pesquisadores têm observado as práticas desses professores que, em regra, restringem o uso dos computadores à digitação e formatação de provas ou textos; planos de ensino e de aula; estudos dirigidos, inclusão, alteração ou exclusão de notas dos alunos em planilhas eletrônicas; elaboração de tarefas para os alunos, bem como usar programas de apresentação como no *powerpoint*¹¹ para expor suas aulas, evitando-se a escrita na lousa e assim ganhar tempo na transmissão de mais conteúdos. Nesse proceder, a interatividade se constitui no processo de acessar os programas de computador para formalizar as atividades docentes.

Desse modo, perde-se a oportunidade de enriquecerem suas aulas no laboratório. Nesse sentido, as pesquisadoras Correia Dias e Antony (2003:65) esclarecem: “A Informática Educativa vista sob esta abordagem poderá auxiliar a Escola a promover a integração curricular, a quebra de barreiras entre as disciplinas e a quebra das barreiras culturais.”

Outro ponto convergente às idéias anteriores e já comentadas, de várias formas, pelos diversos autores aqui citados, é a ciência de que qualquer expectativa de mudanças no modo como o professor irá trabalhar com seus alunos dependerá do engajamento de toda a equipe da escola e contar, em especial, com o apoio da direção. Há uma necessidade de mudança de postura epistemológica, ou seja, uma nova forma de construir e produzir conhecimento levando em conta a potencialidade permitida pelo uso de computadores.

Vários autores, porém, apesar de defenderem essa posição, alertam que esse ideal é difícil de ser estabelecido. É tanto que, continuando na linha de raciocínio da Correia Dias e Antony, esses autores apontam para a existência de possíveis conflitos de pontos de vista entre os agentes educacionais e denunciam que a escola não se constitui apenas de professores, mas também de:

(...) outros agentes educacionais importantes – diretores, coordenadores e demais membros da comunidade escolar – que precisam estar engajados e apoiar as mudanças pedagógicas conduzidas pelos professores. Sem apoio de toda a hierarquia do sistema escolar, os professores, como agentes de mudança, não irão conseguir muita coisa. [Correia Dias e Antony:2003:65]

Para que ocorram mudanças, portanto, a primeira questão passa necessariamente pela

¹¹ - O programa conhecido por PowerPoint integra um conjunto de aplicativos ou programas de escritório da fabricante Microsoft. Presta-se a elaboração de apresentações de palestras, aulas, e até vídeos com o intuito de facilitar a vida de professores, alunos, executivos e palestrantes em geral.

formação inicial e continuada dos professores, nos moldes como sugere em seu artigo a professora e pesquisadora Raquel de Almeida Moraes¹² quando diz:

Superar as contradições e dicotomias de forma a criar uma política mais democrática para a formação de professores é um dos nossos maiores desafios. O analfabetismo já não se restringe à leitura e à crítica dos códigos escritos. Inclui, cada vez mais, os códigos técnicos, cibernéticos, os quais também são, a meu ver, *direitos de cidadania*, e os professores precisam ter esses direitos garantidos em sua formação enquanto educadores.

(...)

Alijar os professores dessa formação é aumentar ainda mais o fosso existente entre as classes, pois as camadas dirigentes certamente a terão em detrimento das demais. [Moraes, 2003:137]

A segunda questão que se coloca é a necessidade de o professor desenvolver procedimentos que contornem a falta de comprometimento ou interesse dos demais agentes educacionais. Foi com essa intenção que a professora Marli Lenir Dagnese Fiorentin¹³ decidiu iniciar alguns projetos com suas três turmas de alunos usando utilizando como viés educacional o ambiente virtual dos Blogs. A autora observa em seu discurso que:

O Blog educacional ainda tem história curta, mas pelas experiências que se tem conhecimento, revela-se como uma poderosa ferramenta interativa, que possibilita aos educandos e educadores publicar suas produções e interagir com outras pessoas, tornando-se autores, construtores de conhecimento de forma colaborativa, formando redes virtuais de aprendizagem.[Fiorentin, acesso em 17/12/2006: <http://br.geocities.com/marlifiore/Caxias/Blogs.htm>].

Desse contexto, portanto, percebe-se o interesse da Fiorentin em firmar uma articulação entre as consciências – professor e aluno, de modo que de suas relações sociais, no ambiente de aprendizagem mediada por computador, estabeleça-se comunicação semiótica, dotada de continuadas ressignificações.

¹² - O artigo da Dr^a e professora Raquel de Almeida Moraes intitulado “A primeira década de Informática Educativa na escola pública no Brasil: a história dos projetos Educom, Eureka e Gênese” encontra-se inserto no livro *Tecnologias na Educação e Formação de Professores* organizado pelo professor Gilberto Lacerda Santos. Sua abordagem traça como se deu o desenvolvimento desses projetos, permitindo constatar a necessidade de retomada de novos projetos que enfatizem de forma crítica a capacitação dos professores enquanto sujeitos de transformação da sociedade.

¹³ - A professora Marli aplicou seus projetos no Colégio Estadual Pe. Colbachini/Nova Bassano na cidade de Caxias – Rio Grande do Sul. Suas três turmas eram da 8ª série do ensino fundamental, 1º ano do ensino técnico pós-médio e 1º ano do ensino médio. Dentre os seus Blogs destacam-se os seguintes: *Vidas Secas*: da ficção à realidade, no qual objetiva estimular a leitura; *Opinião*, focando assuntos polêmicos com intenção argumentativa e o *Trocando Letras*, no qual a pesquisadora abre espaço para educadores trocarem suas informações no uso das tecnologias aplicadas à educação.

Outra questão apresentada por Silva e Vilares diz respeito a criação de re-significados a partir da existência de fatores motivadores, que estimulem o estarem juntos. Elementos motivadores passam a ocupar um espaço valioso de sinergia permanente, pois argumentam esses autores que “(...) o aluno dificilmente se engaja em um trabalho que não seja do interesse dele.(...) Um fator imprescindível à aprendizagem, porém, é a motivação. A motivação é o impulso essencial da atividade cognitiva.”[SILVA, Marco;VILARES, Ana Regina: 2003].

Acrescenta-se às suas palavras o querer do professor, ou seja, a motivação também precisa estar em sua proposta e em suas atitudes. Desse modo, a motivação está diretamente ligada ao elemento base de comunicação entre esses atores: a linguagem. Sem considerar-lhe a importância, o seu poder de influência se perde nas interações sociais, pois é a partir dessas que o conhecimento pode ser construído e refeito pelos sujeitos, pois, de acordo com os autores do estudo:

O conhecimento se dá fundamentalmente no processo de interação, de comunicação. Os processos de conhecimento dependem profundamente do social, do ambiente cultural onde se vive, dos grupos com os quais as pessoas se relacionam, pois a cultura onde se mergulha interfere em algumas dimensões do que se percebe.[SILVA, Marco; VILARES, Ana Regina:2003].

A autora Denise Bértoli Braga (2004), citando Marco Silva, discute sobre duas concepções de interatividade: a tecnológica e a situacional. Essas duas visões conceituais vêm facilitar o entendimento sobre o que é interatividade. Na “ ‘interatividade tecnológica’, (...) prevalece o diálogo, a comunicação e a troca de mensagens, (...)”[2004:145], enquanto na segunda, a“ ‘interatividade situacional”, encontra-se a “possibilidade de agir, interferir no programa e/ou conteúdo (Silva:2000:87)”[Braga:2004:145]. Braga complementa sua explanação informando que os *links* presentes em um hipertexto é que possibilitam sua “interatividade constitutiva”, lembrando em seguida que esses *links* “geram uma organização textual que não é totalmente nova”[2004:146]. Com esse pensamento, a autora aludindo aos textos impressos acrescenta que:

Os recursos de escrita, como por exemplo, as notas de rodapé, as referências feitas a outros textos ou as conexões explicitamente indicadas – que convidam o leitor a adiantar ou voltar atrás na leitura de um texto específico – desempenham uma função próxima daquela a ser preenchida pelos *links* digitais. No entanto, na tela essas ligações vão além de expansões ou relações secundárias e passam a ser centrais na estruturação do texto.

(...). Assim, a segmentação do texto em unidades menores interconectadas entre si foi uma

alternativa para contornar os limites impostos pela tela e incorporar de forma funcional os recursos oferecidos pelo meio.

(...)

Essa nova forma de organizar o texto também convida o leitor a formas não lineares de interação¹⁴. [Braga:2004:146-147].

Coube a Fiorin e Savioli (2006) fazer perceber que o leitor no processo de estabelecer interatividade com o texto, não o faz destituído de sentido. Ao se alterar a perspectiva em que é lido o texto, esse leitor altera também sua postura diante desse texto resignificando sua leitura. Esses autores defendem que “um texto é, pois, um todo organizado de sentido. Dizer que ele é um todo organizado de sentido implica afirmar que o texto é um conjunto formado de partes solidárias, ou seja, que o sentido de uma depende das outras.”[Fiorin, Savioli, 2006:16].

Como o texto não cria sentido por si só, os autores reforçam mais na frente a interferência do sujeito sobre o que enuncia (texto) e, de maneira implícita, a do sujeito que lê o enunciado (leitura do texto) em dado momento histórico e social. Nesse sentido, dizem os autores:

O texto é produzido por um sujeito num dado tempo e num determinado espaço. Esse sujeito, por pertencer a um grupo social num tempo e num espaço, expõe em seus textos as idéias, os anseios, os temores, as expectativas de seu tempo e de seu grupo social. Todo texto tem um caráter histórico, não no sentido de que narra fatos históricos, mas no de que revela os ideais e as concepções de um grupo social numa determinada época. [Fiorin e Savioli, 2006:17]

A colaboração do professor, também filósofo, Pierre Lévy oferece uma ampliação conceitual de interatividade, ao traçar paralelos entre as diversas mídias, que de um modo ou de outro, servem de suporte à informação e por sua vez à comunicação. Na sua análise a interatividade foi abordada como um problema, visto que esse termo é usado de forma indiscriminada e “muitas vezes invocada a torto e a direito, como se todos soubessem perfeitamente do que se trata”[Lévy, 2005:79]. Para o professor Lévy

O termo “interatividade” em geral ressalta a participação ativa do beneficiário de uma transação de informação. De fato, seria trivial mostrar que um receptor de informação, a menos que esteja morto, nunca é passivo. Mesmo sentado na frente de uma televisão sem controle remoto, o destinatário decodifica, interpreta, participa, mobiliza seu sistema nervoso de muitas maneiras, e

¹⁴ - a autora em questão faz entender a interatividade com o mesmo sentido de interação. Cabe lembrar, portanto, que alguns autores e pesquisadores do ambiente cibernético fazem distinção entre esses termos.

sempre de forma diferente de seu vizinho.[Lévy, 2005:79].

Lévy, no mesmo texto, nos remete à reflexão sobre a existência de variados graus de interatividade permitidos por um “produto”. Essa percepção está presente quando observa-se a interatividade no modo de utilização das mídias tradicionais como televisão, acoplada ou não á videocassete¹⁵ ou videogames, e telefone, como também nas mídias digitais do mundo virtual. Tomando como exemplo essas mídias, o autor afirma o seguinte:

Ele permite o diálogo, a reciprocidade, a comunicação efetiva, enquanto a televisão, mesmo digital, navegável e gravável, possui apenas um espetáculo para oferecer. Mas ainda assim temos vontade de dizer que um videogame clássico também é mais interativo do que a televisão, ainda que não ofereça, estritamente falando, reciprocidade ou comunicação com outra pessoa. (...) o videogame reage às ações do jogador, que por sua vez reage às imagens presentes: interação. O telespectador pula entre os canais, seleciona, o jogador age.[Lévy, 2005:80].

Mais à frente o autor lança comparações entre o telefone e os videogames e o que ele denomina de “hiperdocumentos com suporte informático”. O sujeito tem a prerrogativa de parar ou inverter o fluxo de um conjunto de informações postas em uma determinada ordem “em tempo real” em qualquer uma dessas mídias. Todavia, Lévy aponta um senão: “A diferença é que,” no caso do telefone, “estamos em comunicação com uma pessoa”, já no videogame e hiperdocumentos a comunicação ocorre “com uma matriz de informações, um modelo capaz de gerar uma quantidade quase infinita de ‘partidas’ ou de percursos diferentes (mas todos coerentes). Aqui, a interatividade remete ao virtual. [Lévy, 2005:80].

Em sua proposta, percebe-se sua maneira particular de submeter a interatividade a uma conceituação multifacetada, plural e em alguns aspectos conflituosa, integrando dois mundos: o virtual e o real. Percebe-se, ainda, em suas considerações, a ênfase dada ao processo de como se dá a comunicação nas diversas mídias como elemento graduador de interatividade. Pois então, observa-se que:

A comunicação por mundos virtuais é, portanto, em certo sentido mais interativa que a comunicação telefônica, uma vez que implica, na mensagem, tanto a imagem da pessoa como a da situação, que são quase sempre aquilo que está em jogo na comunicação. Mas em outro sentido, o telefone é mais interativo, porque nos coloca em contato com o *corpo* do interlocutor.

¹⁵ - Pierre Lévy acrescenta a potencialização da interatividade quando uma mídia é conectada a outra. Em seu exemplo afirma “(...), como os satélites e o cabo dão acesso a centenas de canais diferentes, conectados a um videocassete permitem a criação de uma videoteca e definem um dispositivo televisual evidentemente mais ‘interativo’ que aquele da emissora única sem videocassete.[Lévy,2005:79]

Não apenas uma imagem de seu corpo, mas sua voz, dimensão essencial de sua manifestação física. (...). Por meio desse contato corporal, toda uma dimensão afetiva atravessa ‘interativamente’ a comunicação telefônica. [Lévy, 2005:81]

Por fim, em sua explanação Pierre Lévy sugere, por conta da análise sobre o que representa interatividade, a necessidade de novos estudos de “observação, de concepção e de avaliação dos modos de comunicação, do que uma característica simples e unívoca atribuível a um sistema específico.”[2005:82].

2.3. O DIALOGISMO EM MÚLTIPLAS PAISAGENS

A única forma adequada de expressão verbal da autêntica vida do homem é o *diálogo inconcluso*. A vida é dialógica por natureza. Viver significa participar do diálogo: interrogar, ouvir, responder, concordar, etc. Nesse diálogo o homem participa inteiro e com toda a vida: com os olhos, os lábios, as mãos, a alma, o espírito, todo o corpo, os atos. Aplica-se totalmente na palavra, e essa palavra entra no tecido dialógico da vida humana, no simpósio universal. [Bakhtin:2003:348]

Ao abordar a palavra como integrante de um diálogo inconcluso no qual inserem-se interrogações em busca de respostas, e essas nunca são terminativas, podendo gerar concordâncias ou discordâncias entre os sujeitos, Bakhtin, no livro “Marxismo e Filosofia da Linguagem”, aposta nas enunciações como “unidades reais da cadeia verbal”[2004:125]. Nesse sentido esse autor esclarece:

A primeira palavra e a última, o começo e o fim de uma enunciação permitem-nos já colocar o problema do todo. O processo da fala, compreendida no sentido amplo como processo de atividade da linguagem tanto exterior como interior, é ininterrupto, não tem começo nem fim. A enunciação realizada é como uma ilha emergindo de um oceano sem limites, o discurso interior. [Bakhtin:2004:125].

No seu outro livro – “Estética da Criação Verbal” (2003)-, Bakhtin complementa a questão do enunciado presente no discurso entre os sujeitos como formação de relações dialógicas. Com essa visão, o autor acrescenta que:

O problema da compreensão do enunciado. Para a compreensão é ainda necessário sobretudo estabelecer limites essenciais e precisos do enunciado. A alternância dos sujeitos do discurso. A capacidade de definir a resposta. A responsividade de princípio de qualquer compreensão. (...)

Na pluralidade premeditada (consciente) de estilos, sempre há relações dialógicas entre os estilos. [Bakhtin:2003:317].

Bakhtin nos aproxima um pouco mais da sua concepção do dialogismo, quando fez um estudo sobre o livro “Problema da Poética de Dostoievski”. Em suas observações, postas em forma de rascunho, sobre a atuação e o discurso dos personagens de Dostoievski, traz à tona nuances conceituais de diálogo, monólogo e alteridade, por exemplo, tendo como ponto norteador o eu e o outro. No caso do monólogo, é bom que se diga, Bakhtin não descarta por completo a sua validade como visto mais acima neste trabalho. Citando algumas de suas análises temos:

Depois do meu livro (mas independentemente dele), as idéias da polifonia, do diálogo, do inacabamento, etc. tiveram um desenvolvimento muito amplo¹⁶.

Superação do monologismo. O que é monologismo em sentido superior? Negação da isonomia entre as consciências em relação à verdade (compreendida de maneira abstrata e sistêmica). (...). (...)

O nosso ponto de vista não afirma, em hipótese alguma, uma certa passividade do autor, que apenas monta os pontos de vista alheios, as verdades alheias, renunciando inteiramente ao seu ponto de vista, à sua verdade. A questão não está aí, de maneira nenhuma, mas na relação de reciprocidade inteiramente nova e especial entre a minha verdade e a verdade do outro. O autor é profundamente *ativo*, mas o seu ativismo tem um caráter *dialógico* especial. [Bakhtin: 2003:339].

Continua, ainda, esse autor na sua explanação, definindo esse ativismo sob um outro campo de visão: aquele que se relaciona com a “consciência viva e isônoma do outro”[pág.339], em detrimento da idéia de uma relação com um objeto ou material que pode passar por transformações ao gosto do sujeito. Nesse sentido, Bakhtin defende:

Esse ativismo que interroga, provoca, responde, concorda, discorda, etc., ou seja, esse ativismo dialógico não é menos ativo que o ativismo que conclui, coisifica, explica por via causal, torna inanimada e abafa a voz do outro com argumentos desprovidos de sentido. (...) [pág.339]

(...). Eu tomo consciência de mim e me torno eu mesmo unicamente me revelando para o outro, através do outro e com o auxílio do outro. (...) [pág.341]

(...). O homem não tem um território interior soberano, está todo e sempre na fronteira, olhando

¹⁶ - Bakhtin credita a Dostoievski uma crescente influência na concepção mais ampla de suas idéias, e ainda acrescenta crédito atribuindo-lhe a descoberta de “mudanças na própria realidade (...) antes dos outros”[Bakhtin, 2003:339].

para dentro de si ele olha o *outro nos olhos* ou *com os olhos do outro*. [pág.341].

Paulo Bezerra propõe outro entendimento do que Bakhtin pretendeu expor sobre o dialogismo como possibilidade de construção polifônica, ou seja, várias vozes e sentidos oriundos de diversos atores¹⁷, não necessariamente presentes no momento de um discurso. Afirma em seu estudo que

O que caracteriza a polifonia é a posição do autor como regente do grande coro de vozes que participam do processo dialógico. Mas esse regente é dotado de um ativismo especial, rege vozes que ele cria ou recria, mas deixa que se manifestem com autonomia e revelem no homem um outro ‘eu para si’ infinito e inacabável. [Bezerra:2005:194].

Confirmam a validade da polifonia como processo dialógico, diversos outros pesquisadores e professores que têm abordado, em diferentes contextos e graus, a importância desses conceitos para o desenvolvimento da compreensão textual e construção de novos discursos. A abordagem desses elementos – polifonia e processo dialógico, tem sido realizada por Savioli e Fiorin nos tópicos de Lições de Texto, onde, de forma indireta, estabelecem referências às idéias de Bakhtin. Ilustram essa percepção quando esses autores afirmam que:

Há diferentes formas de mostrar a presença das múltiplas vozes num texto: deixá-las implícitas, por conta da memória do leitor, ou trazê-las para a cena, demarcando explicitamente seu lugar e seu limite. [Savioli, Fiorin:2006:39]

(...)

As diferentes vozes que se fazem presentes no percurso de certos textos misturam-se de tal modo com a do produtor que não se percebem com nitidez os seus limites. [Savioli, Fiorin:2006:57].

A ensaísta Beth Brait, ao desenvolver uma reflexão sobre o que representa estilo¹⁸ para o “pensamento bakhtiniano”, apresenta o dialogismo na forma de “elemento constitutivo da linguagem, esse princípio que rege a produção e a compreensão dos sentidos, essa fronteira em que eu/outro se interdefinem, se interpenetram, sem se fundirem ou se confundirem.” [Brait, 2005:80]

Os trabalhos de Júlia Kristeva na década de 60 tiveram por base resignificar o dialogismo de Bakhtin com uma aparência contemporânea denominada de intertextualidade.

¹⁷ - Compreende-se o termo atores, nesse estudo, como sendo os sujeitos ou atores de qualquer relação social.

¹⁸ - Beth Brait transcorre sobre a importância do entendimento do termo estilo, cujo conceito, dentre outros, facilitaria a apreensão do significado de dialogismo. Esse conceito foi trabalhado por Bakhtin (2003) no capítulo “O problema do Autor: a tradição e o estilo [pág. 186], integrante do livro Estética da criação verbal.

No entanto, sob a ótica de Fiorin a concepção de intertextualidade de Kristeva se apresenta como um conceito “reductor, pobre e, ao mesmo tempo, vago e impreciso” (2003:29), contrastando com a “rica e multifacetada concepção do dialogismo em Bakhtin” (2003:29). Diante do exposto, o autor declara o conceito de intertextualidade como “processo de construção, reprodução ou transformação do sentido”, ou melhor, “processo de incorporação de um texto em outro, seja para reproduzir o sentido incorporado, seja para transformá-lo.”(2003:29-30). Como o foco desse trabalho de pesquisa considera os conceitos e estudos bakhtinianos sobre o dialogismo, preferimos utilizar suas próprias terminologias, porém deixando registrada a intervenção de Kristeva a título de referência histórica.

A linguagem, na abordagem bakhtiniana, ultrapassa as noções simplistas de codificação e decodificação constituintes de um código fechado. Há de se considerar o ambiente sócio-histórico na construção da linguagem em que os sujeitos têm o poder de intervir, de questionar e serem questionados, de modificar e serem modificados. Nesse sentido, Bakhtin considera que:

O sentido da palavra é totalmente determinado por seu contexto. De fato, há tantas significações possíveis quantos contextos possíveis. No entanto, nem por isso a palavra deixa de ser una. (...).

(...) os contextos possíveis de uma única e mesma palavra são freqüentemente opostos. (...), uma única e mesma palavra pode figurar em dois contextos mutuamente conflitantes. É evidente que o diálogo constitui um caso particularmente evidente e ostensivo de contextos diversamente orientados. (...) os contextos não estão justapostos, como se fossem indiferentes uns aos outros; encontram-se numa situação de interação e de conflito tenso e ininterrupto.[Bakhtin:1992:106-107].

Em outro momento, Bakhtin focaliza a significação da palavra em um contexto comunicacional entre os sujeitos. Desse modo a palavra se constitui como:

(...) fenômeno ideológico por excelência. A realidade toda da palavra é absorvida por sua função de signo. A palavra não comporta nada que não esteja ligado a essa função, nada que não tenha sido gerado por ela. A palavra é o modo mais puro e sensível de relação social. [Bakhtin:1992:36].

Pois, Bakhtin esclarece de diversas formas que é no uso da palavra que os sujeitos estabelecem suas interações sociais. A palavra, compreendida de outro modo, representa a base por onde se inicia a estruturação do conhecimento e abre campo para o diálogo, e deste para a interatividade.

Já, nas definições dicionarizadas para conceituar diálogo lemos: conversa entre duas pessoas, ou comunicação que se estabelece entre idéias por meio de perguntas e respostas. Porém, o dialogismo, conforme esclarece Robert Stam, não se restringe ao diálogo verbal entre perguntas e respostas, mas se expande para além do significado comum de texto, adotando o enunciado em seu sentido lato. Sendo assim, poder-se-ia prever outras formas de entrelaçamento de expressões, observadas por este autor ao analisar Bakhtin em “A questão dos Gêneros do Discurso”, no qual diz:

(...) Bakhtin oferece uma formulação clara do dialogismo do enunciado: ‘ Os enunciados não são indiferentes uns aos outros, nem auto-suficientes; são mutuamente conscientes e refletem um ao outro... Cada enunciado é pleno de ecos e reverberações de outros enunciados, com os quais se relaciona pela comunhão da esfera da comunicação verbal(...) Cada enunciado refuta, confirma, complementa e depende dos outros; pressupõe que já são conhecidos, e de alguma forma os leva em conta.

(...) Qualquer enunciado, inclusive o monólogo solitário, tem seus ‘outros’, e só existe em relação ao contexto de outros enunciados. (...) [Stam:2000:72-73].

O dialogismo, segundo Stam, “se refere às possibilidades abertas e infinitas geradas por todas as práticas discursivas de uma cultura, toda a matriz de enunciados comunicativos onde se situa um dado enunciado” [2000:74]

Os grupos sociais estabelecem pontos de referência comum e, a partir desse espaço, reúnem conjuntos particulares de significados que, por sua vez, tornarão a adquirir re-significação nos conflitos decorrentes de infinitos contatos com os significados do *outro*, o conhecimento não é só reflexão ou espelho do outro, mas busca também a ação transformadora ao reconhecer e aceitar o outro.

Essa re-significação ocorre a partir de um diálogo, “da recepção ativa do discurso de outrem”, como atesta Bakhtin ainda acrescentando as seguintes indagações:

Como, na realidade, apreendemos o discurso de outrem? Como o receptor experimenta a enunciação de outrem na sua consciência, que se exprime por meio do discurso interior? Como é o discurso ativamente absorvido pela consciência e qual a influência que ele tem sobre a orientação das palavras que o receptor pronunciará em seguida? [Bakhtin:1992:146]

O próprio Bakhtin aponta que a resposta para esta questão está nas “formas do discurso” expressas ou implícitas nas relações sociais “que se manifestam nas formas da língua.”. Desse modo, a construção de sentido se realiza por meio da interação dialógica sócio-cultural dos atores.

No mesmo sentido, encontramos nas palavras das pesquisadoras Correia Dias e Antony as seguintes considerações:

No texto impresso, a construção de sentidos caracteriza-se como um processo interno do leitor. Em outro ambiente, igualmente ele fará sua própria leitura, pela construção de seu próprio texto, a partir da sua experiência particular, dos seus textos anteriores.(...)

O hipertexto eletrônico, entretanto, permite externalizar esse processo da realização do texto pela leitura. As conexões, associações e desenvolvimento dos conteúdos particulares se dão diretamente no corpo do hipertexto eletrônico, ou seja, num ambiente externo ao sujeito. Quando o leitor conecta diferentes *links*, associa conteúdos e transforma diretamente o texto, ele está externalizando a sua leitura, a realização de seu texto.” [2003:61].

De outro modo, para Ângela B. Kleiman [2003] “Construir o conhecimento é construir o significado” [pág.48]. Esse significado assume valores individuais para cada sujeito diante de suas relações dialógicas que podem ser potencializadas pelas redes.

Pois, atesta a autora, nelas ocorrem a convergência para um certo ponto ou espaço cibernético, onde “as identidades sócio-históricas dos participantes, bem como seus planos, interesses e objetivos,” se encontram e dialogam. Uma vez, alunos e professor, estando em sala de aula ou laboratório, suas práticas podem assumir uma dimensão que extrapola “o peso dos fatores institucionais e sociais”. Adquire grande impacto nas relações intraclasse quando:

(...) A aula torna-se, assim, o lugar potencial de criação de novas significações sociais que levariam à aprendizagem e à transformação. As formas rituais da aula podem ser subvertidas, de forma criativa, pelos participantes. [Kleiman:2003:49].

O valor destas colocações da autora, focando um projeto interdisciplinar colaborativo, encontra também amparo no dialogismo bakhtiniano quando enfatiza a leitura e a produção textual na rede, em que o leitor não é apenas leitor, mas também produtor e reconstrutor de idéias. Pois em sua proposta:

(...) Tanto a leitura como a produção de um texto escrito promovem uma relação diferente com o pensamento. A boa escrita e o pensamento cuidadoso e criativo andam juntos, e a escola deveria estar mostrando isso. Todo leitor que foi tocado por um texto conhece o prazer de uma nova realização (...) que faz com que reorganize, enriqueça ou reconstrua um conceito anterior.(...) o próprio processo de escrever e reescrever vai definindo e dando forma a suas idéias. Na metáfora da rede, ler e escrever seriam as atividades que permitem puxar os fios que um tratamento do tema deixa escapar e tecer os pontos ou nós necessários para entrelaçar novos fios, ou seja, outros temas, a serem interligados à rede em construção[Kleiman:2003:50].

No mesmo sentido, o ler, o escrever e o reescrever textos constituem atividades dialógicas do sujeito consigo mesmo e os variados nós de um novelo de informações, oriundas de diversas mídias e das suas relações histórico-sociais. Nessa escrita ou reescrita do texto, Savioli e Fiorin apresentam o sujeito como produtor de um diálogo coletivo onde contribuem várias vozes alinhadas a própria voz desse sujeito. Estas várias vozes, nas palavras dos autores parecem integrar dois pontos de vista distintos o “acordo” e o “desacordo”. Afirmam eles a seguinte questão:

Todo texto é produto de uma criação coletiva: a voz do seu produtor se manifesta ao lado de um coro de outras vozes que já trataram do mesmo tema e com as quais se põe em acordo ou desacordo. [Savioli,Fiorin:2006:25]

(...)

Os textos têm a propriedade intrínseca de se constituir a partir de outros textos. Por isso, todos eles são atravessados, ocupados, habitados pelo discurso do outro. (...). Um texto remete a duas concepções diferentes: aquela que ele defende e aquela em oposição à qual ele se constrói. Nele ressoam duas vozes, dois pontos de vista. Sob as palavras de um discurso, há outras palavras, outro discurso, outro ponto de vista social. Para constituir sua concepção sobre um dado tema, o falante leva sempre em conta a de outro, que, de certa forma, está, pois, também presente no discurso construído. [Savioli,Fiorin:2006:28].

3. ASPECTOS METODOLÓGICOS

3.1 – Um Olhar para Além das Técnicas e Metodologias

O que nos leva a pesquisar são as nossas interrogações acerca de algo, ou de alguém, que atrai a nossa atenção e nos incita à busca por respostas, ainda que nunca absolutas. A pesquisa nas ciências sociais exige um olhar que que extrapole as técnicas e metodologias conhecidas. Não é o conjunto de métodos ou das técnicas aplicadas que garantirá a validade da pesquisa e a aceitação de seus resultados.

Porém, não se pode negligenciar na reflexão sobre a metodologia a ser utilizada, uma vez que ela é necessária para validar todo o processo científico de construção ou (re)construção dos saberes. Segundo Meksenas:

Uma vez que o método é indissociável da prática do pesquisador, este se vê às voltas com outra questão: qual método escolher? Qual o que melhor contribui para o desenvolvimento de uma pesquisa? A resposta a essas perguntas demonstra que a opção por um método do conhecimento é sempre uma *escolha política e ética*: aceito um e descarto outro de acordo com minhas convicções, situadas em contextos históricos. [Meksenas:2002:102].

Percebe-se, portanto, o quão é difícil o momento da escolha, pois "Métodos diferentes conduzem a diferentes resultados" [Meksenas:2002:102]. Contudo, nas pesquisas sociais focadas nos aspectos qualitativos permite-se, hoje, uma flexibilidade maior no tocante às metodologias aplicáveis. Evidenciam-se, assim, a aplicação de uma abordagem diversificada que atenda as especificidades da pesquisa qualitativa, inclusive valendo-se de métodos quantitativos para subsidiar a análise qualitativa. Nesse sentido, contribui a opinião de Alves-Mazzotti e Gewandsznajder em que "As pesquisas qualitativas são caracteristicamente multimetodológicas, isto é usam uma grande variedade de procedimentos e instrumentos de coleta de dados." [2004:163].

Desse modo, para que o trabalho de pesquisa apresente-se como válido, satisfatório e convincente, requer, além da motivação pessoal, a organização do trabalho por meio de um ou mais métodos que se adapte ao propósito investigativo. Nesse sentido, Quivy & Campenhoudt declaram em sua obra *Manual de Investigação em Ciências Sociais*:

A investigação em ciências sociais segue um procedimento análogo ao do pesquisador de petróleo. Não é perfurando ao acaso que este encontrará o que procura. Pelo contrário, o sucesso

de um programa de pesquisa petrolífera depende do procedimento seguido. Primeiro o estudo dos terrenos, depois a perfuração. (...). Não pode exigir-se ao responsável do projecto que domine minuciosamente todas as técnicas necessárias. O seu papel específico será o de conceber o conjunto do projecto e coordenar as operações com o máximo de coerência e eficácia. (...).

No que se respeita à investigação social, o processo é comparável. Importa, acima de tudo, que o investigador seja capaz de conceber e de pôr em prática um dispositivo para a elucidação do real, isto é, no seu sentido mais lato, um método de trabalho. Esse nunca se apresentará como uma simples soma de técnicas que se trataria de aplicar tal e qual se apresentam, mas sim como um percurso global do espírito que exige ser reinventado para cada trabalho. [Quivy, Campenhoudt:1998:15].

Assim, o percurso investigativo não é uma atividade fácil, muito menos simples. Requer compreender o objeto da pesquisa mantendo o foco na pergunta que a motivou e, ao mesmo tempo, lançar o olhar para o contexto que envolve esse objeto. O contexto é o todo de uma paisagem, e o objeto é apenas uma parte desse todo e com ele está relacionado. O modo de se olhar um contexto possibilita alterar o modo de se compreender o objeto.

Sobre essa questão do olhar, Paulo Meksenas, autor do livro “Pesquisa Social e Ação Pedagógica”, propõe que “A metáfora do olhar é ponto de partida desejável para o entendimento do fazer pesquisa. *Olhar* é fitar à volta, mirar e contemplar o mundo por meio de um órgão dos sentidos”[2002:15]. O autor ainda relaciona o olhar ao pensamento e este ao espaço social do sujeito, justificando em seguida a sua metáfora, quando diz:

Não olhamos senão por meio do modo como pensamos, e pensamos de acordo com o nosso lugar na história. (...) Olhar é, portanto, mirar. Destacamos uma parte da totalidade da qual uma paisagem é composta e a elegemos o centro da nossa atenção. Isso posto, o olhar se volta à observação das outras partes que a compõem, das suas formas, cores, detalhes e, ainda, da relação da parte eleita com as outras que compõem a paisagem. Enfim, contemplamos. E eis nossa metáfora: *a pesquisa são os olhos da ciência*. Fazer ciência é “fitar”, “mirar” e “contemplar” fenômenos, fatos, objetos ou interações sociais. A pesquisa insere-se na ciência como aquele momento que permite destacar um aspecto do real e analisá-lo sem perder sua relação com a totalidade desse real. [Meksenas:2002:15]

Em consonância com as considerações acima, o Blog educacional, como nosso objeto de pesquisa, representa um recorte, uma parte do todo que é a Internet, o contexto, a paisagem. O Blog na condição de gênero textual digital, segundo Marcuschi (2004), transformou-se no suporte de comunicação eletrônica mais utilizado no mundo global para se estabelecer redes

sociais na Internet. Nesse sentido é que alguns educadores, também movidos pela novidade difundida rapidamente pelas demais mídias, produzem as primeiras experiências com Blogs em ambiente educacional dotados de laboratórios de informática e acesso à Internet.

Assim, o Blog educacional em nossa pesquisa é o recorte da Internet que se buscou apreender, analisar e avaliar considerando-se não apenas o contexto do espaço cibernético em si, mas também estender nosso olhar para perceber a presença ou não de elementos que acrescentem riquezas de significados às informações inseridas. Esses elementos, categorizados nesse estudo como hipertextualidade, interatividade e dialogismo, a nosso ver, podem potencializar o processo de ensino-aprendizagem de forma mais ampla e dinâmica em relação à sala de aula convencional.

Nessa perspectiva, e com a proposta de embasar nossa escolha metodológica, fez-se necessário selecionar algumas leituras, proceder a releituras e reflexões sobre outras pesquisas relacionadas ao nosso tema, e assim constituir-se uma metodologia aberta, “multimetodológicas” [Alves-Mazzotti, Alda Judith; Gewandsznajder, Fernando:2004:163] porém criteriosa, considerada mais apropriada aos nossos objetivos. Pois não é apenas o quantitativo de obras lidas ou o emprego de um ou outro método de pesquisa que propiciarão o norteador para um estudo consistente. Nesses termos concordamos com a fala dos autores Quivy e Campenhoudt, para os quais:

Uma investigação social não é, pois, uma sucessão de métodos e técnicas estereotipadas que bastaria aplicar tal e qual se apresentam, numa ordem imutável. A escolha, a elaboração e a organização dos processos de trabalho variam com cada investigação específica. [1998:18]

(...), a gula livresca ou estatística consiste em “encher a cabeça” com uma grande quantidade de livros, artigos ou dados numéricos, esperando encontrar aí, ao virar de um parágrafo ou de uma curva, a luz que permitirá enfim precisar, correctamente e de forma satisfatória, o objectivo e o tema do trabalho que se deseja efectuar. Esta atitude conduz invariavelmente ao desalento, dado que a abundância de informações mal integradas acaba por confundir as idéias. [1998:21]

A confusão de idéias, a que se referem os autores acima, é possível, principalmente, por conta do pouco tempo disponível para leituras reflexivas, análises e fechamento do estudo acadêmico. Levando em conta as observações feitas nesse tópico, optamos por aplicar em nossa pesquisa os seguintes procedimentos metodológicos, assim reunidos:

3.2 – Escolhendo os Percursos

3.2.1 – Pesquisa Exploratória / Explicativa – Primeiro momento

O processo de desenvolvimento dessa pesquisa pautou-se pela aplicação do método indutivo em uma abordagem ampla, seguida de um conjunto de métodos e técnicas (instrumentos) qualitativos, apropriando-se de alguns direcionamentos sugeridos por diversos autores entre eles: Mikhail Bakhtin, Moreira, e Lakatos- Marconi¹⁹.

Pelo exposto acima e pela peculiaridade do ambiente virtual em foco, a utilização de uma multimetodologia mostrou-se mais adequada, por entendermos que nas ciências humanas não cabe enfoques rígidos e únicos, dada a complexidade de elementos que constituem uma análise qualitativa focada em nosso objeto de estudo, na qual pessoas plurais e multivocais interferem: os Blogs em contexto educacional.

A pesquisa exploratória/explicativa, subsidiada por análise do discurso e documental, apresentou-se como proposta viável para a observação total pretendida, uma vez que estaremos analisando, “in loco”, a presença ou não das características que têm sido atribuídas ao Blog pelos educadores que se utilizaram desse ambiente virtual nas suas práticas pedagógicas.

Nesse sentido, a definição de Elisa Pereira Gonsalves, para essa metodologia de pesquisa de campo, em seu livro “Conversas sobre Iniciação à Pesquisa Científica”, esclarece:

A pesquisa exploratória é aquela que se caracteriza pelo desenvolvimento e esclarecimento de idéias, com o objetivo de oferecer uma visão panorâmica, uma primeira aproximação (uma segunda, uma terceira, ao nosso ver) a um determinado fenômeno que é pouco explorado(...), pois oferece dados elementares que dão suporte para a realização de estudos mais aprofundados sobre o tema.[Gonsalves:2003:65, com inserção e grifos nossos].

(...)

A pesquisa explicativa pretende identificar (perceber) os fatores que contribuem para a ocorrência (ou não) e o desenvolvimento de um fenômeno.[Gonsalves:2003:66, com inserção e grifos nossos].

Para o autor do livro “Métodos e Técnicas de Pesquisa Social” – Antônio Carlos Gil, existem três níveis de pesquisa mais utilizadas para se compreender a realidade social: pesquisas exploratórias, pesquisas descritivas e pesquisas explicativas. Quanto às pesquisas

¹⁹ Eva Maria Lakatos e Marina de Andrade Marconi – pág. 106. Autoras do livro Fundamentos de Metodologia Científica no qual desenvolve um capítulo sobre os métodos específicos das ciências sociais. Nele informa haver uma diferença entre método e métodos. O método da abordagem representa uma visão ampla dos fenômenos analisados. Por sua vez, os métodos de procedimentos “seriam etapas mais concretas da investigação, com finalidade mais restrita em termos de explicação dos fenômenos (...)”.

exploratórias o autor define que “são desenvolvidas com o objetivo de proporcionar visão geral, de tipo aproximativo, acerca de determinado fato.” [Gil:1999:43], e as pesquisas explicativas têm como preocupação central identificar os fatores que determinam ou que contribuem para a ocorrência dos fenômenos. “Este é o tipo de pesquisa que mais aprofunda o conhecimento da realidade, porque explica a razão, o porquê das coisas”. [Gil:1999:44].

Em sua referência, o autor acima, quanto ao “porque explica a razão, o porquê das coisas”, entendemos que, na visão adotada para esse trabalho, não há como objetivá-las uma vez que pode-se perceber várias “razões” e até vários “porquês” das coisas. Isso dependerá do momento, do contexto histórico-social, e da perspectiva em que se coloca o pesquisador.

Por outro lado, nos procedimentos metodológicos de Mazzotti e Gewandsnajder não são explícitos os termos pesquisa exploratória e pesquisa explicativa, porém percebe-se a substituição do primeiro termo pelo nome de período exploratório. Estando, desse modo, o pesquisador em seu campo de pesquisa dará início ao

período exploratório, cujo principal objetivo é proporcionar, através da imersão do pesquisador no contexto, uma visão geral do problema considerado, contribuindo para a focalização das questões e a identificação de informantes e outras fontes de dados. Os dados obtidos nessa fase são analisados e discutidos com os informantes para que estes opinem sobre a pertinência das observações feitas pelo pesquisador e a relevância dos aspectos por ele destacados. [Mazzotti e Gewandsznajder:2004:160].

Levando em conta as considerações dos autores acima, e embora na sua obra não cite de forma explícita a pesquisa explicativa, percebe-se sua presença sob a denominação de “fase de investigação focalizada, na qual se inicia a coleta sistemática de dados.”[Mazzotti e Gewandsznajder:2004:161]. Nesse sentido, compreende-se que a coleta sistemática envolveria a própria coleta de dados, a análise e a interpretação, bem como verificação de hipóteses e sua possível reformulação.

A seguir, traçamos as linhas gerais que integraram o primeiro momento de nossa pesquisa representado da seguinte forma:

- **Objeto da pesquisa:** Blogs educativos, enquanto espaço virtual construído nas relações sociais em rede e também como “objetos falantes”, conforme pensamento bakhtiniano.
- **Espaço da pesquisa:** a Internet. Utiliza-se, portanto, de computador com acesso à Internet, preferencialmente dotado de conexão ADSL – banda larga, permitindo redução de custos, não interrupção do serviço e acessos em maior velocidade.

- **Coleta de dados:** pesquisa/estudo de campo. Apresenta-se mais adequada para acompanhar a pesquisa exploratória/explicativa.

Nossa ida a campo, para esse trabalho constitui-se de um formato flexível, porém criterioso, em que o próprio ambiente virtual investigado se reveste de múltiplas aparências no decorrer de um curto espaço de tempo, por conta das constantes alterações promovidas pelos seus autores e visitantes colaboradores. Nesse caso, Gonsalves nos permite ir ao encontro de nosso objeto no espaço onde ele se apresenta, pois em suas palavras...

Denomina-se pesquisa de campo o tipo de pesquisa que pretende buscar a informação diretamente com a população pesquisada (no nosso caso : Blogs) (...) exige do pesquisador um encontro mais direto. Nesse caso, o pesquisador precisa ir ao espaço (Internet) onde o fenômeno ocorre – ou ocorreu – e reunir um conjunto de informações a serem documentadas. [Gonsalves:2003:67, com inserções e grifos nossos].

Para reunir essas informações e validar o processo investigativo foi aplicada uma das duas formas de observação, postas como métodos de coleta de dados, conforme perspectiva de Buford Junker (1971) citado por Menga Lüdke e Marli E. D. A. André (1986). Essas formas de observação referem-se a atuação do pesquisador quanto ao “seu papel e os propósitos de estudo”[Lüdke, André:1984:28] da pesquisa em questão. Trata-se, portanto, conforme citam os autores, do “observador total”[Junker:1971] e do “observador como participante”[Junker:1971]

Frente a isso, para a primeira forma de observação, a do “observador total” [Junker:1971], a que chamaremos de observador de retaguarda, define-se que

O papel de “observador total” é aquele em que o pesquisador não interage com o grupo observado. Nesse papel ele pode desenvolver a sua atividade de observação sem ser visto, ficando por detrás de uma parede espelhada, ou pode estar na presença do grupo sem estabelecer relações interpessoais. [LÜDKE, Menga;ANDRÉ,Marli E.D.A.:1984:29].

Com esse propósito, inclinamos nossa escolha para essa forma de observação como instrumento da pesquisa exploratória/explicativa. Isto posto, e considerando ainda o quadro teórico que fundamenta nosso estudo, segue-se uma lista de itens observáveis, em forma de indagações, elaborado pela professora Dr^a Ângela Álvares Correia Dias, que fora adaptada ao objeto desta pesquisa como norteadora da investigação. Cabe ressaltar que a presente lista foi utilizada de forma flexível, ou seja, não nos atemos em seguir fielmente item a item, mesmo porque dois ou mais destes tópicos se complementam. São eles:

- O Blog educacional oferece links para complemento ou aprofundamento do(s) conteúdos que apresenta?
- Os links oferecidos possibilitam que o aluno/visitante conheça diferentes enfoques para o mesmo assunto?
- O Blog educacional recebe e divulga os comentários de terceiros? Se sim, estes comentários são apenas divulgados ou também são comentadas pelos participantes do Blog e/ou por outros visitantes?
- A comunicação, que é um elemento da socialização do homem, se dá em forma de rede ou teia, ou seja, um mesmo indivíduo recebe não só uma mensagem, mas várias ao mesmo tempo e também reagem a elas simultaneamente. Essa concepção de comunicação pode ser encontrada no Blog educacional?
- De que forma e quais os recursos que o Blog educacional dispõe que contribuem para a formação do senso crítico do leitor/ interlocutor?
- Segundo o conceito de rede analisado por diferentes autores, viver em sociedade é viver em rede. Desta forma, falar em comunicação em rede é falar de interconexão de elementos, processos, sentidos que marcam as relações comunicativas e a construção da vida social. Como se dá o processo comunicacional em rede, no ambiente de ensino/aprendizagem apresentado no Blog educacional?
- O tipo de texto utilizado para transmitir determinada informação faz com que uma mesma informação seja recebida pelo leitor de formas diferentes. Os novos textos, na forma de hipertexto no Blog educacional, surgem com o advento da informática e estão sendo utilizados atualmente para um avanço no processo ensino/aprendizagem, ou estão sendo utilizados de forma a simplesmente apresentar os conteúdos em um outro meio com formato diferente?
- O material analisado do Blog educacional empreende atividades e desenvolve conteúdos num ambiente que possibilita a interlocução de diferentes discursos?
- O material constitui-se num ambiente de transmissão ou de produção (em parceria) de significações e sentidos?
- O material apresenta uma estrutura reticular? Nesta estrutura, qual a posição ou a condição do estudante: observador, conector ou construtor de idéias?
- Palavras, sons e imagens inseridas no Blog educacional são apresentados de uma maneira imbricada, constituindo uma interlocução de representações?
- O material apresenta uma construção interativa? Se sim, que textos pertencem à trama interativa: apenas produções escritas ou também figuras, sons, animações, vídeos?

- A construção reticular e fragmentada do texto é utilizada para possibilitar ao leitor diferentes opções de escolha (que possibilitam diferentes produções de sentido) ou apenas para separar um conteúdo extenso em várias páginas (a fim de atrair leitores ávidos por informações em curto espaço de tempo)?
- Em que medida e de que maneira o material ou conteúdo do Blog educacional oferece alternativas de estratégias de ensino/aprendizagem em relação aos livros didáticos?
- Como se percebe a postura do professor diante do uso do espaço do Blog educacional?
- O Blog educacional permite que os participantes sejam atuantes?
- O material possibilita aos alunos manifestarem sua opinião sobre o assunto/contéudo descrito?
- O que se percebe de diferença entre o Blog educacional e o livro didático?
- No ambiente do Blog educacional predominam atividades e respostas de caráter individual ou também permite atividades que provocam interações – cooperações entre alunos?
- O material apresenta informações que proporcionam problemas práticos e atuais da vida cotidiana (pessoal e social) dos alunos?
- As atividades propostas no Blog educacional estimulam o aluno a examinar idéias, conceitos ou aplicações em diferentes situações ou contextos?
- Os tópicos apresentados no Blog educacional provocam no aluno a necessidade de buscar informação fora do material apresentado?
- O tema do Blog educacional pode ser desenvolvido por outros meios de uma maneira mais interessante, mais rica ou com menos despesas?
- Há no Blog educacional citações poéticas, literárias, referências históricas ou referências cotidianas do tempo e dos fatos?
- O Blog educacional estimula o pensamento, a discussão, rompendo com o ditar-falar? Explique.

Note-se, que as questões listadas acima formaram as bases que nos permitiriam perceber, no processo de análise dos dados coletados, de que modo ocorre a hipertextualidade, interatividade e dialogismo nos Blogs educacionais analisados.

3.2.2 – Método de análise e tratamento dos dados – Segundo momento

Interessa-nos realçar, nas palavras de Moreira, que “a pesquisa qualitativa abdica total ou quase totalmente das abordagens matemáticas no tratamento dos dados, trabalhando

preferencialmente com as palavras oral e escrita, com sons, imagens, símbolos, etc”.[2002:44].

Na busca de bases que justificam o viés metodológico para a consecução dos objetivos pretendidos com esse trabalho de pesquisa, é de importância acrescentar o seguinte recorte de Moreira:

(...) dentro das ciências sociais em geral, as tensões entre pesquisa qualitativa e quantitativa espelham as diferenças entre duas posturas opostas (...). Uma dessas posturas advoga que os métodos das ciências naturais devem ser transpostos, tanto quanto possível, ao estudo do homem; a outra postura, ao contrário, defende que as especificidades do ser humano praticamente exigem para seu estudo um estudo metodológico diferente, que leve em conta que o homem não é um organismo passivo, mas sim que interpreta continuamente o mundo em que vive. [2002:44].

Considerando, portanto, o viés da pesquisa qualitativa na qual se observa as “especificidades do ser humano”, o objetivo de nosso estudo focalizou Blogs construídos com finalidades educacionais, visando analisar a presença ou não das categorias dialogismo, interatividade e hipertextualidade.

Pretendeu-se, assim, confirmar ou contestar as impressões defendidas por professores que experienciaram, de um modo ou de outro, a utilização de Blogs em seus fazeres pedagógicos. Para tanto optou-se, para esse momento do trabalho, pela **análise do discurso** adotando como suporte o método de análise documental, esclarecendo logo a seguir seus principais aspectos norteadores da nossa seleção.

3.2.2.1 – Análise de Conteúdo versus Análise de Discurso – aspectos históricos

Alguns estudos desenvolvidos no intuito de se compreender e analisar o modo como ocorre a comunicação acabou por gerar, nos seus primórdios, certa confusão entre análise de conteúdo e análise do discurso. Esse fato estimulou diversos pesquisadores, a exemplo de Orlandi (1989), Pêcheux (2006), Minayo (2000), a procurarem descrições mais definidas sobre a questão.

Assim, tanto a análise de conteúdo quanto a análise de discurso se aplicam à análise das comunicações, porém possuem entre si diferenças que precisam ser bem compreendidas visto que ainda persistem ambigüidades em suas definições e utilização no contexto das pesquisas humanas. Para tanto, faz-se necessário discorrermos um pouco sobre alguns aspectos históricos relevantes para que se promova uma melhor compreensão, com o auxílio do ensaio produzido

pelos pesquisadores²⁰: Mônica Carvalho Alves Cappelle, Marlene Catarina de Oliveira Lopes Melo e Carlos Alberto Gonçalves (2003).

A lingüística é uma ciência que surgiu, no início do século XX, com o propósito de estudar e compreender o funcionamento da linguagem em seus processos comunicacionais. Podemos encontrar no mini-dicionário da língua portuguesa o entendimento dado à lingüística pelo professor Francisco da Silveira Bueno [2000:473], em que descreve: “Ciência da linguagem, isto é, o estudo da língua em si mesma e por si mesma; (...)”. Para se compreender a descrição dada por Silveira Bueno, é necessário saber que a lingüística foi formada a partir de dois momentos históricos, conforme Orlandi (1989). O primeiro, no século XVII, caracterizado pelo racionalismo estabelecia bases lógicas que fossem universais, portanto aplicáveis ao estudo de todas as línguas. E o segundo, século XIX, evoluiu para o entendimento da ocorrência de transformações na linguagem conforme o tempo passa, criando-se a metalinguagem como um instrumento que reúne “símbolos para descrever a própria língua, ou o uso da linguagem para falar dela própria.” [ORLANDI:1989].

Os trabalhos de Ferdinand de Saussure, conforme Cappelle, Lopes Melo e Gonçalves (2003), contribuíram para a lingüística contemporânea, no sentido de que o leitor possui um “texto latente que se relaciona com outro texto poético”. Ou seja, a língua é vista por Saussure como um sistema em que seus elementos formadores produzem significados ao tempo em que se interrelacionam em dado contexto social. À essa disposição interna da língua foi dada a denominação de Estrutura pelos sucessores de Saussure, constituindo-se o método Estruturalismo que transformou a lingüística em ciência.

O Estruturalismo compreende pelo menos duas correntes teóricas em relação à lingüística. Uma delas, o Funcionalismo, propõe “considerar as funções desenvolvidas pelos elementos lingüísticos”. A outra, o Distribucionalismo, apresenta justificativa comportamental (lembrando o “behaviorismo”) no plano “estímulo-resposta”.

Às idéias deterministas do Estruturalismo, Bakhtin contrapõe ao observar que o objeto de pesquisa nas ciências exatas é mudo, porém, não é desse modo que pode ser visto nas ciências humanas. A lingüística nesse contexto estruturalista valoriza mais o significado do que a construção de sentido. Para Bakhtin, segundo Amorim, o objeto de pesquisa traz um discurso, tem vida, é texto, “(...) Texto a explicar e a interpretar, ele é *objeto falante*.” [Amorim:2004:187].

²⁰ - Os pesquisadores supra-citados desenvolveram um trabalho sobre Análise de conteúdo e Análise de discurso, cujo objetivo foi traçar, em linhas gerais, os aspectos históricos dessas duas análises trazendo à discussão suas aplicabilidades nas ciências sociais. Maiores detalhes encontram-se no endereço eletrônico http://www.dae.ufla.br/revista/revista/2003/2003_1/revista_v5_n1_%20jan_jun2003.6pdf

Nesse sentido, pode-se compreender o “objeto falante” como sujeito, dotado de discurso e que, de forma peculiar, dialoga com outros textos que o precederam, possibilitando a construção e reconstrução de novos textos. Considerando essas proposições, percebe-se que um texto pode ser considerado uma mistura de outros textos, em que pese a intencionalidade de criação de sentido. O texto, portanto, é bipolar conforme entendimento bakhtiniano na visão de Amorim para a qual:

O objeto de estudo torna-se então sujeito, sujeito falante, autor, do mesmo modo que aquele que o estuda. (...)

Segundo Bakhtin, a teoria da informação, a cibernética e o behaviorismo com sua concepção de reflexo-verbal, constituem formas de reificação do texto. Um outro caso em que o texto deixa de ser sujeito e torna-se mudo é aquele em que é estudado apenas do ponto de vista da gramática e da lingüística, pois está sendo tratado enquanto significação, mas não enquanto sentido.

Chegamos assim ao que Bakhtin chama de *bipolaridade* do texto. Todo texto é um sistema, uma língua, sem o que ele não seria um texto e sim um fenômeno natural (combinação de barulhos ou de marcas desprovidos de reprodutibilidade lingüística). No interior do sistema a posição e a oposição de seus elementos diferenciais, os signos, permitem o acesso à significação do texto. Este pólo corresponde ao caráter reprodutível do texto.

Enquanto enunciado, o texto produzido por alguém e dirigido a um outro numa situação dada, é individual, único e não reprodutível. Este pólo não o articula com os elementos reprodutíveis do sistema, mas com outros textos (não reprodutíveis), numa relação dialógica. Esse polo só se revela na cadeia de textos e é aí que se produz o sentido. [Amorim:2004:188-189].

Essas colocações permitem pesquisar o Blog educacional como um “objeto falante”, inserido no contexto das ciências humanas. O Blog é, portanto, um texto estruturado com elementos hipertextuais, cujo potencial é comunicar-se comunicando, revelar-se revelando possíveis enunciados das diversas vozes sociais. E que tais enunciados propiciem não apenas a compreensão dos significados do discurso, mas que potencializem a construção de sentidos.

É na construção de sentidos pelas redes sociais que se encontram as possibilidades de transformação da sociedade. À essa sociedade, que se espera transformadora, não cabe que se aplique métodos de estudos apenas descritivos, estruturando-a em dados estatísticos sem qualquer consideração a sua historicidade sócio-cultural.

Retornando à compreensão dos desdobramentos da ciência, as diversas ciências humanas, ao tempo do Estruturalismo, adotam para si as idéias dessa corrente de pensamento por considerarem-no generalizável e dotado de plasticidade, permitindo, assim, sua aplicação na análise do confronto entre diversas interpretações de um mito, por exemplo. Porém, a crítica

que se faz a esse método é a de que sua transferência e aplicação aos outros campos do saber se realizaram sem qualquer reelaboração que considerasse as especificidades das demais ciências.

Contribui para o entendimento dessa crítica a percepção de que em uma pesquisa social de base estruturalista considera como representantes do real aquilo que estruturam na forma de um modelo sem levar em conta a historicidade envolvida no contexto analisado. De modo semelhante Meksenas critica: "Aliás, esta é a maior crítica feita ao estruturalismo: trabalhar com modelos teóricos afasta o pesquisador da compreensão histórica dos fenômenos que analisa." [Meksenas:2002:99]

Por outro lado, surgiram considerações reconhecendo o deslocamento conceitual de sistema proposto por Saussure, em relação à língua, a partir da idéia de que se existem sistemas sintáticos pode haver também sistemas literários entre outros.

Mais adiante, declaram os ensaístas Cappelle, Lopes Melo e Gonçalves, surge Chomsky com a sua Gramática Gerativa ou Transformacional, alterando a lingüística no sentido de que a partir de um determinado número de regras gera-se um número indeterminado de frases descritivas com sentido dedutivo. Desse modo a linguagem passa a ser também explicativa associando contribuições da matemática, da lógica, dos fundamentos biológicos da linguagem, centrados no ser humano.

A visão de Chomsky e Saussure (tendência Formalista), discutidos ainda pelos mesmos ensaístas, priorizam na linguagem o virtual e abstrato – a língua e a competência - em desfavor do seu uso em um contexto real – fala e desempenho. Entretanto, apesar da prevalência da visão formalista, outras tendências caminham para a sistematização do uso concreto e significativo da linguagem por pessoas reais²¹, em que se privilegia o contexto social e histórico.

É nesse sentido que essas outras tendências consideram a linguagem como causa ou como efeito da sociedade. Assim, a Sociolingüística define a sociedade como geradora da linguagem em que nela se reflete as estruturas sociais. Já, a Etnolingüística vê a linguagem como causadora das estruturas sócio-culturais e organizadora do mundo.

E, por fim, na Sociologia da Linguagem busca estabelecer um alinhamento entre a linguagem e a sociedade, de modo a perceber entre elas uma relação de simbiose na qual se agrupa elementos morfológicos, fonológicos e sintáticos. Permite-se assim, na conclusão dos

²¹ - as "pessoas reais" aqui tratadas diferem das pessoas virtuais no sentido de que essas representam os sujeitos que se relacionam umas com as outras no mundo virtual da Internet. Pois os sujeitos do mundo virtual podem ser criações de sujeitos do mundo real.

autores²², com a reunião desses elementos o estudo da significação por meio da análise de conteúdo e/ou da análise do discurso.

3.2.2.1.1 – Panorama da Análise de Conteúdo

Na modalidade análise de conteúdo levam-se em conta os seguintes elementos: que dados merecem relevância para serem analisados, considerando-se a necessidade de inseri-los em categorias, além de deixar claro qual o conteúdo posto em evidência para extrair-lhe tais dados.

Outras observações importantes que devem ser levadas em conta na aplicação dessa metodologia é decidir qual a fundamentação teórica a adotar, de modo a servir de base à verificação dos dados estabelecendo, de antemão, os limites dessa análise e o alvo que se pretende atingir com as inferências decorrentes do estudo.

Vale salientar que esse método pode ser aplicado à pesquisa de mensagens, textos, falas e expressões do pensamento, inclusive hipertextos que integram Blogs e sites. Ao se buscar pela análise de uma visão que se tem do mundo, ou os conteúdos dessa visão, em regra, traça-se um modelo desse mundo. E quando um modelo não satisfaz procura-se interpretar os dados desse mundo de outro modo, outro olhar, esboçando um novo modelo, outra perspectiva. Fourez associa os modelos que temos a uma interpretação da vida diária, pela sua ótica:

(...) a ciência surge como uma prática que substitui continuamente por outras as representações que se tinha do mundo. Aliás, começa-se a fazer ciência quando não se aceita mais a visão espontânea como absolutamente necessária, mas como uma interpretação útil em determinado momento. Os nossos modelos partem sempre de uma visão ligada à vida cotidiana, de uma visão espontânea, evidentemente condicionada pela cultura. [Fourez:1995:66].

3.2.2.1.2 – Panorama da Análise de Discurso

“LER, DESCRIVER, INTERPRETAR”, é o título do capítulo três do livro “O Discurso” de Michel Pêcheux (2006). Interpretar leva a análise de um enunciado para o qual concorrem os modos de leitura e de descrição realizadas pelo leitor. Entendemos que em qualquer enunciado o discurso representa o entrelaçamento de várias vozes: aquelas que

²² - Estabelecendo referência aos três pesquisadores/ensaístas : Capeelli, Lopes Melo e Gonçalves, de cujo texto pesquisado encontramos uma visão paralela e esclarecedora dos métodos análise de conteúdo e análise do discurso.

claramente se expressam, e aquelas que se calam (mas nem por isso significam serem passivas). Contudo, às que se calam acompanham o desenrolar dos acontecimentos, com esperanças ou com ceticismo. Porém, todas as vozes esperam alguma mudança.

No processo de análise de discurso, Pêcheux aponta que:

(...) o problema principal é determinar nas práticas de análise de discurso o lugar e o momento da interpretação, em relação aos da descrição: dizer que não se trata de duas fases sucessivas, mas de uma alternância ou de um batimento, não implica que a descrição e a interpretação sejam condenadas a se entremisturar no indiscernível. [Pêcheux:2006:54]

Na busca incessante de se compreender a linguagem como instrumento do sujeito em suas relações sociais, no intuito de estabelecer a comunicação, o interpretar ou analisar o discurso é peça chave para apreender o sentido implícito do processo comunicacional. Ou seja, em nosso entendimento, a análise do discurso promoveria a mostra do que se “esconde”, ou do que se pretende exhibir, por trás das manifestações textuais. Na compreensão de Orlandi

O discurso é assim palavra em movimento, prática de linguagem: com o estudo do discurso observa-se o homem falando.

Na análise de discurso, procura-se compreender a língua fazendo sentido, enquanto trabalho simbólico, parte do trabalho social geral, constitutivo do homem e da sua história.

Por esse tipo de estudo se pode conhecer melhor aquilo que faz do homem um ser especial com sua capacidade de significar e significar-se. A Análise de Discurso concebe a linguagem como mediação necessária entre o homem e a realidade natural e social. Essa mediação, que é o discurso, torna possível tanto a permanência e a continuidade quanto o deslocamento e a transformação do homem e da realidade em que ele vive. [Orlandi, 2005:15].

Dessa observação, percebemos que a análise de discurso se adequa melhor ao nosso estudo por nos permitir considerar o contexto histórico-social em que os sujeitos podem expressar suas opiniões por meio de comentários, concordando ou discordando, sobre o que o *outro* havia produzido por meio de textos, imagens ou qualquer outro modo representativo de informação hipertextual possível na Blogosfera.

Contribuiu para reforçar em nós o valor da análise de discurso, pela negação da linearidade da comunicação, onde ocorre a segmentação de funções rígidas constituídas de emissor, receptor, código, referente e mensagem, como bem coloca Orlandi (2005). “Para a Análise de Discurso”, afirma essa autora, “não se trata apenas de transmissão de informação” (2005:21), e esclarece mais à frente que:

Na realidade, a linguagem não é só um código entre outros, não há essa separação entre emissor e receptor, nem tampouco eles atuam numa seqüência em que primeiro um fala e depois o outro decodifica etc. Eles estão realizando ao mesmo tempo o processo de significação e não estão separados de forma estanque. Além disso, ao invés de mensagem, o que propomos é justamente pensar aí o discurso. (...), no funcionamento da linguagem, que põe em relação sujeitos e sentidos afetados pela língua e pela história, temos um complexo processo de constituição desses sujeitos e produção de sentidos e não meramente transmissão de informação. [Orlandi: 2005:21].

Desse modo, uma questão se colocou: como então proceder a essa análise de discurso enquanto pesquisadores? Decidimos, assim, nos pautar pelas colocações de Orlandi, para quem o processo de análise assume características interpretativas em que defende o seguinte posicionamento:

Esse dispositivo tem como característica colocar o dito em relação ao não dito, o que o sujeito diz em um lugar com o que é dito em outro lugar, o que é dito de um modo com o que é dito de outro, procurando ouvir, naquilo que o sujeito diz, aquilo que ele não diz mas que constitui igualmente os sentidos de suas palavras.

A Análise de Discurso não procura o sentido “verdadeiro”, mas o real do sentido em sua materialidade lingüística e histórica. A ideologia não se aprende, o inconsciente não se controla com o saber. A própria língua funciona ideologicamente, tendo em sua materialidade esse jogo. [Orlandi:2005:59]

3.2.2.2 – Método de Análise Documental – Terceiro momento

Esse método insere-se na visão de pesquisa qualitativa em que o pesquisador exercitará seu poder interpretativo sobre quaisquer informações escritas em qualquer meio material.

Desse modo, na análise documental o documento representa a fonte de informações que poderá ser utilizada para se coletar dados. É evidente que a informação deverá estabelecer alguma relação com o tema ou objeto de pesquisa. Nesse caso, ao se constatar a diversificação das mídias convencionais e digitais na função de suportes de acesso a diferentes informações “escritas”, percebe-se que os métodos investigativos também foram afetados pela evolução, quebrando paradigmas e propondo outros.

Nessa perspectiva, arriscamos propor a adoção desse enfoque, associando-o à

observação exploratória/explicativa, por conta da peculiaridade de nossa pesquisa e a possibilidade de se proceder à análise independente de horários ou dias, uma vez que o nosso espaço/campo de pesquisa de Blogs educacionais é, na verdade, um ambiente virtual não preso às convenções de acesso do mundo real. Vale ressaltar que uma das características desse espaço é a manutenção de arquivos documentados, inclusive, com informações organizadas de forma cronológica estabelecendo um histórico de possíveis diálogos.

Fundamentando essa questão, importa notar que na análise documental pode-se obter dados que não se encontram em outras fontes, ou pode associá-la a outros métodos de coleta de dados no sentido de complementar os documentos analisados. Desse modo,

Considera-se como documento qualquer registro escrito que possa ser usado como fonte de informação. Regulamentos, atas de reunião, livros de frequência, relatórios, arquivos, pareceres, etc., podem nos dizer muita coisa sobre os princípios e normas que regem o comportamento de um grupo e sobre as relações que se estabelecem entre diferentes subgrupos. Cartas, diários pessoais, jornais, revistas, também podem ser muito úteis para a compreensão de um processo ainda em curso ou para a reconstituição de uma situação passada. No caso da educação, livros didáticos, registros escolares, programas de curso, planos de aula, trabalhos de alunos são bastante utilizados. [Alves-MazottiI,Gewandsnajder:2004:169].

Detendo-se nas palavras dos autores acima, visualiza-se uma abertura na compreensão conceitual dessa técnica, apesar de não prescindir do rigor necessário ao momento de interpretação do investigador.

4. ANÁLISE

Toda observação viva, competente e imparcial feita de qualquer posição e de qualquer ponto de vista sempre conserva o seu valor e o seu significado. [Bakhtin:2003:330]

4.1. – Compreender não é explicar

Considerando o quadro teórico que fundamenta o presente estudo, observamos, sob a perspectiva multimetodológica, no qual incluímos a análise documental, uma série de Blogs educativos à luz das categorias hipertextualidade, interatividade e dialogismo. Tomamos como ilustrativos um conjunto de outros Blogs visitados durante o longo período de nossos estudos. A escolha dessa série não foi simples, e nem poderia ser, pois as diversas vozes presentes no contexto dos Blogs educativos apresentam-se permeadas de discursos homogêneos mas também múltiplos, como se quisessem deixar marcas pessoais que os distinguíssem uns dos outros nas águas intranqüilas do mar cibernético. Para tanto, elegemos em nossa pesquisa a compreensão e não a explicação uma vez que essa pode passar a idéia de ser definitiva, pois concordamos com Bakhtin:

Ver e compreender o autor de uma obra significa ver e compreender outra consciência, a consciência do outro e seu mundo, isto é, outro sujeito (...). Na *explicação* existe apenas uma consciência, um sujeito; na *compreensão*, duas consciências, dois sujeitos. Não pode haver relação dialógica com o objeto, por isso a explicação é desprovida de elementos dialógicos (...). Em certa medida, a compreensão é sempre dialógica. [Bakhtin:2003:316].

Seguindo a linha de compreensão dialógica proposta por Bakhtin, constatou-se em nossa pesquisa que tornaram-se comuns, às várias vozes docentes, fincarem nas suas bandeiras da educação os símbolos da hipertextualidade, interatividade e dialogismo. Considerando-os, assim, como características desejáveis para ambientes de aprendizagem via Internet, e desse modo esses símbolos foram elevados a categorias desse estudo. Nesse universo, no qual inserimos os Blogs estudados, foi possível contextualizar essas categorias para compreender seus outros significados sob outras perspectivas.

Isso significa dizer que a análise das três categorias não foi realizada, a um só tempo, sobre um Blog educativo, apesar desses símbolos poderem estar presentes no mesmo espaço virtual. Ou seja, optamos em separar os Blogs em três grupos relacionando-os, cada um, às categorias. Desse modo, permitiu-nos aproximações melhores, em um dado momento, dos

aspectos que motivam a presente pesquisa e que foram organizados nos tópicos a seguir.

4.2. - Hipertextualidade no ciberespaço

O hipertexto, ao contrário do que parece, não surgiu quando da criação de ambientes gráficos da Internet, em que envolve o uso de imagens, textos, sons e links. Apesar de Vannevar Busch, segundo Lévy (2006), ter sido o primeiro a usar a palavra hipertexto em 1945, no seu artigo “As We May Think”, os aspectos conceituais desse termo vem sendo aplicado, continuamente, no desenrolar da história humana.

Se reportarmos à história do homem no tempo das cavernas, observa-se a intencionalidade das mensagens retratadas nas gravuras e pinturas. Seus costumes, cultura e o ambiente de seu grupo eram ali inter-relacionadas pela disposição dos animais, da vegetação, e de situações climáticas nas paredes de cavernas. Estas revelações são na verdade vários textos em um contexto, como se quisessem de fato deixar para a posteridade sua história de vida para que possamos apreciá-la, conhecê-la e julgá-la. Nelas, assim consideramos, estava a representação de um hipertexto.

Contudo, uma concepção técnica de hipertexto eletrônico seria um emaranhado de nós que se ligam uns aos outros por fios invisíveis da conexão lógica. Esses nós se fazem representar por enunciações dispostas em diferentes suportes textuais como: texto escrito, sons, imagens estáticas ou dinâmicas, permitindo ao sujeito interferir, de certa forma, neles seja trocando de página, inserindo, deletando e mesclando diversos tipos de textos.

A hipertextualidade no mundo virtual, portanto, é potencializada por maiores possibilidades de acesso, ou processamento veloz, de múltiplas informações no suporte digital. A vantagem do hipertexto digital é permitir ilimitadas conexões de textos e subjetividades do sujeito frente a um suporte material, porém suposto como ilimitado.

Apesar do hipertexto permitir ao sujeito-leitor uma liberdade de escolha dos caminhos a tomar, buscando ou relacionando as informações que lhe interessam, ela não é absoluta. Pois, como aponta Marcuschi (apud Correia Dias e Antony:2003:58) “o hipertexto não é uma seqüência de qualquer coisa”, o modo como são colocadas as palavras em um texto pode permitir ou abrir espaço para o sujeito estabelecer relações entre o que lê e o que já leu, ouviu presenciou ou vivenciou.

O texto ou o hipertexto, por sua vez, também expressam intencionalidades de um ou mais autores ao comunicarem idéias por meio da sua escrita. Essas intencionalidades podem enriquecer os espaços ou ambientes hipertextuais eletrônicos, visto que esses representam um determinado instante no espaço-tempo em que o sujeito se relaciona com diversas informações oferecidas em múltiplos formatos, seja por meio de imagens, sons ou *links*. Permitindo-lhe, de

certo modo, uma liberdade de escolha de qual informação acessar.

No entanto, observa-se nos espaços hipertextuais da Internet, utilizados por autores com intenção educativa, a presença do instrucionismo convencional, prática tradicional nos mais variados ambientes educacionais. As inserções dos educadores nesses espaços parecem contribuir muito pouco para fazer de suas práticas ações transformadoras do processo de ensino-aprendizagem.

Considerando as críticas de Pedro Demo sobre o instrucionismo permitiu-nos observar semelhanças entre as práticas pedagógicas de sala de aula e as práticas pedagógicas no meio educativo virtual. Sejam nos espaços instituídos para a educação à distância, sejam nos Blogs educativos, o instrucionismo ainda impera como um modo atrativo, automático ou mais cômodo de se instruir.

Assim, o instrucionismo na mídia virtual assemelha-se ao que ocorre no instrucionismo convencional. Apesar da riqueza de imagens em movimento, sons e textos acrescidos de links que estabelecem relações com outros links, outras imagens e outros textos, constituindo um hipertexto, não garante a essa mídia, por si só, potencializar o processo de ensino-aprendizagem.

Pedro Demo observou que “As cadeias de seqüências lineares de textos permitem navegar por eles, armazenar uma série de links, inventar quantos se quiser, embora não ultrapassem o que o computador é hoje: máquina de processamento e armazenamento de informação.”[2003:81].

Desse modo, permite-nos considerar outro aspecto da questão: ao se construir ambientes hipertextuais, caracterizados como reprodutores de informações limita-se ao sujeito, no nosso entender, suas possibilidades de interpretação, interatividade e dialogismo que lhe permitiriam estabelecer hipertextualidades com os elementos de escrita e leitura inseridos nesses ambientes.

A hipertextualidade, sob nossa ótica, caracteriza-se pela descentralização do processo interpretativo, pautada pela liberdade de conexões entre tais elementos que possibilitem a criação de sentidos. Se ao sujeito é dada a possibilidade de interpretar um texto conforme as relações que esse sujeito estabelece com outros links ou textos, torna-se necessário refletir sobre os modos como são construídos certos ambientes hipertextuais aplicados à educação. A intenção do autor ao criar esses ambientes pode seguir entre duas possibilidades:

a) ambiente hipertextual aberto: o autor privilegia a criação, a autonomia, a liberdade do leitor, a multiplicidade de caminhos e formatos textuais. Permite uma variedade de respostas livres baseadas nas leituras de mundo e vivências do sujeito-leitor. Prescinde de contextualização aberta ou flexível dos temas abordados, inserindo inclusive idéias contrárias.

b) ambiente hipertextual fechado: contextualização rígida dos temas, determinístico, de

modo a diminuir ou eliminar respostas livres ou delimitar-lhes a interpretação. Esse tipo de ambiente permite direcionamentos inflexíveis e um controle maior do professor sobre o conteúdo posto, facilitando-lhe a correção uma vez que as respostas costumam ser esperadas e por isso, padronizadas. O aluno será levado a manifestar-se de forma passiva, apenas como receptor de um arcabouço de informações limitando-o na construção da hipertextualidade.

Assim, para se compreender hipertextualidade é preciso (re)significar o conceito do hipertexto. Esse conceito, como visto acima, antecede aos recentes textos eletrônicos que são editados de múltiplas formas utilizando-se das novas tecnologias digitais, ou seja, não é um termo que se restringe às mídias, tais como DVDs, ou serviços virtuais como a web²³ (também conhecida como WWW -world wide web).

De outra maneira, não se trata, portanto, de um conceito limitado aos meios eletrônicos, pelo contrário, o hipertexto encontra-se em franca expansão a partir do instante que está sendo incorporado pelas mais diferentes teorias e explorações tecnológicas.

No Blog educacional <http://planeta.terra.com.br/educacao/Gutierrez/Blogs/zapt> da prof^a Suzana Gutierrez, datado de 20 de outubro de 2003, procuramos compreender nas suas palavras a defesa desse ambiente potencialmente hipertextual e dialógico, pois vejamos:

Penso que os weblogs, usados em projetos educacionais, podem desencadear entre os participantes o exercício da expressão criadora escrita, artística, hipertextual. (...).

(...)

A relação dialógica que constrói conhecimento, conforme entende Bakhtin (2000), estabelece-se entre sujeitos de linguagem, entre sujeito e texto e entre textos. Expressa-se nos signos, na linguagem oral e escrita. A digitalização acrescenta a estes meios de construção e expressão do conhecimento toda uma outra formação de signos, outra estrutura de texto, outra dinâmica espaço-temporal e outras relações.

²³ - A web, ou WWW, é um dos serviços oferecidos na Internet, tais como: o e-mail – correio eletrônico; FTP – serviço de transferência de arquivos; telnet – acesso remoto, e outros. Na web encontra-se sites (sítios), cuja linguagem básica para sua criação é o HTML – linguagem de criação hipertextual, ou linguagem de marcação de texto, que permite inserir textos, sons, vídeos e imagens.

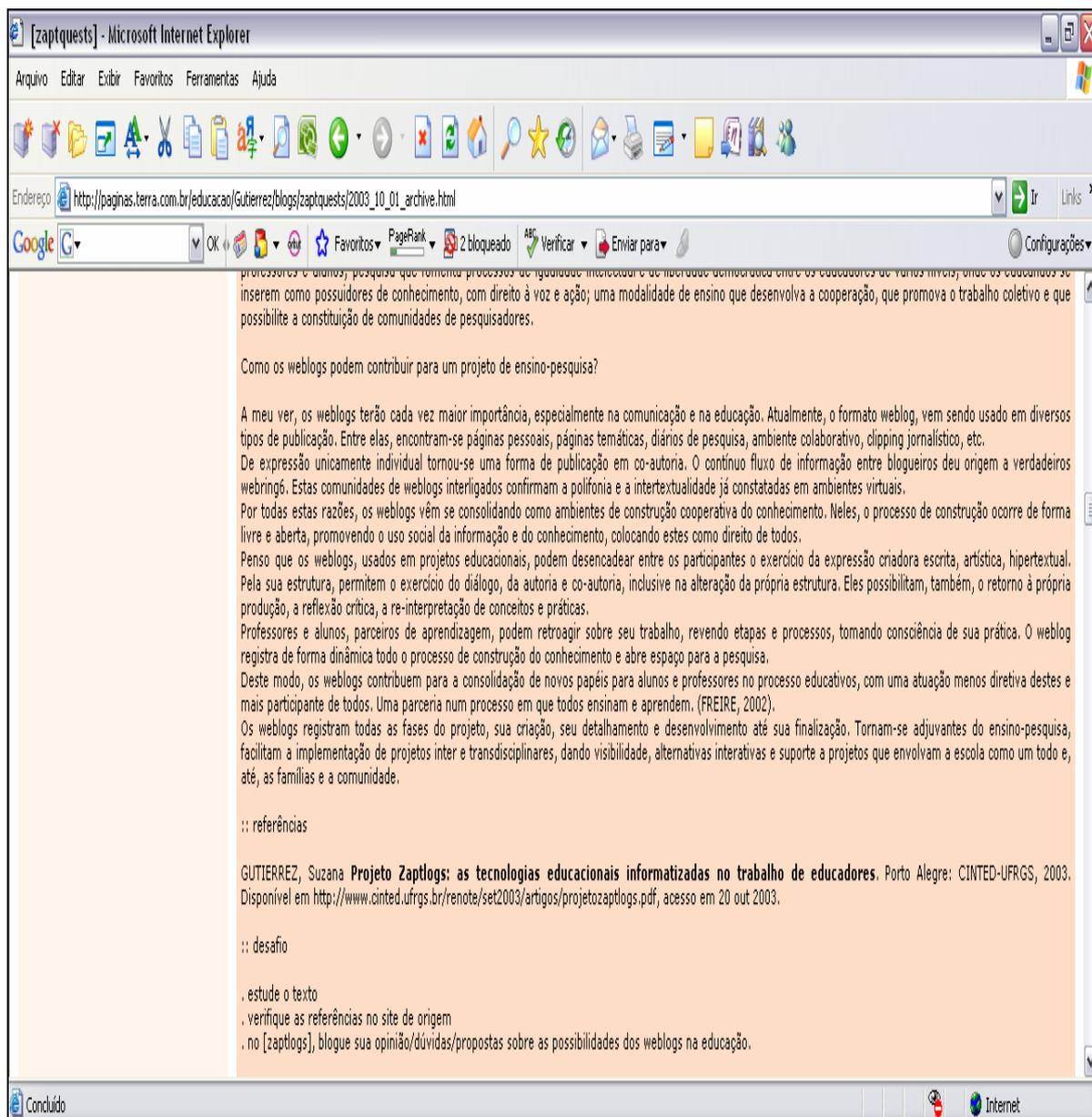


Fig.1 – Página do Blog Zaptlog.

A simplicidade visual desse Blog pode ser justificada por representar uma das primeiras experiências da autora no uso dessa ferramenta. Percebe-se haver a predominância de texto escrito e disposto na tela de forma semelhante ao que encontramos em uma página de livro comum, não apresenta nenhum atrativo a mais, como inserção de imagens, ou uma distribuição do texto de forma mais interessante aos olhos de quem estivesse visitando esse ambiente. Assim, não percebemos a oferta de uma quebra na linearidade da leitura, mesmo com a presença esparsa de um ou outro hiperlink²⁴. No entanto, a idéia que demonstra é a de uma

²⁴ - No estudo de editores de texto, em especial o do Word (Microsoft), é possibilitada ao usuário a inserção de hiperlinks, representado visualmente por um globo com dois elos sobre este, cuja função é unir um documento ou arquivo a qualquer outro, inclusive imagens ou páginas virtuais.

leitura tradicional oferecida em um novo suporte, porém virtual.

Isso lembra, portanto, a característica da abordagem tradicional em que o processo de aprendizagem se estabelece a partir de padrões e procedimentos, em regra, homogêneos, lineares, independente das identidades e das particularidades sociais e culturais do grupo.

Todavia, na tentativa de se encontrar hipertextualidade, direcionamos nosso olhar para outro Blog da mesma autora, em um contexto mais recente, intitulado <http://vamosBlogarbr.Blogspot.com/>, cujas últimas inserções analisadas para esse estudo datam de cinco de setembro de 2007, ou seja, quase quatro anos depois.

Nesse outro espaço observamos, na data em apreço, um ordenamento de links reportando o visitante para temas citados pela revista Escola (vide figura 2) e que foram criados, em forma de vídeo, pelos alunos das escolas de Paranavaí e Maceió. Os links abrem os seguintes vídeos: “Vandalismo é crime”, “Desmatamento da nossa natureza” e “Música: a cidade Chico Science”. No acesso ao primeiro vídeo, porém, o tempo de abertura do site www.revistaescola.abril.com.br/multimidia/pag_video/Gal_video_249397.shtml, passou de 15 minutos, o que já faria com que uma boa parte dos usuários desistisse. Quando enfim abriu-se a página, achando que assistiria de imediato ao vídeo, mais uma surpresa: não se consegue assistir ao videoclipe caso o programa Windows Media Player²⁵ não esteja instalado. Ou seja, mais um aspecto que pode impedir o usuário de acessar a informação. E essa experiência se repete para cada um dos dois outros links da página: “Desmatamento da nossa natureza” e “Música: a cidade Chico Science. Ao se clicar sobre a imagem da revista não surge nada de novo, é uma repetição da mesma imagem

Com essas observações, percebe-se que a hipertextualidade ficou restrita aos cliques com o mouse sobre os links postos e à leitura da informação no formato videoclipe ou sonoro, exigindo ao usuário passar, antes, por um teste de paciência. Assim, prejudicou-se, no nosso entender, o estabelecimento de hipertextualidade do usuário com as informações presentes. O videoclipe, por exemplo, poderia representar um recorte discursivo, como entendido por Orlandi (2006), ou seja, um “fragmento correlacionado de linguagem – e – situação.”[2006:139]. Se o usuário se vê privado de interrelacionar-se com o que deveria ser um recorte discursivo (fragmento de um texto), não conseguirá também gerar hipertextualidade com esse recorte, haja vista, afirma Orlandi(2006):

O texto é o todo que organiza os recortes. E esse todo tem compromisso com as tais condições de produção, com a situação discursiva. Essa situação instaura um espaço entre enunciados

²⁵ - Trata-se de um programa da empresa Microsoft que permite a reprodução de mídias digitais (CDs, DVDs, vídeos da Internet). O usuário desse programa pode escutar músicas ou assistir vídeos, montar álbuns entre outros.

efetivamente realizados, espaço que, como dissemos mais acima, não é vazio mas social (interacional).

A idéia de recorte remete à noção de polissemia e não à de informação²⁶. Os recortes são feitos na (e pela) situação de interlocução, aí compreendendo um espaço menos imediato, mas também de interlocução, que é o da ideologia. [Orlandi:2006:140].

Os títulos dos vídeos não parecem estar inter-relacionados, mas só percebe-se esta conexão ao visitar as páginas indicadas, ou quando abre o *link* "[Paisagem vista Quadro a Quadro](#)". A princípio, a impressão que se tem é a de temas independentes produzidos pelos alunos da escola referenciada, mas que ao se visitar a página notamos tratar da disciplina de geografia para a qual trabalhou-se temas que se relacionassem. No caso da imagem posta na página, sugere ao visitante tratar de temas relacionados com as drogas, haja vista a ênfase do título de capa da revista. Ou seja, a imagem está descontextualizada e sugere o uso de um espaço para a publicidade da própria revista.

Redirecionamos, então, nosso olhar para o único comentário explícito feito às matérias. Aliás, o número de comentários para cada recorte discursivo ou para o assunto do dia inseridos nos Blogs não costuma ser muito expressivo. Muitas vezes não tem comentários, e quando tem, são poucos. O visitante chileno Eduardo Waghorn limitou-se a considerar o “Blog muy interesante.”, como podemos observar na figura 2 abaixo.

²⁶ - Orlandi descreve a informação como “a que revela a intenção de comunicação do locutor, fica circunscrita àquilo que, no lingüístico, é factual e mensurável. E o que interessa, quando pensamos o discurso, é a possibilidade dos múltiplos sentidos e não a informação factual e mensurável.” [Orlandi:2006:138]. Sua colocação é bastante interessante, pois nos lembra que a informação, na informática por exemplo, reúne um conjunto de dados interrelacionados para criar sentido, ou seja, deve passar uma mensagem significativa. E o dado sozinho, nem sempre indica alguma coisa – é uma parte isolada de um todo. Assim a construção do conhecimento não se dá pela reunião dos dados e pela reflexão que o sujeito faz sobre eles. A exteriorização do conhecimento ocorre por meio do discurso que dada a natureza humana é em essência polissêmico, ou seja, reveste-se de uma multiplicidade de sentidos. E o sentido de um discurso, por sua vez, é construído pelo sujeito no intervalo entre o momento de início de sua enunciação e fim dessa mesma enunciação em dado contexto. Mudou-se o contexto, o discurso poderá adquirir um novo sentido.

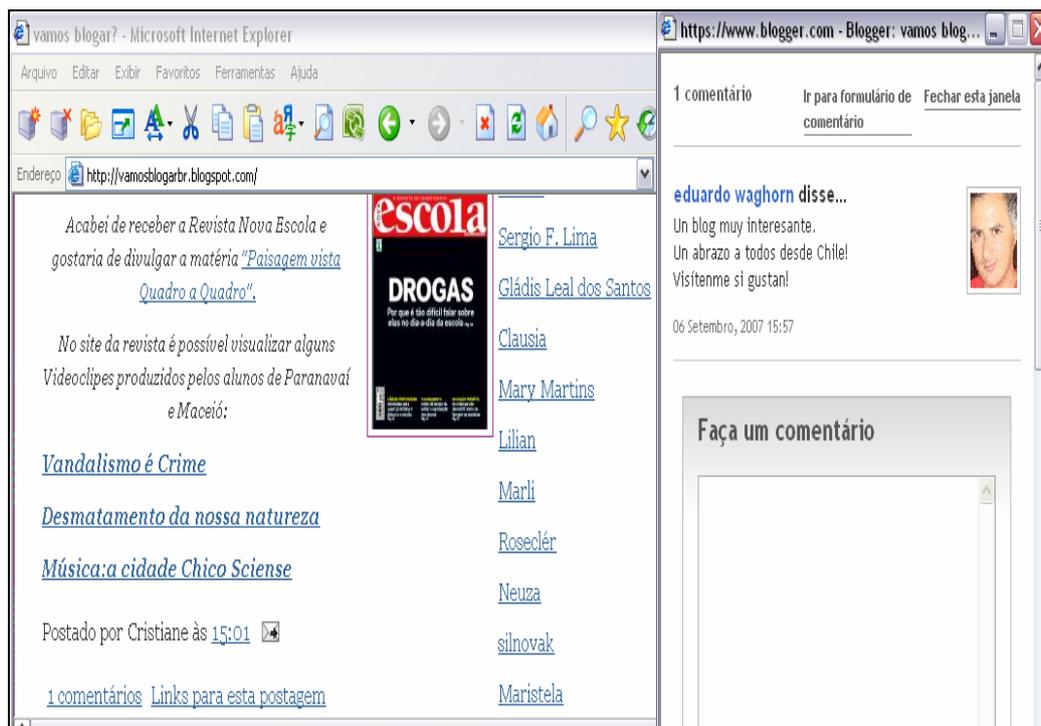


Fig.2 – página do Blog Vamos Blogar <http://vamosblogarbr.blogspot.com/>

A pergunta, que busca resposta seria: até que ponto esse visitante achou interessante aquele Blog? O visitante limitou-se a fazer uma leitura apenas das primeiras informações que visualizou, ou será que acessou os demais links (um ou todos ?) para em seguida emitir o seu comentário? O quê, de fato, ele quis dizer com ‘muy interesante’? Qual a construção de sentido desejada pela autora do Blog e qual foi à produzida pelo visitante?

O discurso do visitante pode ter o sentido de querer informar que os títulos dos *links* já demonstram do que se trata, e para ele só isso é o suficiente, mas não nos dá uma garantia que ele acessou e fez a leitura do que está inserido nos *links*. Pode ter achado “interessante” porque os tópicos do Blog estabelecem uma espécie de diálogo com os tópicos do seu Blog, pois deixa o seu recado para que o “visitem”. Pois bem, o visitamos através do link de seu nome para captar a intenção que o levou àquele Blog. E de lá seguimos para alguns de outros seus Blogs com temas diversificados, em especial o que aponta “Porqué un Blog: La pregunta clásica” - <http://es.geocities.com/movilwagg/Blogosfera.html> . Deixou-nos claro o seu hábito de Blogueiro-pesquisador de vários assuntos (incluindo seus estudos lingüísticos), visitando Blogs diversos, e criando os seus.

Voltando aos links do Blog em questão, podemos arriscar na idéia de que a percepção dos temas, para cada um dos sujeitos – emissor e receptor dos textos, não será necessariamente a mesma, considerando-se que a intenção desses sujeitos podem ser diferentes. Nesse contexto, Cavalcante reforça nossa idéia ao propor que:

(...), ao elaborar o mapa (hipertexto), o autor destaca os pontos de referência (*links*) que considera serem relevantes ao seu leitor. Mas não aponta um caminho específico, propõe articulações possíveis entre textos.

(...). Vale ressaltar o caráter de simulacro da leitura/escritura virtual, pois nem sempre aquilo que se demarca como *link* e o que se apresenta como *nó* reflete a trilha escolhida/esperada na construção de sentido. Muitas vezes, as expectativas criadas pelo *link* não se materializam nos nós apresentados ou, então, não há *links* para a trilha que escolhemos. [Cavalcante:2004:169].

Há, ainda, outra questão relevante que contribui para a materialização da expectativa gerada pelos *links*: a inserção de diferentes pontos de vista, olhares divergentes sobre uma mesma questão possibilita uma hipertextualidade mais significativa. Mas na maioria dos Blogs analisados não encontramos o confronto, o diferente, a contestação.

Ao reescrever as palavras de Marcuschi (2004) citadas nesse estudo, em que ele afirma a impossibilidade de se construir, organizar ou estruturar um ambiente hipertextual educativo totalmente aberto e ao mesmo tempo prever as possíveis escolhas dos sujeitos-leitores, nos proporcionam outras reflexões. É, na perspectiva da imprevisibilidade, onde visualizamos o potencial de (re)criação de sentidos possibilitados pelas conexões livres que o meio eletrônico propicia ao sujeito. Nesse entendimento, descortinam-se três questões iniciais.

Na primeira questão temos: se não é possível prever todas as escolhas dos alunos, ao menos, pode-se colocá-los à frente desse ambiente sabendo que poderão tomar qualquer das estradas que se lhes apresentarem. Sendo assim, tem que haver uma multiplicidade de estradas, sem a qual a possibilidade de escolha fica reduzida. E no retorno dessa viagem exploratória, ou durante a mesma, é que poderemos avaliar se houve construção de novos saberes e se esses conhecimentos lhes foram significativos.

A dificuldade, nesse caso, estará na escolha de processos condizentes de avaliação do possível aprendizado significativo. Pois, o que pode fazer sentido para o aluno pode não ser o mesmo para quem o avalia e direciona, frustrando sua expectativa, a sua intenção. Talvez devido a essa dificuldade de avaliar o aprendizado nesse ambiente, não nos foi possível perceber de que modo os alunos seriam avaliados e qual a intenção imaginada pelo professor. De certo modo Bakhtin observou a imprevisibilidade de o sujeito ver realizada, ou não, a sua intenção ao elaborar seu enunciado, seu texto. Advogava que:

Todo texto tem um sujeito, um autor(...)

O problema das fronteiras do texto. O texto como enunciado. O problema das funções do texto e dos gêneros de texto.

Dois elementos que determinam o texto como enunciado: a sua idéia (intenção) e a realização

dessa intenção. As inter-relações dinâmicas desses elementos, a luta entre eles, que determina a índole do texto. A divergência entre eles muita coisa pode sugerir. [Bakhtin:2003:308].

A segunda questão que se percebe nesse espaço, sob a nossa ótica, é a de que os limites de relações no texto se restringe à sua materialidade, pois o sujeito se sentirá livre para firmar ligações múltiplas conforme sua disposição, nível de abstração e tempo permitirem. Novamente, aqui se firma a imprevisibilidade.

Diante disso surge a terceira questão: o sujeito pode perder o foco do que o levou à pesquisa no espaço virtual. Sua liberdade para construir pontes entre as diversas informações disponíveis podem roubar-lhe um tempo precioso, contribuindo para uma elaboração de conhecimentos superficiais. O próprio sujeito pode não ter certeza se as fontes virtuais pesquisadas, ou indicadas por terceiros, são confiáveis ou não, haja vista a presença constatada de informações falsas ou não fidedignas. Portanto, exige-se do sujeito uma postura de analista crítico diante de tantas rotas, tantos caminhos, no sentido de saber em primeiro lugar o que quer encontrar e, em segundo, onde e como encontrar.

Na Internet, o acesso às informações não impõe aos sujeitos que sigam uma ordem estabelecida por alguém. O internauta tem a liberdade de decidir por qual link iniciar sua exploração. Não lhe é exigido que inicie da informação de menor ordem para que, gradualmente, alcance à mais complexa.

São diversos os meios (instrumentos) tecnológicos disponibilizados na rede dotados de potencial para constituírem ambientes de aprendizagem, porém, o que se percebe na boa parte das iniciativas educacionais é a sua grande subutilização (desses meios) nesses espaços. Por conseguinte, faz-se necessário que se reflita sobre possibilidades de se construir novas posturas e intervenções pedagógicas do professor e do aluno, reformulando a concepção de aprendizagem a partir da quebra dos paradigmas tradicionais. O “essencial” para essa transformação, segundo Pierre Levy:

(...) o essencial se encontra em um novo estilo de pedagogia que favorece, ao mesmo tempo, as aprendizagens personalizadas e a aprendizagem coletiva em rede. Nesse contexto, o professor é incentivado a tornar-se um animador da inteligência coletiva de seus grupos de alunos, em vez de um fornecedor direto de conhecimentos. [Lévy:2005:158].

Diante desta colocação, torna-se essencial a intervenção do educador mediante a sua compreensão dos sistemas de ensino, das novas tecnologias e suas alternativas, como também compreender os modos de como se ensina e aprende. Conforme Lévy afirma:

Cada elemento dessa pelota [Web] que não pode ser circunscrita é ao mesmo tempo, um pacote de informações e um instrumento de navegação, uma parte do estoque e um ponto de vista original sobre o referido estoque. Em uma face, a página da Web forma a gotícula de um todo em fuga, enquanto na outra propõe um filtro singular do oceano de informação. Na Web tudo se encontra no mesmo plano. E no entanto tudo é diferenciado. Não há hierarquia absoluta, mas cada site é um agente de seleção, de bifurcação ou de hierarquização parcial.[Lévy:2005:160].

4.3.- Interatividade para além do *mouse*.

O inovar na pesquisa científica costuma ter a intenção de acrescentar um diferencial ao saber na medida em que explora, por outro viés, certo objeto. Ao sujeito é dada a possibilidade de interferir no ambiente virtual de diferentes modos, mas nem sempre esses modos lhe são livres, podendo ser direcionados por links que exigem um seguimento de idéias organizadas de forma linear, apesar da aparente multiplicidade de caminhos disponíveis.

Ao perceber essa ocorrência em certos Blogs, nos traz à lembrança a maneira como se dão nossas práticas, e leva-nos a realizar uma auto-crítica, e a refletir sobre em que precisam ser modificadas. A partir disto pudemos elaborar uma tabela comparativa entre atitudes do que é e do que poderia ser, ou seja, como encontramos alguns conteúdos dispostos nos Blogs educacionais analisados e como poderiam ser distribuídos.

Atitudes <u>convencionais</u> baseadas na <u>linearidade</u> :	Atitudes <u>inovadoras</u> baseadas em <u>conexões em rede</u> :
<ul style="list-style-type: none"> • O professor é o guardião e transmissor do saber; • Emissor de informações tipo um-todos; • Aula unidirecional, univocal; • <i>Links</i> sugerem o caminho a seguir para alcançar a compreensão. 	<ul style="list-style-type: none"> • O professor é agente provocador de situações; • Mobilizador da inteligência coletiva tipo todos-todos; • Aula interativa, multidirecional, plurivocal; • <i>Links</i> dispostos de forma que lembrem um rede com várias possibilidades

Em outras palavras, a interatividade nos remete às alternativas de se estabelecer relações de parcerias com outros sujeitos, bem como também firmar trocas ou aglutinações de saberes e conhecimentos tendo como suporte um ambiente hipertextual. Assim, para possibilitar a interatividade entre os sujeitos suas participações devem ser ativas entre os vários elementos

organizadores de um contexto virtual.

Entendendo-se esses elementos como aqueles que exigem do sujeito a sua intervenção direta, seja por meio de cliques sobre os links disponíveis ou escrevendo suas mensagens para outros sujeitos. Portanto, nesse ambiente digital o hipertexto eletrônico possibilita ao sujeito ser co-autor, ou seja, ser interativo, atuar sobre o texto transformando-o de modo a fazer-lhe sentido.

Desse modo, essa caracterização do hipertexto eletrônico nos remete ao site Rizoma - <http://www.rizoma.net/hp10.htm> ambiente estudado por Correia Dias e Antony (2003), exemplo raro de espaço interativo em construção tendo como fundo filosófico o conceito de palimpsesto, um espaço rico em intertextualidade e não-linearidade exemplificado pela presença de diversos gêneros literários, artísticos e culturais.

Forma-se, assim, um caleidoscópio de links interligando arte, arquitetura, música, cinema, quadrinhos, sexualidade e outros tantos temas, todos reportam ao leitor novos links além de possibilitar-lhe intervenções nesse espaço. Configura-se, mais uma vez, a expansão de alternativas educacionais que o espaço cibernético nos permite, escapando da idéia de mero suporte de conteúdos no estilo tradicional.

Assim, o que o ambiente cibernético propicia ao sujeito é a potencialidade, em um mesmo suporte eletrônico, de construção de sentidos por meio de processos interventivos de leitura e escrita. Ressaltando-se, que esses processos hipertextuais independem do ambiente em que se realizam, mas da concepção teórica que os fundamenta. Isso vale para várias mídias, seja a TV, cinema, arte, ou livros impressos.

Nesse contexto, ao se observar os Blogs da professora e pesquisadora Marli Fiorentin verificamos o convite claro à interatividade bem como tentativas de se aproximar do modo de abordagem do site Rizoma, por meio de incitamentos à participação coletiva e troca de informações entre os alunos que postavam nos Blogs.

Em seu Blog Opinião - <http://opiniaotecnicoadm.zip.net/> (visita mais recente 13/8/07) a autora em um de seus textos descreve o Blog como ambiente propício à interatividade entre os alunos, e entre esses e outras comunidades escolares, culturais citando, por exemplo, seus contatos com autores diversos espalhados pelo país.

A nós pareceu haver uma interatividade instrumental no sentido de que os alunos, no ambiente desse Blog, podem seguir por uma das possibilidades de vídeos por meio da ferramenta “Youtube”²⁷, bastante conhecida de diversas comunidades virtuais.

Abrindo um parêntese, chamamos de interatividade instrumental em que o meio

²⁷ - Ambiente virtual em que se reúne vídeos dos mais variados temas, permitindo baixar para o computador do usuário àqueles que lhe interessa. O usuário pode também enviar para esse ambiente os vídeos de sua criação.

representado pelas diversas tecnologias, sejam os livros digitais, imagens, áudio, vídeos, programas-tutores de computador, são suportes de informações organizados em forma de links. Esses links são instrumentos postos no ambiente virtual para que o usuário possa interagir com essas informações, entendendo essa interação no sentido de acesso apenas.

Voltando ao Blog Opinião em apreço, nesse espaço observa-se o interesse em despertar a crítica de quem lhe visita, no sentido de opinarem, por meio de convite explícito à participação, sobre o tema proposto para aquela data. Um dos vídeos mostra um burrico cantando um tema relacionado às eleições que estavam prestes a ocorrer em outubro de 2006. A reação esperada é a de que o visitante insira seus comentários logo a seguir.

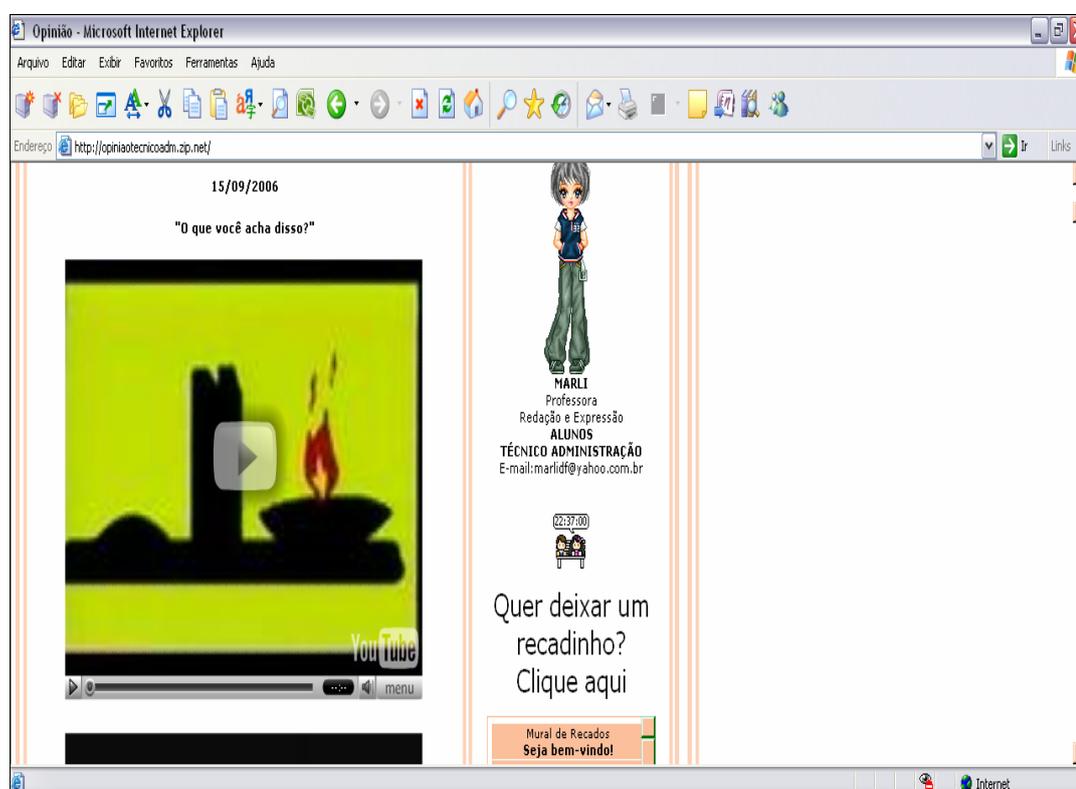


Fig.3 - Blog Opinião.

Ao se tentar assistir ao primeiro vídeo, não foi possível visualizá-lo por não estar disponível naquele momento em que se deu a observação. Mas percebe-se pela imagem tratar-se do Congresso Nacional em que a Câmara dos Deputados ali representada está “pegando fogo”.

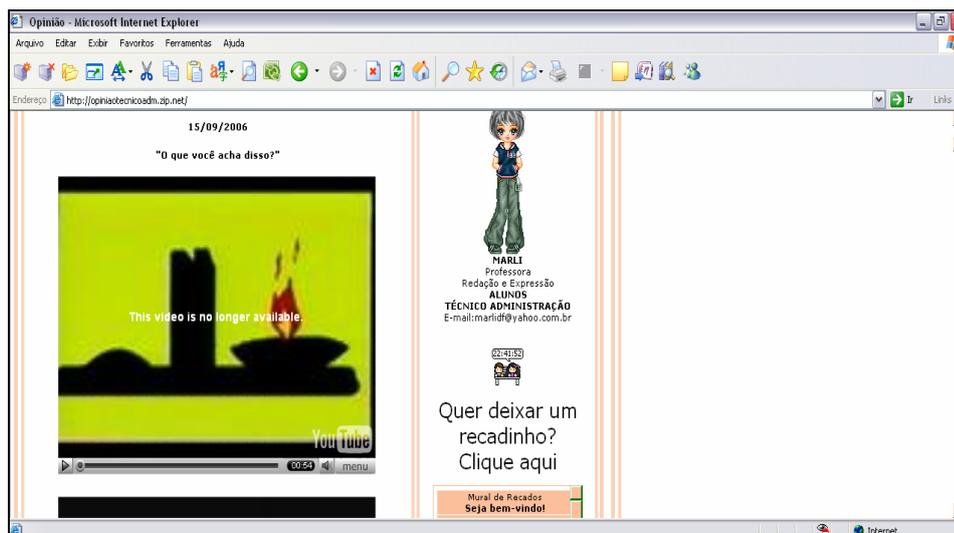


Fig. 3.1 - Blog Opinião – carregando o vídeo do Youtube.

No vídeo logo a seguir foi possível assisti-lo, observando-se na letra da música uma mensagem para a valorização do voto, como instrumento para se banir da política brasileira os políticos que caíram no descrédito popular. O discurso da letra bem humorada apesar de alegre demonstra a tristeza e indignação da sociedade com a política nacional. É a sátira que pretende mostrar seu sentido mais profundo por meio do contraditório: a alegria da música com a tristeza da letra; a imagem do burrico reportando a idéia de falta de inteligência do povo, mas de dentro da cabeça desse burrico a crítica encontra seu espaço de manifestação.

No entanto, dada a relevância daquele tema para a época em questão não foi inserido nenhum comentário relacionado, apesar dos muitos acessos feitos ao vídeo. E se houvesse alguma opinião ali expressa, ela por si só não garante, no nosso entender, a ocorrência de interatividade como um processo de construção coletiva em que pretende apropriar-se da opinião dos demais para reconstruir a própria ou reforçar a permanência da anterior.

De qualquer modo, podemos supor que os visitantes não ficaram indiferentes, criaram alguma interatividade, ainda que implícita em seu processo de leitura, dada a forma lúdica como foi criado o vídeo e tratar-se de tema em evidência. Porém, para chegar a esse ponto o aluno, ou visitante, desse ambiente cibernético passou pela interatividade instrumental a que nos referimos acima.

No recorte abaixo, no mesmo Blog Opinião, a imagem, datada de 2005, foca o tema corrupção envolvendo alguns políticos pela alusão que faz ao conhecido “Mensalão”²⁸.

²⁸ - O título “Mensalão” foi utilizado para se referir à entrevista concedida pelo então deputado Roberto Jefferson (PTB-RJ) ao jornal Folha de São Paulo em 2005, apontando um suposto esquema de propinas mensais destinadas a deputados do PP e do PL cujo valor era de R\$ 30 mil reais.



Fig. 3.2 – Recorte do Blog Opinião.

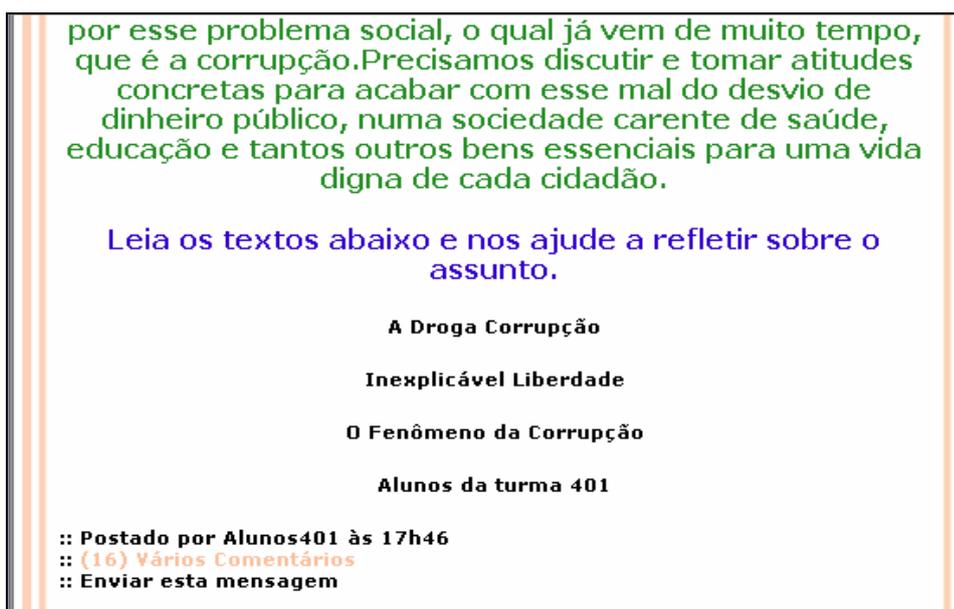


Fig.3.3. - Recorte de tema proposto Corrupção, do Blog Opinião.

Ao lermos os comentários que os alunos inseriram no Blog, percebemos que suas respostas configuram uma reação esperada, não conflituosa, em relação ao tema proposto pela educadora. Pois, nas leituras dos comentários que fizemos não encontramos opiniões que divergissem uma da outra, ou que trouxessem um novo olhar sobre a questão. Esses formatos de resposta apresentam-se uniformes, e desse modo não constituem uma diferença significativa para a construção do conhecimento, uma vez que se assemelham a processos de educação que ocorrem em sala de aula sem o suporte de um ambiente virtual.

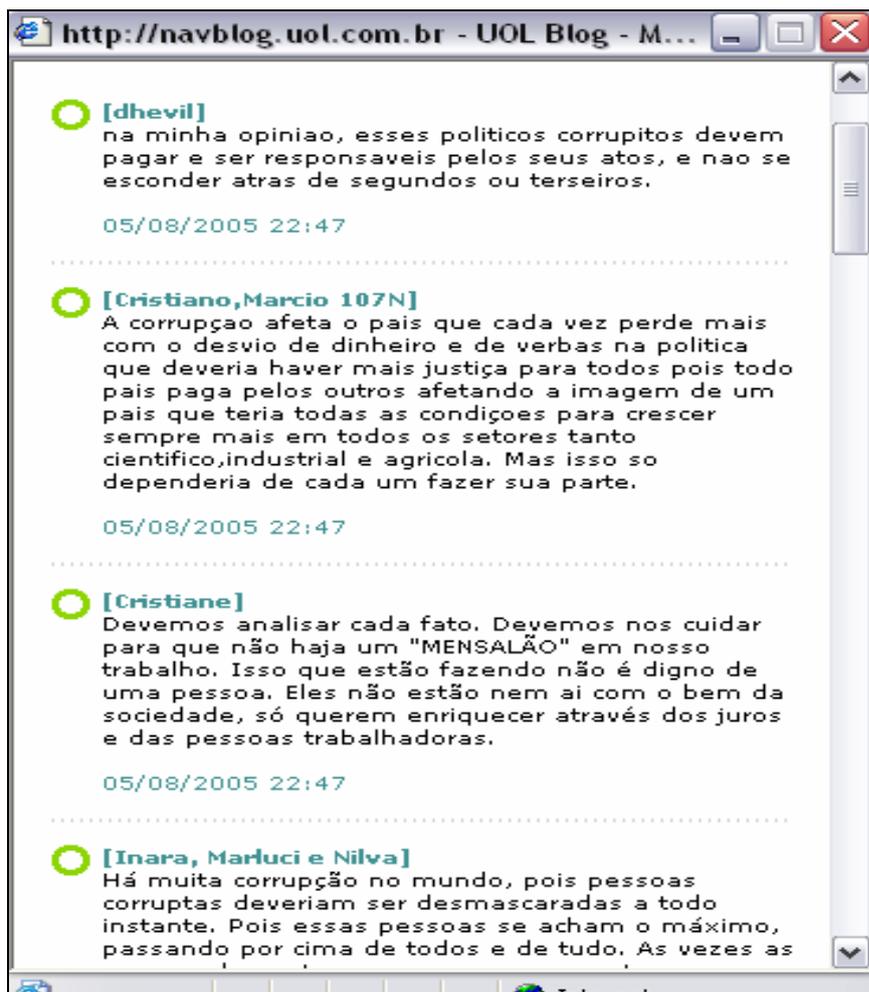


Fig.3.4: - Recorte do Blog Opinião, contendo comentários de alunos.

O curioso, em se tratando de Blog educacional, é que não há, a princípio, nesse espaço uma continuidade do assunto destacado em outros momentos e que estabeleça uma relação com os comentários. Parte-se para um novo assunto sem antes ter-se criado situações que pudesse levar ao aprofundamento do tema anteriormente abordado, apesar do convite da educadora para que procedam às leituras complementares com a proposta de abrir à reflexão. Outra observação feita é a não clareza da forma de avaliação da atividade desenvolvida e se houve reflexão sobre as leituras sugeridas.

Contudo, a tentativa de mergulhar um pouco no assunto é percebida pela inserção de links para essas leituras complementares, textos escolhidos previamente pela professora. Os alunos limitaram-se a acompanhar as sugestões de leitura da docente, para em seguida responder por meio da inserção de seus comentários. Nessa perspectiva os alunos estão cooperando com a professora na construção do Blog, mas não estão em processo colaborativo no sentido de também serem autores do Blog ou interventores, propondo outros olhares ou temas. Limitaram-se no seguir o direcionamento sugerido. Partamos agora para o próximo

Blog.

Visitando o Blog Vidas Secas – da ficção à realidade (<http://vidassecascolbachini.zip.net>), percebemos a continuação da defesa do Blog como ferramenta pedagógica reforçada pela reportagem da revista Época, edição 461 de 2007. Em primeiro lugar, começamos por perceber nesse Blog uma fuga da idéia original dos pioneiros dos Blogs – o de ser um diário de bordo, em que as inserções são, ou deveriam ser, realizadas diariamente. Assim, como o diário da vida real retrata o que se passa, em regra, dia a dia com o seu autor, é de se pressupor que o mesmo devesse ocorrer com esses diários eletrônicos. Para tanto basta observar, nas figuras abaixo, o intervalo entre a data da penúltima inserção para a mais recente – 12/06/2007 – 21/03/2007.

VIDAS SECAS - DA FICÇÃO À REALIDADE

21/03/2007

Materia na Revista Época

A Revista Época, na edição 461, publica reportagem sobre a utilização dos computadores como ferramenta pedagógica. A matéria dá destaque para algumas experiências de professores que utilizam essa tecnologia pedagogicamente, entre eles, eu. Nosso blog *Vidas Secas, da Ficção à Realidade*, desenvolvido em 2005, é citado como um exemplo de iniciativa inovadora. Embora não conste no texto, o projeto continua com a mesma proposta no blog *Ficção Versus Realidade*.

A chance de vencer o atraso no ensino

Como os computadores - e a internet - podem tirar as escolas do passado e trazer os professores para a era digital dos alunos. Leia na íntegra a **versão virtual**. O blog citado está na **página 2** da matéria.

Professora Marli Brasileira Gaúcha

E-mail: marlidf@yahoo.com.br

Blog das turmas 81 e 82 - 2005

Fig.4 - Blog Vidas Secas da professora Marli Fiorentin – inserção 21/03/2007.

Álbum de Fotos	[(3) Vários Comentários] [envie esta mensagem]
<p>BLOGS DE ALUNOS</p> <p>Blog Tradição Gaúcha Blog do Tadeu Blog da Sheila e Sinara</p> <p>"Uma cidade grande, cheia de pessoas fortes, os meninos em escolas, aprendendo coisas difíceis</p>	<p>12/06/2006</p> <p>Estamos retomando a proposta do blog, para 2006, em novo endereço; com nova cara, mas a mesma idéia.</p> <p>" Blog Ficção versus Realidade "</p> <p>Aguardo você lá!</p>
<p>e necessárias. Eles dois velhinhos, acabando-se como uns cachorros, inúteis, acabando-se como Baleia. Que iriam fazer? Retardaram-se, temerosos. Chegariam a uma terra desconhecida e civilizada, ficariam presos nela. E o sertão continuaria a mandar gente para lá. O sertão mandaria para a cidade homens fortes, brutos, como Fabiano, Sinhá Vitória e os dois meninos." Vidas</p>	<p>::Escrito por M@rli às 00h13</p> <p>[(2) Vários Comentários] [envie esta mensagem]</p> <p>08/02/2006</p> <p>PRÊMIO BLOPES</p> <p>Obrigada a todos os que estão dando uma força no BLOPES. Estamos concorrendo à categoria de melhor blog educativo feito em escola, entre os países Brasil, Portugal e Espanha. O blog Palavra Aberta também está no páreo.</p>

Fig.4.1 - Blog Vidas Secas – datas de atualização fogem do padrão “diário”.

Nesse sentido, parece haver uma descontinuidade cronológica, em que o tempo de vinte e quatro horas e regular não é levado em consideração caso não haja assuntos relevantes a tratar. A regularidade do tempo é, portanto, interrompida e nos lembra uma quebra de ritmo conferindo uma liberdade de ação para a autora desse Blog em inserir o que julga qualitativo em detrimento de uma ação quantitativa. Ou seja, demonstra não haver uma preocupação em escrever qualquer coisa só para não caracterizar um dia, ou dias, que não o fez. Busca-se, dessa forma, a realização do sentido e do que se julga importante para ser citado.

A mesma observação se aplica aos comentários e intervenções dos leitores ou participantes do Blog: um visitante pode visitar uma data qualquer posta neste Blog e lá deixar o seu comentário. Em nossa compreensão o ritmo pode estabelecer um marco entre um passado e um futuro em que uma ação foi desenvolvida, portanto vivenciada. Porém, o ritmo lembra o cadenciamento, uma ordenação de ações interagindo com limites definidos de tempo. Nos estudos de Bakhtin sobre o ritmo percebe-se com maior clareza que a criação de sentido, que entendemos pressupor interação com um objeto ou com outro ser social, não ocorre, de certa forma, fora de um tempo, mas busca se contrapor a este, pois vejamos suas palavras:

(...). O ritmo pressupõe certa predeterminidade da aspiração, da ação, do vivenciamento (certa inviabilidade de sentido); supera o futuro real, arriscado e absoluto, a própria fronteira entre o

passado e o futuro (e o presente, é claro) em proveito do passado;(...)[2003:107]
 Conseqüentemente, o ato criador (o vivenciamento, a aspiração, a ação), que enriquece o acontecimento da existência (o enriquecimento do acontecimento só é possível por via qualitativa formal, e não quantitativa, material, se ele não se transforma em qualitativo) e cria o novo, é essencialmente extra-rítmico(...)[2003:108]

O livre-árbtrio e o ativismo são incompatíveis com o ritmo. A vida (o vivenciamento, a aspiração, o ato, o pensamento), vivenciada nas categorias de liberdade moral e ativismo, não pode ser ritmada. [2003:109].

E, sob o aspecto da interatividade, o Blog Vidas Secas procura apresentar possibilidades de interações significativas entre os Blogueiros espalhados por várias partes do mundo, derrubando as barreiras geográficas, culturais e educacionais. Apresenta propostas de trabalho em que entram textos de escritores, como o Patinho Feio de Marcelo Spalding, para serem reescritos pelos alunos, destacando a participação direta dos autores do texto, conforme proposto pela professora Marli Fiorentin na forma de desafio.

10/10/2005

Aceitando o desafio do escritor Marcelo Spalding

Sheila e Sinara da Turma 81 reescreveram

O Patinho Feio



Uma bela moça que estava às vésperas de se casar, de acordo com a lei da família. Aí ela resolveu fazer uma festa com uma disputa com os rapazes de lá. Num povoado pouco distante dali viviam quatro irmãos, a mãe deles trabalhava lá na casa da moça e ouvindo os comentários e os preparativos resolveu falar para

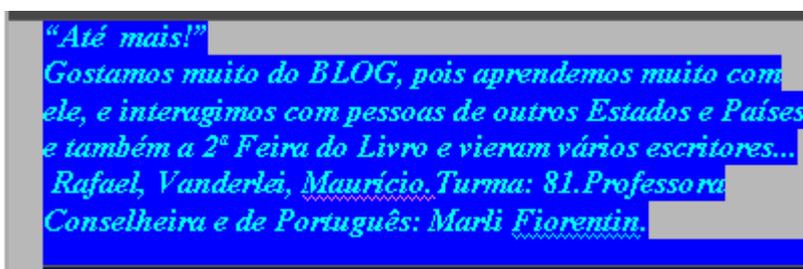
Fig.4.2- Recorte do Blog Vidas Secas – desafio de reescrita de texto.

Na reescrita do Patinho Feio as alunas estabeleceram um discurso em que reuniu dois

outros discursos já conhecidos pela maioria de nós com diversas variações: um, sobre o patinho feio que na estória se transforma em um belo cisne, e outro, sobre um velho rei sábio que distribuiu aos seus filhos um punhado de moedas de ouro para poder escolher dentre eles aquele que poderia comandar o seu reino. Assim, no discurso construído pelas alunas percebe-se a interatividade entrelaçada entre os discursos que o compõem, envolvendo a honestidade e a verdade, como se buscassem mostrar um paralelo com a corrupção e desonestidade tão visíveis no contexto social vivenciados por elas na contemporaneidade.

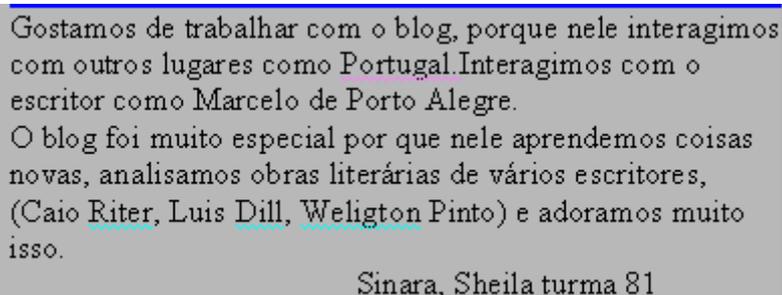
Percebeu-se, nesse contexto, uma reconstrução de sentidos proporcionada pela interação das histórias conhecidas, condizendo com uma proposta de ensino-aprendizagem em que se busca simular outras experiências diferentes que enriqueçam a construção do conhecimento. Desse modo, para o melhor entendimento do que aqui expomos achamos conveniente inserir no anexo a esse estudo a história completa construída pelas alunas no referido Blog, como também comentários dos alunos sobre suas impressões desse espaço virtual.

Na visão dos alunos, pelo que se pode observar, a experiência mostrou-se rica em trocas culturais, pela substituição da sala de aula convencional pelo laboratório, no qual os conteúdos puderam ser mais interessantes para a construção de sentidos, e interatividade. Como exemplo, incluímos abaixo alguns de tantos outros comentários desses alunos.



*“Até mais!”
Gostamos muito do BLOG, pois aprendemos muito com ele, e interagimos com pessoas de outros Estados e Países e também a 2ª Feira do Livro e vieram vários escritores... Rafael, Vanderlei, Maurício. Turma: 81. Professora Conselheira e de Português: Marli Fiorentin.*

Fig.4.3 - Comentário 1.



Gostamos de trabalhar com o blog, porque nele interagimos com outros lugares como Portugal. Interagimos com o escritor como Marcelo de Porto Alegre. O blog foi muito especial por que nele aprendemos coisas novas, analisamos obras literárias de vários escritores, (Caio Riter, Luis Dill, Weligton Pinto) e adoramos muito isso.
Sinara, Sheila turma 81

Fig.4.4 - Comentário 2.

Contudo, apesar da experiência interativa e diferenciada na reconstrução da história do Patinho Feio, a questão que colocamos, é a do confronto com o diferente, com a contra-opinião

que não apareceu em outros contextos do mesmo Blog. Será que realmente não apareceu ninguém para discordar? Será que nesse ambiente na rede virtual com foco educativo é comum a homogeneidade, e sendo assim não coube espaço para as idéias contrárias?

Desse modo, percebemos a transposição de conteúdos e a continuidade do processo educacional da sala de aula convencional para a sala de aula virtual, porém com um enriquecimento na prática pedagógica pela interatividade estabelecida pelas alunas na experiência de recontar a história do Patinho Feio. Mas vale ainda acrescentar que esse mesmo enriquecimento que a atividade propôs não seria muito diferente do que aconteceria na sala de aula convencional, utilizando os livros de histórias clássicas, folhas em branco, lápis de cor, grafite e borracha.

4.4. - Dialogismo: formas de viver do *Eu e do Outro*

O homem é, por natureza, dialógico. Ao concordar com essa afirmativa ratificam-se as diversas observações de Bakhtin referente ao dialogismo, facilitando apreender que todas as atitudes humanas decorrem do modo como os sujeitos se comunicam em suas relações sociais. Ao verificar como se constroem as redes sociais constata-se a presença de princípios dialógicos sem os quais a convivência e desenvolvimentos humanos não seriam possíveis. Cada ser humano encontra ou busca no outro um modo de compreender, transformar e ver o mundo e a si próprio, pois percebe sua própria fragilidade para enxergar o que o outro enxerga da perspectiva em que esse se encontra em relação a ele.

Para o propósito de análise do dialogismo apresentamos o Blog Oficina de Educação: <http://of2edu.blogspot.com/>, da professora de informática educacional e pesquisadora Gládis Leal dos Santos – Joinville –SC.

O que vimos percebendo não só nesse Blog mas nos diversos visitados para essa pesquisa, é a irregularidade de atualizações desses espaços virtuais. No caso do Blog em foco, a última atualização foi dia 02 de dezembro de 2006, assim o Blog também entrou de férias junto com seus integrantes, escapando à característica de ser atualizado dia a dia.

O objetivo de seu Blog é reunir práticas pedagógicas de outros professores, trocas de experiências, informações relacionadas com a informática educativa, links para outros Blogs e sites, notícias sobre seminários, palestras, etc. Nesse propósito, no Blog encontra-se simulações dialógicas em que pese a presença de links, nas figuras abaixo, para Blogs de outros professores ou espaços onde são tratados assuntos relacionados com a educação. E, apesar da riqueza de sentidos que pode advir do confronto de idéias diferentes sobre um mesmo tema, não significa dizer que também não possa haver a construção dessa mesma riqueza no

confronto de idéias concordantes. Ao observar as informações presentes nas figuras abaixo, referente ao mesmo Blog buscou-se compará-lo a alguns dos demais Blogs sugeridos pela professora Gládis, como por exemplo o Blog da Escola Municipal CAIC Mariano Costa- <http://caicmariano.Blogspot.com/> .

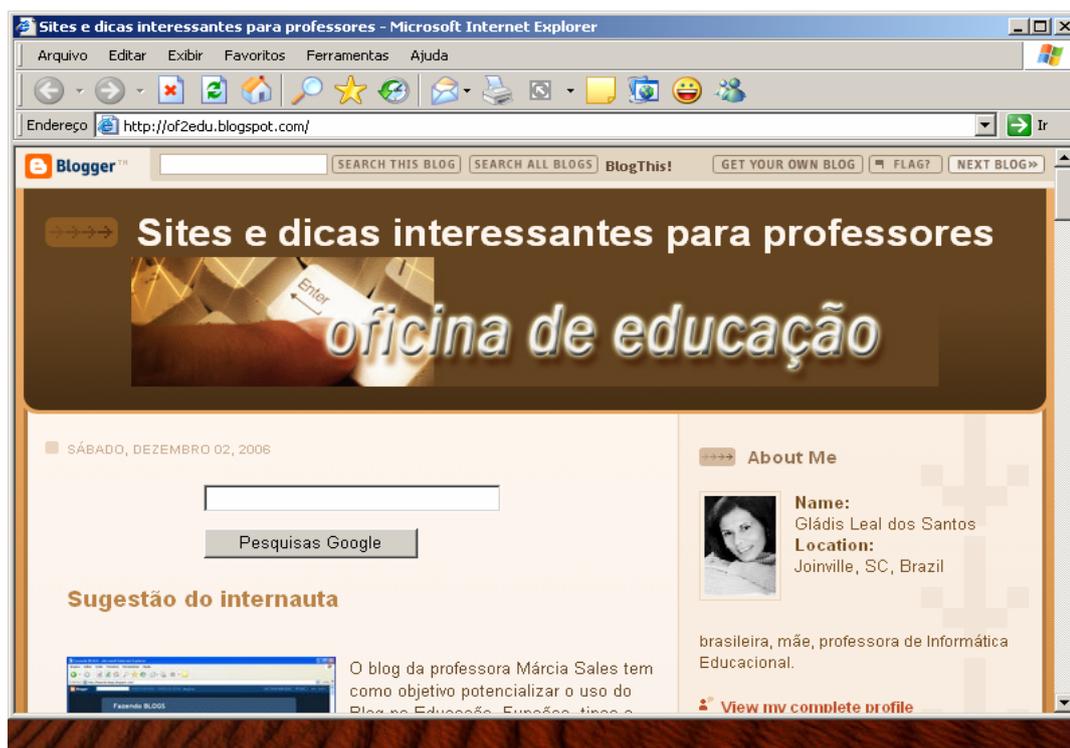


Fig.5 – Página inicial do Blog Oficina de Educação

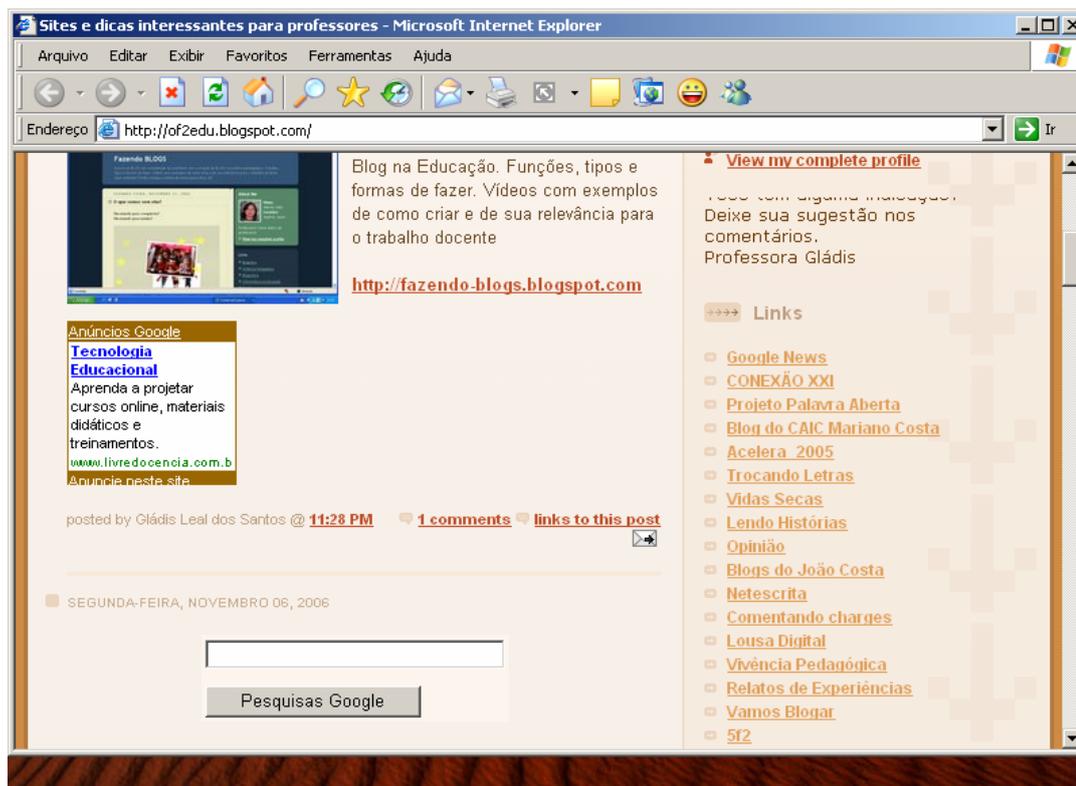


Fig.5.1 – Presença de diversos links para temas relacionados com a educação.

Ao compararmos os referidos Blogs, notamos quase nada de diferença entre eles, a não ser pelo nome. A forma de dispor os links segue um direcionamento padrão da maioria dos Blogs, como a distribuição dos títulos dos links no lado direito da tela. Apresenta também links para vídeos relacionados com a temática proposta pela professora, apresentando a mesma dificuldade na sua abertura, estimulando o visitante a rapidamente cancelar aquela navegação.



Fig. 6 – Tela atual de abertura do Blog da escola municipal CAIC Mariano Costa.

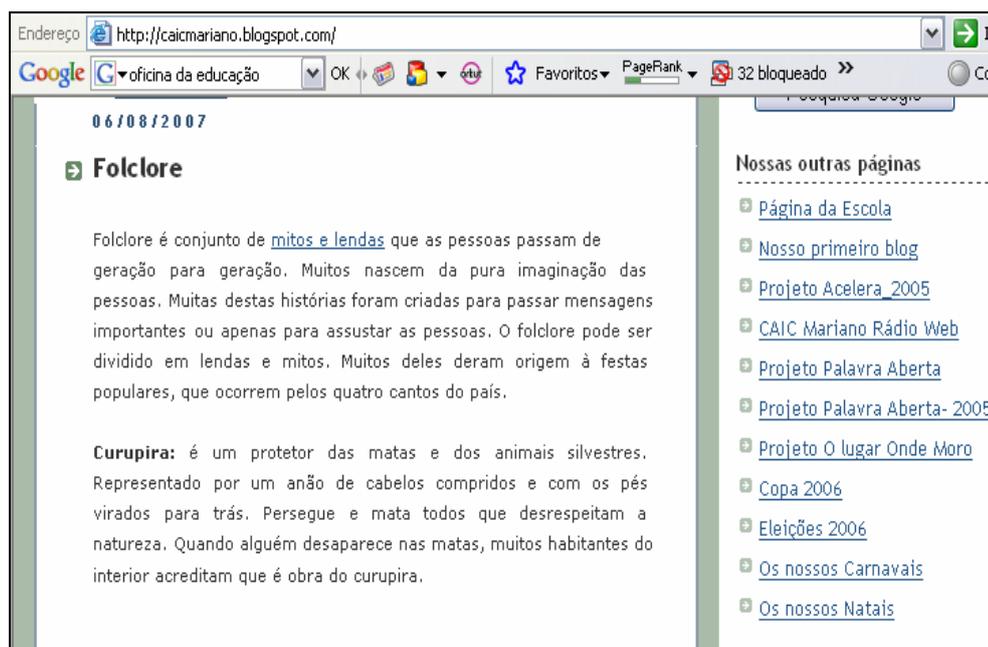


Fig.6.1 – Tela referente à continuação do Blog CAIC Mariano Costa.



Fig.6.2 – Blog CAIC Mariano Costa. Acesso a vídeo no YouTube.

Ao se fazer uma leitura dos comentários inseridos pelos alunos, repete-se o que já havíamos observado em outros Blogs: as intervenções na forma de opinião caminham para a homogeneidade, para a harmonia, para o não confronto. Na sala de aula convencional, ao assistirmos as apresentações de trabalhos dos alunos poucos são os momentos em que os demais alunos questionam, entram em conflito com as idéias apresentadas. Muitas vezes isso se deve ao modo como o professor organiza a apresentação dos trabalhos, desde os títulos dos

trabalhos até o tempo que será dado a cada grupo para apresentar o seu. No nosso entender, essa maneira peculiar de expor conteúdos também se repete no meio eletrônico, como o analisado nos Blogs em contexto educacional, portanto, não é apenas a utilização de programas ou ferramentas virtuais que poderá engendrar acréscimos significativos ao processo de ensino-aprendizagem. Pois, de qualquer forma, independente do meio utilizado e até mesmo independente da forma de trabalho do professor, algum sentido poderá ser construído pelos seus alunos se considerarmos que a relação dialógica, conforme Bakhtin esclarece, não se faz apenas pelo confronto de idéias contrárias.

Bakhtin (2003) desenvolveu, de forma multifacetada, a idéia de dialogismo nas relações sociais. Para o autor, em dois ou mais enunciados, ainda que situados distantes no tempo e no espaço, poderá sim haver relações dialógicas ao serem postos na zona de confronto. Nas suas palavras encontramos que:

(...), não se pode interpretar as relações dialógicas em termos simplificados e unilaterais, reduzindo-as a uma contradição, luta, discussão, desacordo. A *concordância* é uma das formas mais importantes de relações dialógicas. A concordância é muito rica em variedades e matizes. Dois enunciados idênticos em todos os sentidos ('belo clima!' – 'belo clima!'), se realmente são dois enunciados pertencentes a *diferentes* vozes e não um só enunciado, estão ligados por uma *relação dialógica de concordância*. [Bakhtin:2003:331].

Foi nesse contexto, que recebemos as idéias de Bakhtin ao afirmar que nas relações dialógicas, centradas na construção de sentidos, há espaço tanto para a discordância quanto para a concordância.

Na discordância dialógica, em meio a conflitos, divergências de opiniões, perspectivas diferentes de se observar o mundo, permitem, no nosso entender, o surgir de condições para o conhecimento evoluir, no decorrer do tempo, de um patamar mais baixo para um mais alto, ou seja, no conflito o conhecimento humano cresce na vertical. Isso nos faz pensar em construção vertical, evolução contínua sempre para cima. Essa evolução se dará até que encontre um ponto de acomodação, de equilíbrio, com tendência à concordância dialógica.

E, na concordância dialógica vamos encontrar as mesmas opiniões, pontos de vista generalizados, ainda que situados em perspectivas diferentes, homogeneidade, fuga do conflito, porém a leitura e pintura do mundo são feitas com cores diferenciadas, mas tomando-se o cuidado de retratar o mesmo mundo em certo intervalo de tempo. A concordância dialógica se utiliza do senso comum para reforçar ou ratificar a mesma opinião, embora multicolorida, e passá-las adiante, distribuí-las. Nesse segundo contexto, nossa análise caminha para o entendimento de que nessas condições o conhecimento humano desenvolve-se na horizontal, ou

seja, nos faz supor que ocorre a distribuição dos saberes estabelecidos. Nesse caso, nos faz pensar em construção horizontal, evolução contínua para os lados. Porém, findo certo tempo de acomodação novas interrogações surgem, as diferenças de perspectivas tornam-se irreconciliáveis os discursos dialógicos, agora com tendência à discordância e o processo se reinicia.

Em uma manifestação clara de contato com o outro, e de permitir visibilidade às idéias e sugestões desse outro, são acrescentados recortes, ou hipertextos de terceiros, que de certa forma promovam a ampliação do leque de opções discursivo aos seus leitores. Esses recortes opcionais apresentam-se na forma de jogos, música, arte, vídeo, quadrinhos, informes de eventos culturais, produtos e serviços diversos, porém relacionados ao contexto educacional, como os que encontramos nos Blogs analisados.



Fig.7 – Blog contendo links para tópicos relacionados à educação.

A busca pela visibilidade desses espaços educacionais passa pela abrangência de itens relacionados ao contexto em que atuam. O dialogismo aparece de forma tênue, disfarçada pelos poucos comentários, e quando ocorrem, mas também parece acontecer de forma implícita pelos diversos visitantes, outros Blogueiros, que por diversas razões resolvem não deixar rastros de sua visita. Talvez fosse interessante ser inserido um contador de visitantes, com possíveis registros em “históricos”²⁹, para embasar melhor a possível dialogicidade permitida por esse

²⁹ - a nossa idéia seria a de implementar a ferramenta “histórico”, de modo semelhante ao disponível no navegador Internet Explorer, de forma que fizesse o registro não só de um contador de visitantes, mas também os possíveis endereços, origens, dos visitantes.

meio virtual.

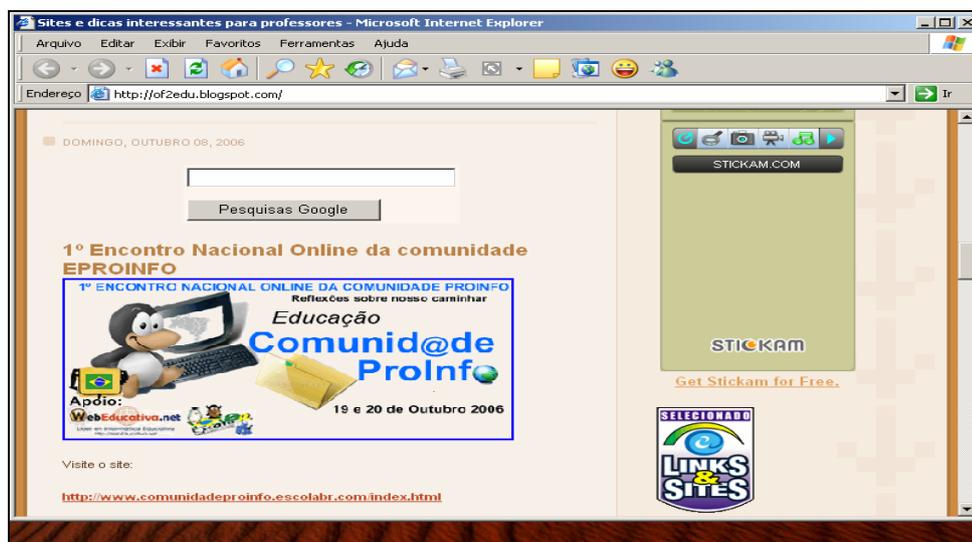


Fig.7.1 – Segmento do Blog Oficina de Educação, com informes co-relacionados.

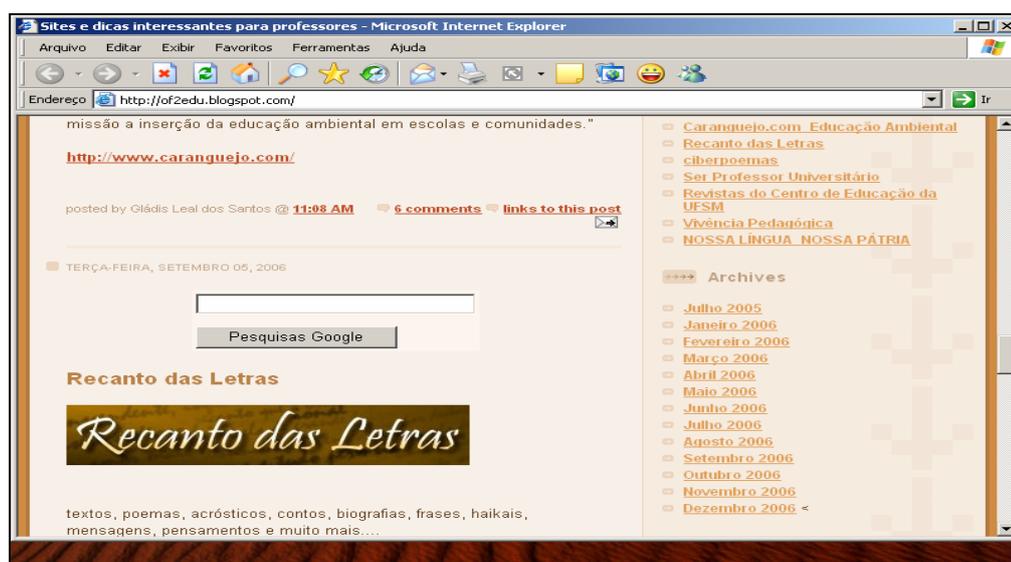


Fig.7.2 – Outro segmento analisado do Blog Oficina de Educação.

Em contexto familiar, quando presencia-se brigas entre o casal é comum ouvir o comentário: “... eles não têm nenhum diálogo...”. No entanto, utilizando-se de conceitos bakhtinianos para o diálogo, esse se estabelece a partir de interações não só harmônicas entre os sujeitos, mas especialmente nos seus conflitos ou desacordos. Outra questão posta pelo dialogismo de Bakhtin é o diálogo particular que o leitor solitário de um texto, ou enunciado, realiza levando-o a (re)elaborar um novo texto ou outro enunciado. Podemos considerar, assim,

o leitor solitário de Blogs aquele que os visita mas se abstém de deixar suas marcas em forma de comentários.

Assim, o dialogismo concede a possibilidade de diversas interpretações, ou seja, cria ressonâncias de significações variadas entre o dito e o não dito; entre um discurso e outros discursos.

Voltando-se ao conceito e uso do diálogo nos moldes tradicionais na educação, percebe-se haver na comunicação de enunciados e conteúdos do professor para seus alunos um engessamento das possíveis críticas deles para com a disciplina, uma vez que o docente trabalha como informativa e não contestável. Muitas vezes não abre possibilidade de outras interpretações que não as suas por receio de perder o controle da turma, ou seu *status* de sabedor e dono da verdade.

Talvez, nisso resulta a resistência em se reciclar, ou passar por capacitações específicas, no sentido de adotar outras posturas em seus fazeres pedagógicos, inclusive no uso das ferramentas tecnológicas tal como em um ambiente virtual e hipertextual. É muito cômodo e confortável manter tipos de discursos, de textos ou práticas que não permitam outros raciocínios, outros diálogos; que não permitam a interferência de terceiros. Porém, é salutar que se diga, nem sempre o professor age dessa ou daquela maneira por decisão pensada, refletida. Muitas de suas práticas relacionam-se de forma direta ao modo como foi capacitado, e vamos mais longe: ao modo como, também, se processou toda a sua bagagem histórico-social, suas vivências, sua construção crítica.

De qualquer modo, seja num texto impresso ou no hipertexto eletrônico, o professor ou o leitor são capazes de criarem formas diferenciadas de diálogos, seja com as suas próprias idéias por meio de um processo interno; seja por processo externo potencializada pela Internet quando realiza conexões livres entre o que está lendo e os links que o remetem a um outro espaço textual.

Na análise do Blog ABC dos Miúdos e do Lendo Histórias presentes logo abaixo, percebe-se iniciativas na busca do diálogo com o *outro* e com as próprias reflexões promovidas e despertadas nos leitores que os visitam.

O Blog ABC dos miúdos - <http://abcdosmiudos.Blogspot.com/>, havia sido citado pela professora Marli Fiorentin, despertando-nos a curiosidade. É um Blog da terra de Camões, com foco educativo, voltado para o público infantil e mantido por colaboradores não adultos ainda, mas que apesar disso é bem visitado e recebe comentários de pessoas afins aos temas propostos. Nele são referenciados temas educativos tais como links para alguns ambientes virtuais relacionados de um modo ou de outro aos assuntos que aborda.

Sua estrutura visual, na experiência relatada, apresenta-se um pouco diferente da que

nos acostumamos a encontrar na Blogosfera.

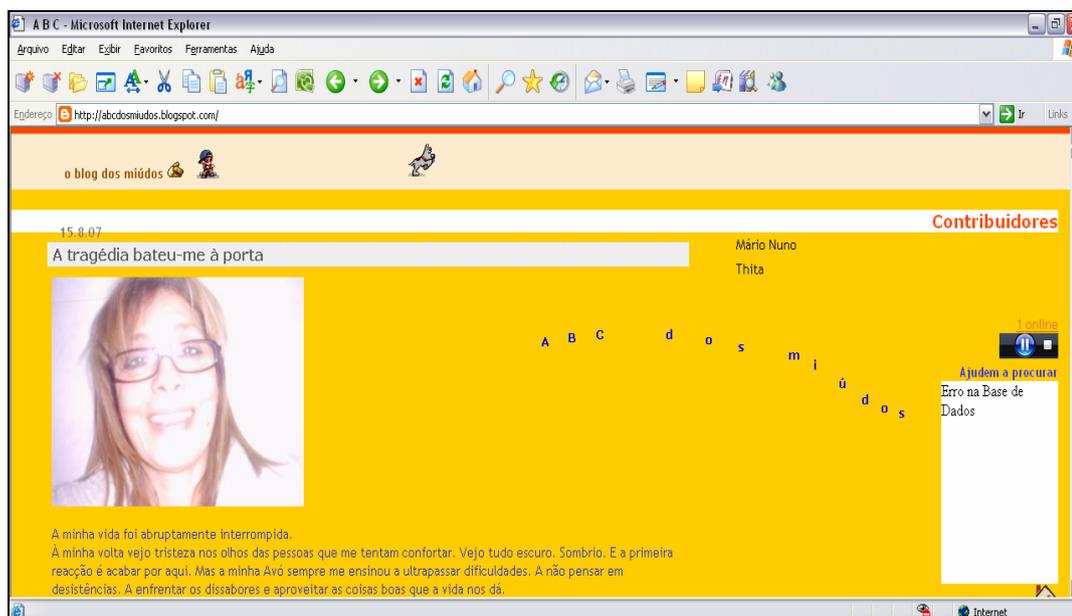


Fig.8 - Blog ABC dos Miúdos, de Portugal.

Estabelecendo novos fios virtuais, que não se pode determinar onde foi o início desse novo, o ABC dos Miúdos apresenta, dentre tantos outros, o Blog Lendo Histórias, no endereço <http://lendohistorias.Blogspot.com/>, no qual a autora, professora Fátima Franco, busca criar um espaço para que seu público seja levado a interagir como autor, por permitirmos usar a imaginação criando e alterando a estória que quiser, ensaiando possibilidades dialógicas por meio de conexões que os visitantes podem estabelecer.

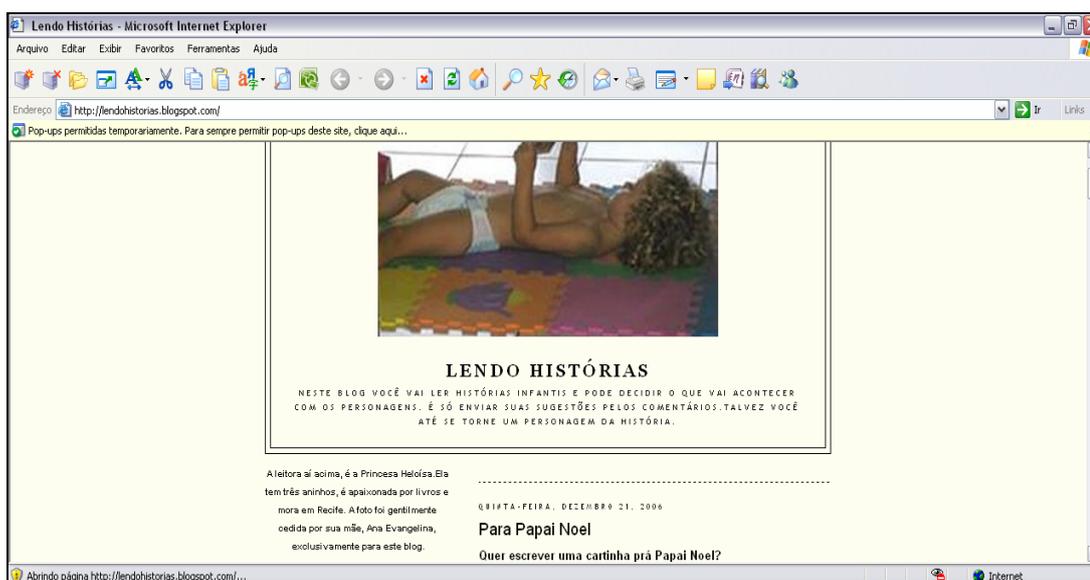


Fig.9 – Blog Lendo Histórias, promove participação autoral dos visitantes.

Prevendo essas possibilidades dialógicas, pode-se inferir das palavras das autoras Correia Dias e Antony (em relação a construção de sentidos feita pelo sujeito, suas conexões, associações entre diversos textos, desenvolvendo conteúdos e novas leituras de mundo) que na bagagem de “textos anteriores” dos sujeitos encontram-se as vivências e impressões de um mundo coletivo feito particular, a partir do dialogismo que se estabelece nesses ambientes.

Cabe, assim, ao sujeito o papel, no seu processo de leitura sobre as novas mídias, de tecer relações entre os múltiplos textos presentes, ou melhor, o sujeito é convidado a se portar de modo ativo, agrupando os fragmentos informacionais dispersos, contribuindo para potencializar a construção de seus saberes. Muitos dos Blogs educacionais visitados, objeto dessa pesquisa, não dispõem em seu espaço de mecanismos de co-criação efetiva para que o sujeito se sinta convidado a interferir e transformar as informações, ali presentes, em saberes que lhe sejam significativos.

5. Considerações Finais.

O hipertexto propicia um diálogo entre a escrita e a leitura em que as capacidades interpretativas e de construção de sentidos são potencializadas e externalizadas pelo sujeito, a partir da sua interatividade não-linear no espaço hipertextual. Quando o sujeito presencia uma experiência pode estar na posição de espectador ou participante passivo, porém, quando esse mesmo sujeito a vivencia, criando situações e atuando nelas, coloca-se como integrante e participante ativo dela.

Em nossa concepção, o texto se constitui a partir de outros textos, fragmentado ou não, emergente de variados suportes materiais sejam livros, periódicos, artigos, ou qualquer outro meio comunicacional incluindo o ambiente da grande rede Internet. Os textos são recriados nos diálogos de um grupo, de um capítulo de novela, de um desenho infantil, das imagens de uma revista, dos sons que chegam aos ouvidos. Tudo o que puder ser expresso por meio de palavras, sons, imagens e até sentimentos constituem espécies de textos, e a reunião deles em um dado espaço representa o hipertexto.

Ou seja, a multiplicidade de formatos comunicacionais fornece rico material para a tecitura de textos novos e até a (re)elaboração de textos antigos. Atualmente, isso se evidencia com a utilização do meio eletrônico por conta de as mensagens dos textos permitirem passar por permanentes (re)contextualizações possíveis nos espaços dos Blogs educacionais, por exemplo. Pois, como aponta Lévy “(...) Nas sociedades orais, as mensagens discursivas são sempre recebidas no mesmo contexto em que são produzidas.”[2005:15], e ao surgir as sociedades da escrita houve uma ruptura do contexto em que fora produzido um texto daquele em que seria lido. O tempo e a distância, muitas vezes, gera atropelos no entendimento das mensagens, contribuindo para a necessidade de se universalizar os textos escritos de modo a conservar o “mesmo sentido” independente do contexto em que fosse interpretado.

Nesse momento cabe a importância das novas tecnologias baseadas no acesso à Internet, em que o tempo e a distância passam a não ter tanta influência no não entendimento das mensagens produzidas na contemporaneidade, uma vez que o contexto pode ser percebido quase que imediatamente por quem está em contato com as informações.

No mundo contemporâneo, em que o uso das novas mídias eletrônicas abrem outras possibilidades de leitura e escrita, surge o que podemos classificar de sociedade do ciberespaço pautada no dialogismo permanente, para o qual concorre a hipótese estabelecida por Lévy em que:

(...) a cibercultura leva a co-presença das mensagens de volta a seu contexto como ocorria nas sociedades orais, mas em outra escala, em uma órbita completamente diferente. A nova

universalidade não depende mais da auto-suficiência dos textos, de uma fixação e de uma independência das significações. Ela se constrói e se estende por meio da interconexão das mensagens entre si, por meio de sua vinculação permanente com as comunidades virtuais em criação, que lhe dão sentidos variados em uma renovação permanente. [Lévy:2005:15].

No tocante ao papel do professor, enquanto único ponto de referência dentro da sala de aula ou do laboratório, poderia sim estabelecer modos diferenciados de criar interatividade participativa e rica de significados individuais tornados coletivos. Não devendo permitir, portanto, a instalação da interatividade instrumental mencionada neste estudo, embora saibamos que de certa forma ela estará presente inclusive em contextos que predominem a interatividade como defendemos.

Na sala de aula o educador é o prisioneiro liberto do “Mito da Caverna” de Platão³⁰ – filósofo ateniense morto em 347 a.C. A missão do educador é auxiliar os demais prisioneiros (alunos) a enxergarem a luz, deixando para trás o conformismo e a limitação das sombras. Mas indo além das idéias de Platão, propiciando condições para que esses alunos desenvolvam um senso crítico capaz de fazê-los verem essa luz, não se conformando em apenas aceitar e seguir os caminhos, as soluções propostas pelo educador. Faz parte de sua missão estimular construções de novos saberes baseadas na concordância e na discordância dialógicas.

O Mito da Caverna, escrito por Platão a quase 2500 anos, de acordo com Voltaire Schiling (http://educaterra.terra.com.br/voltaire/index_cultura.htm), ainda é uma das mais fortes metáforas de crítica à condição humana. Sua mensagem é atual, estimula novas reflexões à medida que se altera a perspectiva e possibilita sua aplicação nas práticas do professor se souber pôr em movimento a sabedoria nascida da busca permanente e dos conflitos abraçados em sua trajetória. A mensagem de Platão centra-se no não-conformismo com um certo saber que lhe é imposto através das sombras, porém para os que pertencem à casta social privilegiada. Para nós, a busca pelo conhecimento nas práticas educativas deverá visar a disseminação dos saberes para toda a humanidade, e não apenas para uma parte dela. Deve permitir, na disseminação do conhecimento por meio dos computadores com acesso à Internet, processos de inclusão digital que levem à inclusão social.

Observando-se as idéias apresentadas e o discernimento que deve preponderar entre elas, apresentamos os questionamentos de Platão em seu Mito da Caverna no seguinte trecho:

³⁰ - A citação de Platão nesse estudo objetiva permitir um entendimento ampliado do Mito da Caverna na contemporaneidade, no sentido de oferecer condições para o desenvolvimento crítico de cada sujeito independente de sua origem, classe social ou posses, a despeito das idéias defendidas por esse filósofo grego em seu tempo, dentre as quais podemos citar sua aversão a democracia. Platão, aristocrata e conservador, defendia que cada um deveria ocupar um lugar na sociedade conforme sua origem social, não aceitando que houvesse tentativas de alterá-la ou subvertê-la. Desse modo, Platão defendia a permanência de castas sociais divididas em remediados, pobres e ricos. Apenas os mais abastados, incluindo nível de educação e sabedoria altos, poderiam governar o Estado.

Platão então pergunta (...), o que aconteceria se este ser que repentinamente descobriu as maravilhas do mundo dominado por Hélios, o fabuloso universo inteligível, descesse de volta à caverna? Como ele seria recebido? Certamente que os que se encontram encadeados fariam mofa dele, colocando abertamente em dúvida a existência desse tal outro mundo que ele disse ter visitado. (...) Dessa forma, Platão traçou o desconforto do homem sábio quando é obrigado a conviver com os demais homens comuns. Não acreditam nele, não o levam a sério. Imaginam-no um excêntrico, um idiossincrático, (...), quando não um rematado doido (destino comum a que a maior parte dos cientistas, inventores, e demais revolucionários do pensamento tiveram que enfrentar ao longo da história). Deveria por isso o sábio então desistir? (...) Hostil à idéia da vida monacal ao estilo dos pitagóricos, Platão foi incisivo: o conhecimento do sábio deve ser compartilhado com seus semelhantes, deve estar à serviço da cidade. O filósofo cheio de sabedoria (...), que leva uma existência de eremita, acreditando-se um habitante das ilhas afortunadas, de nada serve. (...). [Schilling, disponível em: www.educatererra.terra.com.br/voltaire/cultura/caverna.htm].

Assim, também é com a sabedoria do professor. De nada servirá se não for posta a serviço com e para os alunos. Pois, a despeito dos novos paradigmas da tecnologia, o computador e seus recursos não podem ser considerados apenas mais um recurso didático, o papel do professor continua sendo de grande relevância para a indicação de múltiplos caminhos que o seu aluno pode seguir.

Entendam-se esses caminhos no plural porque ao professor não seria lícito descrever apenas uma possibilidade disponível aos seus alunos, muito pelo contrário. Deve-se proporcionar aos aprendentes diversas vias de acesso ao conhecimento, tendo em vista não existir uma única verdade, uma única fonte do saber. As novas tecnologias mediadas por computador e Internet estão cada vez mais imbrincadas no cotidiano da sociedade, alterando de modo bastante considerável as relações entre os sujeitos, e entre estes e o saber. Portanto, concordamos com o que apregoa Lévy no tocante à cibercultura para quem

O uso crescente das tecnologias digitais e das redes de comunicação interativa acompanha e amplifica uma profunda mutação na relação com o saber(...) Ao prolongar determinadas capacidades cognitivas humanas (memória, imaginação, percepção), as tecnologias intelectuais com suporte digital redefinem seu alcance, seu significado, e algumas vezes até mesmo sua natureza.

A grande questão da cibercultura,(...) é a transição de uma educação e uma formação estritamente institucionalizadas (a escola, a universidade) para uma situação de troca generalizada dos saberes, o ensino da sociedade por ela mesma, de reconhecimento autogerenciado, móvel e contextual das competências.[Lévy:2005:172].

Interessa-se, portanto, nesse percurso, ao professor a tomada de consciência de que o seu entendimento das coisas não deverá ser, necessariamente, o mesmo para sua turma. Aliás, há de compreender que não é a sua consciência, a sua voz, a sua idéia sobre as coisas que interferem no meio, mas é o meio, através das interações sociais em todos os níveis, que interferirá nas consciências de modo a produzir (re)significações dos discursos que possam promover a tão desejada transformação da sociedade.

Nosso trabalho busca a continuidade, a concordância e acima de tudo a discordância dialógica, pois os pensamentos, as idéias, não têm fim, é um eterno rizoma. Busca sim, o entrelaçamento, a multiplicidade de sentidos possíveis por meio da reflexão sobre os discursos em que nos envolvemos e suas transformações. O hipertexto, a interatividade e o dialogismo são peças desse rizoma que queremos ver atuantes nas práticas pedagógicas.

Vimos, nas tantas observações realizadas sobre os Blogs educacionais, que é possível melhorar essas práticas em contexto que permita a busca reflexiva pelo conhecimento. As iniciativas dos professores que trabalharam com Blogs se pautaram pelas melhores intenções, inclusive em alguns exemplos fundamentaram-se nas teorias de pensadores e estudiosos tal como Bakhtin.

A despeito disso, no entanto, os ambientes de Blogs educacionais, salvo alguns poucos exemplos, carecem de aprimoramento no tocante ao modo rígido e linear como são formatados os textos (hipertextos) que os compõem. Esse modo rígido e linear do hipertexto oferta pouca liberdade para os alunos interferirem, modificarem os conteúdos, reconstruindo-os por meio das interações dialógicas entre os sujeitos enquanto seres sociais, e mais ainda pela interatividade de sentidos.

É possível, por meio de recursos das novas tecnologias aliadas a propostas pedagógicas embasadas no saber ouvir o discurso do outro, saber pensar e refletir, e saber fazer, transformar os Blogs educacionais instrucionais de hoje em Blogs educacionais de construção e reconstrução dos saberes. É necessário balancear os diversos textos (imagens, sons, textos escritos, vídeos) nesses Blogs; é necessário abrir espaço para o diferente, o igual, o contrário, o conflito, o consenso, a concordância e a discordância. Para pontuar estas últimas considerações e enriquecer esse entendimento convidamos nossos leitores à reflexão das palavras de Paulo Freire e Bakhtin para os quais:

Se a estrutura do meu pensamento é a única certa, irrepreensível, não posso escutar quem pensa e elabora seu discurso de outra maneira que não a minha. Nem tampouco escuto quem fala ou escreve fora dos padrões da gramática dominante. E como estar aberto às formas de ser, de pensar, de valorar, consideradas por nós demasiado estranhas e exóticas de outra cultura?

Vemos como o respeito às diferenças e obviamente aos diferentes exige de nós a humildade que nos adverte dos riscos de ultrapassagem dos limites além dos quais a nossa autovalia necessária vira arrogância e desrespeito aos demais. [Freire:1996:136-137].

Não se pode interpretar a compreensão como passagem da linguagem do outro para a minha linguagem.

Compreender o texto tal qual o próprio autor de dado texto o compreendeu. Mas a compreensão pode e dever ser melhor. A criação poderosa e profunda em muitos aspectos é inconsciente e polissêmica. Na compreensão ela é completada pela consciência e descobre-se a diversidade dos seus sentidos. Assim, a compreensão completa o texto: ela é ativa e criadora.

(...)

O sujeito da compreensão não pode excluir a possibilidade de mudança e até de renúncia aos seus pontos de vista e posições já prontos. No ato da compreensão desenvolve-se uma luta cujo resultado é a mudança mútua e o enriquecimento.

(...)

A concordância-discordância ativa (...) estimula e aprofunda a compreensão, torna a palavra do outro mais elástica e mais pessoal, não admite dissolução mútua e mescla. [Bakhtin:2003:377-378].

6. - REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Blogs e sites explorados no decorrer dos trabalhos :

- <http://www.boingboing.net/> - Boing Boing tratando de novidades na Internet.
- www.technorati.com – da Technorati, site especializado em diários pessoais.
- <http://dooce.com> - Dooce da designer Heather Armstrong,
- <http://gizmodo.com> - Gizmodo de Nick Denton,
- <http://blogads.com> - Blogads focado em artigos publicitários em Blogs,
- <http://gawker.com> - Gawker voltado para fofocas,
- <http://www.riverbendBlog.Blogspot.com/> -Blog do iraquiano Salam Pax tratando do ataque americano à Bagdá,
- <http://www.theatlantic.com/doc/194507/bush> - site com artigo “As We May Think” escrito em 1945 por Vannevar Busch,
- <http://www.interney.net/> - do programador brasileiro Edney Souza sobre tecnologia e variedades,
- <http://oglobo.globo.com/pais/noblat/> - Blog do jornalista Ricardo Noblat sobre política,
- <http://blogdojuca.blog.uol.com.br/> - Blog esportivo do jornalista Juca Kfourri,
- <http://Blogdavovo.Blogspot.com/2007/04/> - Blog de alunas da terceira idade publicam poesias, dicas diversas, assuntos de etiqueta, receitas e outros.
- <http://www.trivium.fr> – site da empresa Trivium S.A., responsável pelas “árvores de conhecimentos”,
- http://www.dae.ufla.br/revista/revista//2003/2003_1/revista_v5_n1_%20jan_jun2003.6p_df – artigo da Mônica Carvalho Alves Capelle, Marlene Catarina de Oliveira Lopes Melo e Carlos Alberto Gonçalves – sobre Análise de conteúdo e Análise de discurso.

Blogs focados na educação:

- <http://planeta.terra.com.br/educacao/Gutierrez/Blogs/zapt> - Zaptologs da Suzana Gutierrez (e-mail ssguti@terra.com.br) – projeto de mestrado envolvendo os Blogs.
- <http://www.cinted.ufrgs.br/renote/set2003/artigos/projetozaptlogs.pdf> - artigo referente à defesa de mestrado da professora Suzana Gutierrez. – último acesso em 1/4/2007
- <http://luisdhein.blogspot.com/2007/10/andrea-c-ramal.html> - Andrea Cecília Ramal
- <http://www.riverbendblog.blogspot.com/> - Blog de Iraquiana – prêmio literário Blog

"Baghdad Burning" ("Bagdá em Chamas"),

- <http://caicmariano.Blogdrive.com> – do CAIC Professor Mariano Costa.- último acesso em 28/4/2007 – Profª Gládis
- http://revistaescola.abril.com.br/edicoes/0195/aberto/mt_161419.shtml - revista Nova Escola, último acesso em 28/4/2007
- <http://lousadigital.blogspot.com/> - o Lousa Digital da educadora Sônia Bertocchi – para reflexão coletiva sobre uso pedagógico da Internet.
- <http://acelera2005.Blogdrive.com/> da professora Gládis de SC –coordenadora de informática educacional em Joinville.
- <http://trocandolettras.zip.net/> - Trocando Letras, das professoras Gládis e Marli Fiorentin.
- <http://of2edu.Blogspot.com> – Oficina da Educação.
- <http://vamosBlogarbr.Blogspot.com/> - Vamos Blogar.
- <http://palavraaberta.Blogdrive.com/> - Palavra Aberta.
- <http://www.ufrgs.br/tramse/classicos/> - Relendo Clássicos (Blog colaborativo).
- <http://www.ufrgs.br/tramse/med/> - Prática Educativa em Medicina.
- <http://www.ufrgs.br/tramse/intramse/> - InTramse.
- <http://www.ufrgs.br/tramse/argos/> - Argumento.
- <http://br.buscaeducacao.yahoo.com/net> -
- <http://intermezzo-weBlog.Blogspot.com/> - Intermezzo – de Portugal.
- <http://industrias-culturais.Blogspot.com/> -
- <http://www.ecuaderno.com> – e-Cuaderno – Espanha.
- <http://Blog.lisbonlab.com/> - (merece ser mais explorado).
- <http://br.geocities.com/marlifiore/Caxias/Blogs.htm> - da professora Marli –
- <http://Blogger.globo.com/br/about.jsp> - acessado pela última vez em 10/3/2007
- <http://www3.iath.virginia.edu/elab/> - The Electronic Labyrinth Page
- http://pt.wikipedia.org/wiki/Projeto_Xanadu - Site da Wikipédia em português
- <http://es.geocities.com/movilwagg/Blogosfera.html> - Por qué un Blog: La pregunta clasica.
- http://educaterra.terra.com.br/voltaire/index_cultura.htm de Voltaire Schilling acessado em 04/2006 e 20/1/2007
- **Mito da Caverna. Platão.** Versão de Maurício de Souza.
www.ufrgs.br/lch/repositorio/mito_caverna.ppt - [Páginas Semelhantes](#)

LIVROS PESQUISADOS / CONSULTADOS:

- ALVES-MAZZOTTI, Alda Judith; GEWANDSZNAJDER, Fernando.2004.*O método nas ciências naturais e sociais: pesquisa quantitativa e qualitativa.*São Paulo:ed.Pioneira Thompson Learning.
- AMORIM, Marília.2004.*O pesquisador e seu outro: Bakhtin nas ciências humanas.*São

Paulo:ed.Musa.

- QUIVY, Raymond;CAMPENHOUDT, Luc Van.obra traduzida por João Minhoto Marques, Maria Amália Mendes e Maria Carvalho.1998.*Manual de Investigação em Ciências Sociais* (Lisboa) ed.Gradiva.
- BAKHTIN, Mikhail.1997.*Estética da criação verbal*.2.ed.São Paulo: Martins Fontes.
- _____, Mikhail.2003.*Estética da criação verbal*.4.ed.São Paulo: Martins Fontes.
- _____, Mikhail.2004-11ªedição..*Marxismo e filosofia da linguagem*.6.ed.Trad. de M.Lahud e Y.F.Vieira. São Paulo:Hucitec.
- BEZERRA, Paulo.2005.*Polifonia*.In: BRAIT, Beth (Org.).*Bakhtin: conceitos-chave*.São Paulo:ed. Contexto.
- BUENO, Francisco da Silveira Bueno.2000.*Minidicionário da língua portuguesa*. São Paulo.ed. FTD.
- BRAIT, Beth.2005.*Bakhtin: conceitos-chave (org.)*.São Paulo:ed.Contexto
- CASTELLS, Manuel. 2003. *A Galáxia da Internet: reflexões sobre a Internet, os negócios e a sociedade*.Rio de Janeiro:Jorge Zahar Editor.
- CIPRIANI, Fábio.2006.*Blog Corporativo*.São Paulo: ed. Novatec
- COMESU, Fabiana Cristina. 2004.*Blogs e as práticas de escrita sobre si na Internet*. In: MARCUSCHI, Luiz Antônio; XAVIER, Antônio Carlos (Orgs.). *Hipertexto e gêneros digitais: novas formas de construção de sentido*. Rio de Janeiro: ed. Lucerna.
- CORREIA DIAS, Ângela Álvares; ANTONY, Geórgia.2003.*Educação hipertextual na ação e a diversidade como materiais didáticos*. In:FIORENTINI, Leda Maria Rangel;MORAES, Raquel de Almeida.2003.(Org.)*Linguagens e Interatividade na Educação a Distância*. Brasília: ed. DP&A.
- CORREIA DIAS, Ângela Álvares;CHAVES FILHO,Hélio.2003.*A gênese sócio-histórica da idéia de interação e interatividade*.In: SANTOS, Gilberto Lacerda (Orgs.). *Tecnologias na educação e formação de professores*. Brasília:Plano Editora.
- DELEUZE, Gilles;GUATTARI.2006 -4ª reimpressão.*Mil Platôs: capitalismo e esquizofrenia*.Rio de Janeiro:ed. 34.
- DEMO, Pedro.2003.*Instrucionismo na Nova Mídia*.In:SILVA, Marco.*Fundamentos da Aprendizagem Online*.São Paulo:ed. Loyola.
- FIORIN, José Luiz.2003.*Polifonia textual e discursiva*.In:BARROS, Diana Luz Pessoa de;FIORIN, José Luiz (Orgs.). *Dialogismo, Polifonia, Intertextualidade: em torno de*

Bakhtin. São Paulo: ed. Edusp.

- FOUREZ, Gérard. 1995. *A construção das ciências: introdução à filosofia e à ética das ciências*. São Paulo: ed. UNESP.
- FREIRE, Paulo. 1996. *Pedagogia da Autonomia: saberes necessário à prática educativa*. São Paulo: ed. Paz e Terra.
- GIL, Antônio Carlos. 1999. *Métodos e Técnicas de Pesquisa Social*. São Paulo: ed. Atlas.
- GUTIERREZ, Suzana. *WeBlog e Educação*. 2003. disponível em www.cinted.ufrgs.br/remote/set/2003/artigos/projetozaptlogs.pdf acesso em 20/out/2003.
- HEWITT, Hugh. 2007. *Blog: entenda a revolução que vai mudar o seu mundo*. Rio de Janeiro: ed. Thomas Nelson.
- MEKSENAS, Paulo. 2002. *Pesquisa Social e Ação Pedagógica: conceitos, métodos e práticas*. São Paulo: ed. Loyola.
- MINAYO, M. C. de S. 2000. *O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde*. São Paulo: ed. Hucitec.
- MORAN, José Manuel; MASETTO, Marcos T.; BEHRENS, Marilda Aparecida. 2002. *Novas tecnologias e mediação pedagógica*. Campinas, SP: ed. Papirus.
- MOREIRA, Daniel Augusto. 2002. *O método fenomenológico na pesquisa*. São Paulo: ed. Pioneira.
- PROFESSOR, Site do. Junho/Julho 2004. *Blog: diário (de aprendizagem) na rede*, In: Revista Nova Escola, São Paulo. Disponível em: <www.novaescola.com.br> e www.empedilsonduarte.hpg.ig.com.br .
- KLEIMAN, Ângela B. 2003. *Leitura e Interdisciplinaridade*. Campinas-SP: ed. Mercado das Letras.
- LEMOS, Cláudia T.G. de; 2003. *A função e o destino da palavra alheia : três momentos da reflexão de Bakhtin*. In: BARROS, Diana Luz Pessoa de; FIORIN, José Luiz (Orgs.). *Dialogismo, Polifonia, Intertextualidade: em torno de Bakhtin*. São Paulo: ed. Edusp.
- LÉVY, Pierre. 2005-5ª reimpressão. *Cibercultura*. São Paulo: ed. 34.
- _____. 2006-14ª reimpressão. *As Tecnologias da Inteligência: o futuro do pensamento na era da informática*. Rio de Janeiro: ed. 34.
- LÜDKE, Menga; ANDRÉ, Marli E.D.A.. 1986. *Pesquisa em educação: abordagens*

qualitativas. São Paulo: ed. EPU.

- MORAES, Raquel de Almeida. 2003. *A primeira década de Informática Educativa na escola pública no Brasil: a história dos projetos Educom, Eureka e Gênese*. In: SANTOS, Gilberto Lacerda (Orgs.). *Tecnologias na educação e formação de professores*. Brasília: Plano Editora.
- PALLOFF, Rena M.; PRATTI, Keith. 2002. *Construindo Comunidades de Aprendizagem no Ciberespaço: Estratégias eficientes para a sala de aula on-line*. Porto Alegre: ed. Artmed.
- PAX, Salam. 2003. *O Blog de Bagdá: o diário de um jovem numa cidade bombardeada*. São Paulo: ed. Companhia das Letras.
- SAVIANI, Dermeval. 2005. *Pedagogia Histórico-Crítica*. Campinas – SP: ed. Autores Associados.
- SAVIOLI, Francisco Platão; FIORIN, José Luiz. 2006. *Lições de texto: leitura e redação*. São Paulo: ed. Ática.
- SILVA, Marco. 2003. *Criar e Professorar um Curso Online: relato de experiência*. (In): *Fundamentos da Aprendizagem Online (org.)*. São Paulo: ed. Loyola.
- SCHITTINE, Denise. 2004. *Blog: comunicação e escrita íntima na internet*. Rio de Janeiro: ed. Civilização Brasileira.
- WANDELLI, Raquel. 2003. *Leituras do Hipertexto: viagem ao dicionário Kazar*. São Paulo: ed. UFSC.

REVISTAS / PERIÓDICOS

Época: Julho/2006: pág. 99]

7. ANEXOS

O Patinho Feio pelas alunas Sheila e Sinara

10/10/2005

Aceitando o desafio do escritor Marcelo Spalding

Sheila e Sinara da Turma 81 reescreveram

O Patinho Feio



Uma bela moça que estava às vésperas de se casar, de acordo com a lei da família. Aí ela resolveu fazer uma festa com uma disputa com os rapazes de lá. Num povoado pouco distante dali viviam quatro irmãos, a mãe deles trabalhava lá na casa da moça e ouvindo os comentários e os preparativos resolveu falar para

Fig.10 – Primeiro recorte do Patinho Feio

os seus filhos, todos quiseram ir porque sabiam que eram os mais bonitos. O filho mais novo se achava muito feio e todos do lugar debochavam dele, mas apesar das circunstancias ele foi, pois não queria nada além de uns momentos perto daquela linda moça, porque ele nunca teria chances com ela.

No dia combinado os quatro irmãos estavam lá. O mais novo se sentia ridículo em frente de todos os rapazes mais lindos, aí a bela moça chamou os irmãos e anunciou a eles que ela daria a cada um deles uma semente e aquele que dentro de 2 meses lhe trouxesse a flor mais linda seria o seu noivo.

Os quatro foram para casa, os três mais velhos foram felizes, porque sabiam que iriam ganhar e o mais novo, todos debochavam dele, porque ele iria

Fig.11 – Segundo recorte do Patinho Feio

perder. Passavam-se os dias e as flores dos mais velhos eram as mais bonitas, mas a semente dele não brotava nada, ele tinha tentado de todas as maneiras que ele sabia, mas nada adiantava. Aí ele tinha pensado em fugir, pois com ele nada dava certo, mas não adiantou ele teria que ir, pois achariam ele. Os 2 meses haviam chegado e os irmãos estavam lá. Todos davam risada do mais novo, pois ele era feio demais para ser o escolhido e estava com o seu vaso sem nenhuma flor.

Após a moça verificar cada um dos vasos, ela anunciou o resultado e escolheu o mais novo e feio. Os três irmãos tiveram as mais inesperadas reações:

Fig. 12 – Terceiro recorte do Patinho Feio

_ Puxa, dois meses esperando a flor mais linda e ela escolhe aquela que nem sequer brotou nada e ainda deste ridículo rapaz!!!

Aí a moça calmamente responde:

_ A cada um de vocês eu dei uma semente falsa a você foi o único que foi sincero e veio com o vaso vazio, você cultivou a flor que existe dentro de você, pois não importa as suas aparências, mas sim o que você é por dentro.

Se para vencer na vida estiver em jogo a sua honestidade e o que você é de verdade por dentro, perca; você será sempre um vencedor.

Assim mais como o irmão mais novo, ele não se importou com o que os outros pensaram dele e no final ele se deu bem.

::Escrito por M@rli às 16h57
 [[\(14\) Vários Comentários](#)] [[envie esta mensagem](#)]

Fig.13 – Quarto recorte do Patinho Feio.

Comentários de alunos:

Nós gostamos muito do blog porque é um lugar aonde agente trabalha junto pondo nossas idéias em pratica, discutindo-as com outras pessoas na rede.

Elvis e Everaldo -

turma 82

Fig.14 - Comentário 3

Gostamos muito do blog, pois aprendemos muitas coisas legais, interagimos com pessoas de outros estados e até de outro país(Portugal), utilizamos a internet para estudos e aprendemos muitos contos.Falamos com escritores(Luís Dill, Caio Riter, Marcelo Spalding e Wellington Pinto), o

mágico(Eric Chartiot), o cantor(Valdomiro Maicá)

Mateus, Cristiano e

Ademir – Turma 81

Fig.15 - Comentário 4.

Foi muito bom trabalhar com o blog, gostamos também porque interagimos com pessoas de outros lugares,... O blog não é um meio onde não só temos nossas opiniões, mas sim de varias pessoas e de vários lugares. Ele também é um incentivo a leitura e que nos mostra a realidade.

Daniela e Lauriane –

Turma 81

Fig.16 : Comentário5.

A experiência de trabalhar com blog foi muito boa, pois, tivemos a chance de interagir com outras pessoas, sabendo o que elas pensam sobre certos assuntos. Seus sonhos e suas dificuldades também foram conceitos usados no nosso blog. A gente espera que o ano de 2006, seja feito de coisas novas, interessantes e cheio de experiências e que nós possamos pensar bem no que fazemos.

Desejamos a todos um Feliz Natal e Um Próspero Ano Novo !!!

Suélen e Renan. T:81

Fig.17 - Comentário 6.

Eu aprendi com o blog a interagir com pessoas de outras cidades, estados, e até de outros países. Lá eu publicava a minha idéia e pessoas do mundo inteiro podiam ler. O trabalho foi tão bom que chegamos de aparecer na TV Escola, em rede nacional. Eu gostei de trabalhar com o blog por que se sai um pouco da sala e vai num lugar onde o aprendizado é mais moderno. Ricardo – Turma 81

Fig.18 – Comentário7.

Neste ano nós aprendemos a criar e cuidar seriamente de um blog. Nós interagimos com pessoas de Portugal na qual aprendemos seus métodos de ensino e como eles vivem. A partir do blog nós começamos a conhecer novas pessoas de outras cidades que visitaram o blog Vidas Secas. A TV Escola veio nos visitar para fazer uma reportagem sobre o nosso blog. Nós interagimos também com os escritores Luís Dill, Marcelo Spalding, Caio Riter e Welington Pinto. Daivan, Jussinei T:81

Fig.19 - Comentário 8

Neste ano que passou, aprendemos muitas coisas com o blog, por exemplo, a realidade da seca. Gostamos muito do blog, pois nós podemos interagir com outras pessoas, também achamos interessante o intercâmbio com Portugal. Foi muito legal porque podemos falar com vários escritores, podemos também fazer comentários e ouvir o que as outras pessoas tinham a dizer sobre o nosso trabalho. Clauber, Giovani.V.

T: 81

Fig.20 - Comentário 9.